

JANSENISMO FRANCÊS  
NUM CÓDICE DA BIBLIOTECA  
NACIONAL DE PORTUGAL

# 1. D. GABRIEL GERBERON E A DEFESA DA IGREJA ROMANA CONTRA AS CALUNIAS DOS PROTESTANTES (CALVINISTAS)

Alguém escreveu que as doutrinas jansenistas eram aberrantes da tradição nacional<sup>1</sup>. Contudo, as nossas bibliotecas estão cheias de obras de autores jansenistas. O P. Miguel de Oliveira só poderia referir-se à época anterior à expulsão dos jesuítas (1759) e à transformação da Inquisição em tribunal régio. Porque, na época seguinte, a literatura jansenista e regalista entrou livremente no país e invadiu as bibliotecas das congregações religiosas<sup>2</sup>. Fortunato de Almeida tem razão quando aponta a presença do jansenismo no consulado pombalino<sup>3</sup>. Mas essa presença prolongou-se para além do reinado de D. José, e faz-se sentir quer na produção impressa, quer em obras traduzidas. Na Biblioteca Pública Municipal do Porto, por exemplo, encontramos obras de Antoine Arnauld, de Gabriel Dupac de Bellegarde, Blandinière, Du Guet, Bidal de Asfeld, Dupin, Claude Fleury, Royaumont (Nicolas Fontaine e Lemaistre de Sacy), Genet, Jean Pierre (ou Jean Étienne) Gourlin, João Baptista Guadagnini, o *Augustinus* de Cornelio Jansenio, Gaspar Juenin, Jean Launoy, Gabriel Nicolas Maultrot, Pierre Nicole, Jean Opstraët, Vincenzo Palmieri, Pasquier Quesnel, Rastignac, Edmond Richer, Charles Rolin, Lemaistre de Sacy, Saint Cyran, Pietro Tamburini, José Valla, José Zola, Guilherme Estio, Van Espen, as Actas do Sínodo de Pistoia (*Actes et Decrets du Concile Diocesain de Pistoie*) e o jornal jansenista *Nouvelles Ecclésiastiques*.

Gourlin, Opstraët, Tamburini, Gerberon, Pelvert tiveram algumas das suas obras traduzidas em português<sup>4</sup>. Outras ficaram manuscritas. É o caso do códice 13049 da Secção

<sup>1</sup> P. Miguel de Oliveira, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa. 1940, p. 252. Em 1953 escrevia o Professor Silva Dias: jansenismo em sentido teológico, cremos que nunca o houve no nosso país. Pelo menos, não lhe encontramos até hoje qualquer rasto (*Portugal e a Cultura Europeia*, p. 140).

<sup>2</sup> Na Biblioteca Municipal do Porto existe à disposição do investigador um catálogo manuscrito, em três volumes, de obras de Teologia idas das congregações religiosas da cidade. Muitas delas são de conhecidos autores jansenistas.

Mas também nos seminários se encontram obras dessa natureza. Por exemplo, na Biblioteca do Seminário do Porto estão presentes as obras mais significativas do maior jansenista italiano, Pietro Tamburini: *De summa catholicae de gratia Christi doctrinae praestantia, utilitate ac necessitate dissertatio* (...). Ticini, 1790; *Vera idea della Santa Sede*. Milão, 1818; *De Verbo Dei Scripto et Tradito*. Ticini, 1789-1790; *Praelectiones de justitia christiana et de sacramentis*, tomo I e II; *De ultimo hominis fine*, vol. III; *De Ethice christiana*, tomo IV; *De Locis Theologicis*, Ticini, 1783-1790.

Também do jansenista José Zola, colega de Tamburini, há os *Commentariorum de rebus christianis prolegomena*. (Ticini, Monast. S. Salvatoris, 1787). Do jansenista flamengo Opstraët: *Theologus Christianus* (Vicenza, 1770); *De Locis Theologicis Dissertationes Decem* (Veneza, 1769); *Pastor Bonus* (Venetiis, 1788). Presentes também a obra de Arnauld *De la Frequent Communion*, bem como a chamada «Teologia de Lião» – *Institutiones theologicae Auctoritate D. D. Archiepiscopi Lugdunensis ad usum scholarum suae diocesis* (1784, 6 vols.).

Nos Seminário de Coimbra regista-se a presença do dominicano Gazzaniga, não de todo isento de erro; no de Faro foram utilizados no ensino o canonista Van Espen, Besombes, e Francisco Geneto, autor da chamada «Moral de Grenoble», de inspiração jansenista.

<sup>3</sup> *História da Igreja em Portugal* (ed. de Damião Peres), III, p. 242-350.

<sup>4</sup> Alguns exemplos de obras jansenistas traduzidas: de Guadagnini – *Parecer sobre os chamados actos de Fé, Esperança e Caridade e de outras virtudes christans*. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade, 1798. Tradução do Doutor António Soares

dos Reservados da Biblioteca Nacional de Portugal, um conjunto de textos, todos eles de carácter jansenista.

O códice, de 83 fólhos, consta de 6 partes:

1. Instrução sobre as promessas feitas por Jesus Christo à sua Igreja (fl. 1-9v.);
2. Conversações de Deodato e de Romano em que se explica a doutrina cristã sobre a Predestinação e a Graça de Jesus Christo (fl.11-56);
3. O Pelagianismo (fl. 56 v. 61);
4. Juízo exacto da crença católica comparada com os sentimentos dos Protestantes e Pelagianos acerca do Mistério da Predestinação e Graça de Jesus Christo; (fl.62-71);
5. Regras que se devem seguir nas contestações presentes sobre as verdades católicas;
6. Diálogo entre Teotimo e Filopista sobre a concórdia da Graça com o livre arbítrio (fl.74-83v).

1. A *Instrução...* é uma defesa das doutrinas jansenistas. Não tem autor nem está datada. É seguramente posterior à Bula *Unigenitus Dei Filius*, de 1713, e faz a apologia dos Apelantes que surgiram em 1717<sup>5</sup>. Parece-nos, pela análise interna, que deve situar-se um pouco mais tarde, na década de vinte ou princípios da seguinte.

Começa por afirmar que a pregação do corpo dos legítimos Pastores sobre matéria revelada deve ser aceite e acreditada. Mas, quando se trata de factos novos, não revelados, não estamos obrigados a acreditar. Trata-se, então, de simples opiniões, como é o caso da Assunção e da Conceição Imaculada da Virgem Maria. Factos não revelados, como o facto de Jansénio.

Barbosa, como consta do catálogo das suas obras de que dá conta seu irmão Jerónimo Soares Barbosa na sua obra *As Duas Línguas*, ou *Grammatica Philosophica da língua portuguesa*. Coimbra, 1807.

*Compendio da Historia do Antigo e Novo Testamento com as razões com que se prova a verdade da Nossa Religião*. Traduzido da língua francesa para instrução da mocidade portuguesa por António Soares. Nova edição correcta, Lisboa: Na Impressão Regia, 1830.

*História Sagrada do Velho e Novo Testamento* (Bíblia de Royaumont). Traduzido por L. Paulino da Silva Azevedo. Lisboa, 1758. Teve várias edições.

De Gourlin – *Educação e Instrução christam em forma de Cathecismo por outro nome Cathecismo de Nápoles*. Trad. de António Soares Barbosa;

De Pelvert – *Carta de um Theologo sobre a distinção das duas Religiões, Natural e Revelada*. Traduziu António Soares Barbosa.

De Tamburini – *Análise do livro das Prescrições de Tertuliano com algumas observações*. Lisboa, Typographia Moraziana, 1788. Existe na Biblioteca Nacional de Portugal uma tradução manuscrita, datada de 1792, da autoria de Domingos dos Santos Sarmiento Ferreira (cod. 13076 da Secção dos Reservados).

<sup>5</sup> A Bula *Unigenitus* promulgada a 8 de Setembro de 1713 pelo Papa Clemente XI causara uma grande divisão na Igreja de França. Depois da morte de Luís XIV (1 de Setembro de 1715) alguns Bispos e alguns milhares de Padres, sobretudo regulares, com a protecção do Regente, Filipe de Orléans, que lhes era favorável, protestaram contra a bula e apelaram ao Concílio Geral. Entre os Bispos *apelantes* estavam o de Boulogne, de Mirepoix, de Montpellier e o de Senez. Os apelantes foram excomungados pela Bula *Pastoralis officii* de Clemente XI, de 28 de Agosto de 1718. Só em 1730 foi a Bula *Unigenitus* declarada lei de Estado.

Não colide com a promessa da assistência feita por Jesus Cristo que algumas verdades reveladas, e mesmo doutrinas definidas em concílios ecuménicos, possam atravessar períodos de obscuridade e mesmo de contestação. Assim acontece, por exemplo, com a doutrina da superioridade do Concílio ao Papa, tal como foi definida no Concílio de Constância no século XV, hoje fortemente contestada pelos ultramontanos. Nem tão pouco que um grande ou mesmo grandíssimo número de Bispos possam ensinar doutrinas erróneas, como acontece com as pretensões ultramontanas, opostas à Sagrada Escritura e à Tradição, ensinadas, não obstante, pelo Papa e um grande número de Bispos, excepto os de França. Seguir o maior número nem sempre é regra segura<sup>6</sup>. Haja em vista a doutrina errónea da suficiência da atribuição servil sem o amor de Deus, que, entretanto, também é ensinada.

Mas a Igreja não deixa de ser a depositária da verdade, ainda quando a maior parte segue o erro. E não se está a atacar a infalibilidade da Igreja, quando se diz que molinistas e ultramontanos defendem erros perniciosos. A Igreja tolera erros que não aprova.

O molinismo, a atribuição servil são tolerados. Não os condena o corpo dos Pastores. Mas os Teólogos mais esclarecidos combatem-nos, como contrários à doutrina antiga. Um pequeno número – o bom grão – combate o joio.

O mesmo se pode dizer relativamente à relaxação dos últimos tempos, introduzida na disciplina da Penitência, e por cujo restabelecimento lutam os bons Fiéis.

Os Protestantes não podem rejeitar a infalibilidade da Igreja com o argumento de que os Concílios autorizaram o erro, quando atribuíram ao Papa o poder indirecto sobre o temporal. Esse erro nunca foi definido como dogma e consagrado pela unanimidade dos Pastores. Embora pareça que a multidão dos Bispos aceita hoje a Bula *Unigenitus*, que autoriza erros como o molinismo e nega a necessidade do amor de Deus, não podem os Protestantes com esse fundamento contestar a infalibilidade da Igreja. Tais erros não são consagrados pela unanimidade dos Bispos. E, por isso, é legítimo rejeitá-los.

Qualquer ponto de doutrina contestado na Igreja só pela autoridade unânime dos Pastores pode ser decidido. O Papa, só por si, não o pode fazer. Mesmo unido ao maior número, porque a infalibilidade não foi prometida ao maior número, mas ao corpo dos Pastores. É o caso da Bula *Unigenitus*. Não pode ser considerada como um juízo da Igreja. Por isso, é legítimo apelar para um Concílio Geral.

---

<sup>6</sup> Seguir o maior número nem sempre é regra segura. Esta temática foi tratada pelo jansenista italiano, Professor da Universidade de Pavia, Pietro Tamburini. É evidente que o número daqueles que seguem a verdade e a doutrina da Igreja pode em certas matérias e em certos tempos ser o menor. Onde é que Deus prometeu que a verdade seria sempre ensinada pelo maior número? Antes muitas vezes tem predito escuridades e agitações com que deve gemer a Igreja. Era por ventura o maior número que nos tempos mais próximos de nós seguia a doutrina da Escritura e da Tradição sobre os justos juízos da hierarquia? Era o maior número que seguia as santas regras da Moral evangélica contra as máximas licenciosas dos Probabilistas? Era o maior número que propugnava pelos sagrados direitos da Graça de Jesus Cristo? Era o maior número que se opunha às relaxações dos atricionistas? (*Analyse do livro das Prescripções de Tertulliano...*, pp. 49-50).

Diferente é o caso em que é combatido algum ponto de doutrina objecto da comum e unânime pregação dos Pastores. Então, tem de se condenar o erro, mesmo sem necessidade de recurso ao Concílio Geral. Assim aconteceu com o erro dos pelagianos e, nos finais do século XVII, com os dois grandes problemas do quietismo e dos ritos chineses.

Por outro lado, nem o Papa, nem os Bispos podem separar da comunhão os Apelantes, como se pretendeu com a Bula *Pastoralis officii*, de 28 de Agosto de 1718. Foi contra todo o direito que o Papa clemente XI separou os Apelantes da sua comunhão. Por isso, tudo isto é nulo e de nenhum efeito, porque não foram respeitadas as leis da Igreja Universal, que obriga, antes da excomunhão, ao julgamento e condenação por um tribunal eclesiástico.

Esta *Instrução* manifesta claramente influências do jansenismo francês. De Soanen<sup>7</sup>, Bispo de Senez, e da sua *Instrução pastoral* de 28 de Agosto de 1727, na qual é feito o elogio dos Apelantes «únicos defensores da verdade». Soanen ataca o Rei, os Papas, os Bispos maus pastores e a exactidão do Formulário. Os princípios desta *Instrução pastoral* foram seguidos por Jérôme Besoigne<sup>8</sup> no seu *Catecismo sobre a Igreja para os tempos de perturbação*.

Também se faz sentir a influência do oratoriano Vivien de Laborde<sup>9</sup> na obra *Du Témoignage de la vérité dans l'Église* na qual justifica a proposição XC (condenada) da Bula *Unigenitus* que estabelece: «É a Igreja que tem o poder de excomunhão, mas para exercê-lo por meio dos seus primeiros pastores requere-se o consentimento ao menos implícito de todo o corpo». Segundo Vivien a salvaguarda da verdade da revelação não corresponde só à Santa Sé ou à hierarquia, mas também à totalidade dos fiéis e dos Pastores. Os Bispos e os Papas podem equivocar-se e pode acontecer que a maioria dos Bispos se encontrem no erro. Pertence, pois, ao baixo clero e aos fiéis denunciar o falso testemunho dado em

<sup>7</sup> Soanen, oratoriano, Bispo de Senez. Assinou, juntamente com os Bispos de Mirepoix (de la Broue), de Boulogne (de Zangle) e de Montpellier (Colbert) uma apelação ao Concílio Geral redigida por Boursier, jansenista. Acabou por ser condenado por um tribunal eclesiástico e suspenso do exercício das funções episcopais.

<sup>8</sup> Jérôme Besoigne, teólogo jansenista, nasceu em Paris em 1686 e morreu na mesma cidade em 26 de Janeiro de 1763. Em 1712 era professor de Filosofia. Recebeu o sacerdócio em 1715 e obteve o grau de doutor em 3 de Maio de 1718. Apelante contra a Bula *Unigenitus* e ardente defensor das doutrinas jansenistas, foi irradiado das listas dos doutores da Sorbona em 1729. Escreveu várias obras todas infestadas dos erros jansenistas (*Dictionnaire de Théologie Catholique*, s. v. Besoigne, Jérôme).

<sup>9</sup> Vivien de Laborde (1680-1748) nasceu em Toulouse em 1680. Entrou na congregação do Oratório em 1699. Em 1708 era director do Seminário de Saint Magloire. Interveio nas controvérsias do seu tempo. Foi enviado a Roma em 1716 pelo Regente com o objectivo de obter do Papa Clemente XI explicações da Bula *Unigenitus*, mas nada conseguiu. Foi chamado pelo Cardeal de Noailles, Arcebispo de Paris, em 1721, e, desde essa data, foi o seu conselheiro. Acabou por aceitar a bula. Morreu em 5 de Março de 1748. Na sua obra mais célebre – *Du Témoignage de la vérité dans l'Église* (...), o P. Laborde fala das violências e das perseguições de Luís XIV, e, do ponto de vista doutrinário, retoma a doutrina de Richer: os leigos têm direito de se pronunciar, porque fazem parte da Igreja docente. Pretende mostrar que a Bula *Unigenitus* é intrinsecamente má e, apesar das explicações, nada poderá torná-la legítima.

O P. Laborde compôs várias cartas pastorais para o Cardeal de Noailles e para Bossuet, Bispo de Troyes, e ainda as cartas pastorais do Bispo de Soissons e de Bezons, Fitz-James, jansenista (*Dictionnaire de Théologie Catholique*, s. v. Laborde Vivien ou Vivien de).

matéria doutrinal pelo primeiro Pastor. O oratoriano situava-se deste modo no ponto de união do galicano e do richerismo»<sup>10</sup>. Além do mais, o testemunho da verdade na Igreja não estava no grande número:

«Cessez de nous opposer le grand nombre, règle equivoque en cas de partage, si vous ne pouvez, en même temps l'appuyer de l'aveu général du corps des fidèles, qui ne peut jamais être faux en matière de foi»<sup>11</sup>.

Este era um tópico corrente do discurso jansenista. Mais tarde Pietro Tamburini escreve a este respeito: *Deus tem prometido que jamais faltará a verdade na Igreja; mas onde é que Ele prometeu que ela será ensinada sempre na igreja pelo maior numero?*<sup>12</sup>. Outra influência, porventura a mais marcante, é a *Instruction Théologique qui en forme de Cathéchisme sur les promesses faites à l'Eglise où l'on traite principalement de l'obscurcissement de la vérité & où l'on répond aux principales objections, soit des Protestans, soit des Partisans da la Bulle Unigenitus* (A Utrecht 1723). O autor defende que o Papa e o maior número dos Bispos não são a Igreja. Os Protestantes defendem que pode acontecer que a Igreja ensine erros. Mas a verdade permanece nela, mesmo que esteja concentrada no pequeno número. É exactamente o ponto de vista exposto na presente «Instrução».

A *Instrução...* é, sem qualquer dúvida, obra de um jansenista. Defende a doutrina antiga da predestinação absoluta e da graça eficaz, denunciando a novidade dos molinistas; invoca a autoridade do concílio de Constança do século XV, que definiu a superioridade do Concílio sobre o Papa; combate a Bula *Unigenitus*, que legitima a doutrina dos jesuítas; ataca os ultramontanos; defende a disciplina antiga do sacramento da Penitência, e condena a relaxação dos tempos presentes; faz a defesa acalorada dos Apelantes e combate a suficiência da atrição servil sem o amor de Deus.

A *Instrução sobre as promessas feitas por Jesus Cristo à sua Igreja*, parte primeira do códice 13049, é um texto identificado com o jansenismo cuja doutrina e posições defende.

2. Os textos seguintes (números 2, 4 e 5) são tradução literal da obra do célebre jansenista francês Dom Gabriel Gerberon (1628-1711)<sup>13</sup>, *Défense de L'Église Romaine contre les calomnies des Protestans*. Esta obra contém:

<sup>10</sup> FLICHE-MARTIN – *Historia de la Iglesia*. Vol. XXII, p. 80.

<sup>11</sup> *Dictionnaire de Théologie Catholique*, «Unigenitus (Bulle)», col. 2154.

<sup>12</sup> Pietro Tamburini – *Analyse do livro das Prescrições de Tertulliano...* Lisboa: Typographia Morazziana, 1788, p. 49.

<sup>13</sup> Gabriel Gerberon, jansenista beneditino, nasceu em 12 de Agosto de 1628 em Saint Calais, diocese de Mans. Estudou nos oratorianos de Vendôme. Com 19 anos apenas foi convidado para dirigir o colégio da sua cidade natal. Permaneceu aí pouco tempo. Professou na abadia beneditina de Santa Melânia de Rennes a 11 de Novembro de 1649. Ensinou retórica, filosofia e teologia, em vários mosteiros. Desde cedo, o seu ensino começou a levantar suspeitas. No mosteiro de S. Germain-des-Prés entregou-se ao estudo da Patrística e tentou convencer os superiores da congregação a preparar uma nova edição das obras

- a) *Le Juste Discernement de la creance Catholique, d'avec les sentimens des Protestans, & d'avec ceux des Pelagiens, touchant le Mystere de la Predestination & de la Grace du Sauveur, Où l'on voit distinctement ce qu'on doit croire de ce Mystere pour n'être ni Calviniste, ni Pelagien; Et que c'est injustement qu'on accuse l'Église Romaine d'être Pelagienne.* A Cologne, Chez Jacques de Valé.1691.
- b) *Les Régles qu'on doit suivre dans les contestations qui s'élevent touchant les veritez catholiques.*
- c) *Les Entretien de Dieu-Donné et de Romain, où l'on explique la doctrine chrétienne touchant la Predestination et la Grace de Jesus Christ (...)*
- d) *Un abregé de l'Histoire de l'heresie des Pelagiens que l'Église Romaine a toujours condamnée.*

*Le Juste Discernement* pretende marcar as diferenças e pontos comuns entre a doutrina calvinista, a católica e a pelagiana, com base em quatro temas doutrinários, a saber, pecado original, predestinação, morte de Jesus Cristo e graça e liberdade. Gerberon estava convencido de que havia muitos católicos, mesmo teólogos e pregadores, que, por um zelo indiscreto, pretendendo evitar os calvinistas, vinham a cair no erro oposto; para não serem calvinistas, nem protestantes<sup>14</sup>, vinham a ser, sem o saberem, armênios, menonistas e soci-nianos. Era preciso ter em conta que nem todos os sentimentos dos calvinistas, mesmo no campo da Predestinação e da Graça, eram heréticos. É certo que se afastam da Igreja Católica no respeitante a outras verdades. A doutrina católica navega assim entre dois escolhos: o calvinismo e o pelagianismo. Santo Agostinho sentia esse perigo: quando queria falar da Graça, quase se via obrigado a negar o livre arbítrio; quando explicava o livre arbítrio quase negava a necessidade da Graça. Por isso, só conhecendo muito bem as fronteiras da doutrina católica – dizia Gerberon – se consegue evitar o deslize num sentido ou noutra. Mas ele próprio não conseguia evitar esse perigo. O que afirmava em teoria negava-o na prática – pendia para o calvinismo.

3. As regras que Gerberon aponta resultam da situação tumultuosa do seu tempo, por causa das lutas entre jansenistas e molinistas. No centro das contestações estava não só o dogma, a doutrina, mas também a moral, os costumes. Os católicos encontravam-se divididos nos seus sentimentos acerca do pecado original e suas consequências, bem como do uso dos sacramentos (Penitência e Eucaristia). Contestavam as verdades da Predestinação

---

de Santo Agostinho. Defendeu sempre e propagou o jansenismo, rebelde à autoridade da Santa Sé. Polemista violento, escreveu numerosas obras, quase todas dirigidas à propagação das doutrinas jansenistas. Preso e condenado, morreu na abadia de S. Dinis, a 29 de Março de 1711.

<sup>14</sup> Como adverte no início da *Defense de L'Église Romaine contre les calomnies des protestans*, sempre que Gerberon fala dos protestantes refere-se aos calvinistas.

e da Graça, o que originava a laxidão dos costumes. Foi isto que conseguiu o probabilismo e o molinismo. Obscureceram a verdadeira doutrina da Igreja. Mas «nunca o sol deixa de ser o que é, por maiores névoas que no-lo encubram». A verdade manter-se-á, embora alguns teólogos a contestem. A Igreja tolera-os, não os segrega, porque nem sempre é conveniente arrancar o joio do meio do trigo. O joio eram os molinistas; o trigo os verdadeiros discípulos de Santo Agostinho (os jansenistas).

A verdade é una e indivisível, bem como a crença da Igreja católica. Os membros da Igreja podem dividir-se; a verdade, não.

Mas onde estará a doutrina verdadeira, no meio de tanta contestação?

O critério mais seguro para obter resposta está, segundo Gerberon, em consultar a Palavra de Deus, a tradição dos Santos Padres, as definições dos Papas e dos Concílios.

Argumentação tradicional dos jansenistas. A verdade está na venerável antiguidade. O molinismo é uma novidade que desvirtua a doutrina da Igreja e não está conforme com a palavra de Deus. Há que seguir as primeiras regras da nossa Fé – assevera Gerberon. E felizes são aqueles a quem Deus dá Pastores que ensinam as verdadeiras doutrinas da Igreja!

4. A Igreja Romana havia sido acusada pelos protestantes calvinistas, designadamente por Melchior Leydecker<sup>15</sup>, professor de Teologia na Universidade de Utrecht, de pelagiana. Na dedicatória que faz ao Internúncio de Sua Santidade na Corte de Bruxelas, Gerberon refere várias teses que Leydecker patrocinara em Utrecht sobre o jansenismo e a condenação das 5 proposições. Na primeira trata a Igreja Romana de uma maneira horrorosa e que fora com razão que eles (calvinistas) se separaram dela. Não se pode estar com a Sé de Roma, se se não respeita a Graça do Salvador.

E num livro que imprimiu em flamengo, sob o título de *Demonstração Evangélica*, para convencer os Protestantes de que devem separar-se da Igreja de Roma, acusa-a de ter perdido a Fé e de se tornar pelagiana. Eis a suas palavras: *dizemos primeiramente que a Igreja Romana sucumbiu na Fé, quer dizer na doutrina que sustenta a Graça, pela qual Deus conduz o pecador à vida eterna. É nesta Igreja que a heresia de Pelágio está verdadeiramente reinante.*

Também um certo Ministro francês de Roterdão chamado Jurieu, compôs um livro *L'Esprit de M. Arnauld* – no qual, entre várias observações, vem esta: *que a Igreja Romana condenou a doutrina de Santo Agostinho relativa à Graça.*

Com o objectivo de refutar Leydecker, Gerberon compôs os «*Entretiens*»<sup>16</sup> – uma exposição da doutrina sobre a Predestinação e a Graça, em forma de perguntas e respostas, entre Deodato e Romano. Foram escritos em flamengo, e depois traduzidos em francês. O tradu-

<sup>15</sup> Melchior Leydecker, teólogo protestante holandês, nasceu em Middelburg e morreu em Utrecht em 1722. Doutor em Teologia pela Faculdade de Leyden obteve a cátedra dessa disciplina em Utecht que ocupou até à morte. Combateu sempre a filosofia de Descartes e o federalismo de Cocceyo. É autor de várias obras, entre as quais *De Historia Jansenismi*.

<sup>16</sup> *Les Entretiens de Dieu-Donné et de Romain (...)*. A Cologne, 1691. Vêm publicados na *Défense de l'Église Romaine*.

tor expõe o propósito do autor – refutar as calúnias dos Protestantes contra a Igreja Romana. Leydecker dizia que esta queria apagar a doutrina do Apóstolo e de Santo Agostinho sobre a Predestinação e a Graça; proibia o seu ensino e que a tinha condenado expressamente por meio de bulas. Afirmava ainda que a verdadeira fé a respeito da Predestinação e da Graça se estabelecera no começo na Igreja Romana, mas que esta Virgem se tinha tornado numa infiel e prostituta desde que abandonou a doutrina de S. Paulo e de Santo Agostinho, e desde que passou a ter um comércio vergonhoso com o judaísmo e com o paganismo, merecendo por isso ser expulsa do céu. Por outro lado, toda a gente sabe que neste século e neste país vários Teólogos se ergueram contra o Mistério da Predestinação e da Graça e trataram de fazer reverter a heresia de Pelágio, combatendo a Predestinação gratuita e a Graça eficaz por si mesma. Os Socinianos, os Menonistas, os Arménios e vários outros são conhecidos como inimigos públicos e declarados da Graça eficaz, e tudo fizeram para ressuscitar o Pelagianismo.

A fim de justificar, por um lado, a Igreja Romana da acusação que lhe fazem os Protestantes, e, por outro lado, para defender a Predestinação gratuita e absoluta e a Graça eficaz contra os Arménios, os Socinianos, os Menonistas e outros, e para que os mais simples possam instruir-se sobre as verdades deste mistério, julgou-se ser útil propô-las em forma de conversações por perguntas e respostas. Poderão, assim, os Protestantes ver claramente que a Igreja Romana nunca condenou a doutrina do Apóstolo e de Santo Agostinho relativa à Predestinação e à Graça, nem proibiu que se ensinasse ao povo. E todos os Católicos poderão aprender aí as verdades do mistério adorável e impenetrável da Predestinação e da Graça sem dificuldade e com aquela facilidade com que as crianças costumam aprender os Mistérios da Trindade e da Encarnação.

O tradutor nada tem a acrescentar ao propósito do autor, a não ser que será muito útil para os novos convertidos da França<sup>17</sup> traduzir em francês a doutrina da Graça que é ensinada na Igreja Romana, para mostrar que tinham sido enganados, quando lhes disseram que esta Igreja condenava tal doutrina.

Autorizado pelo autor, usou de alguma liberdade na tradução, mas sem adular o seu pensamento.

O jesuíta francês Dominique Colonia classifica este escrito como, «um repositório de jansenismo puro»<sup>18</sup>.

As *Conversações* de Deodato e Romano são a explicação da doutrina cristã relativa à Predestinação e à Graça. O autor começa por defender a necessidade de instruir os cristãos

<sup>17</sup> Os novos convertidos da França eram naturalmente os huguenotes, forçados à conversão ou ao exílio por força da revogação do Edito de Nantes por Luís XIV em 1685.

<sup>18</sup> *Dictionnaire des livres jansénistes ou qui favorisent le jansénisme*. Anvers, 1752, 4 volumes. O P. Patouillet refundiu e aumentou a obra do P. de Colonia publicada em 1727, sob o título *Bibliothèque janséniste ou catalogue alphabétique des principaux livres jansénistes ou suspects de jansénisme*. As duas obras foram postas no Índice de livros proibidos. O P. Colónia e o P. Patouillet são ambos jesuítas. Os juízos que proferem sobre os autores e as obras que consideram jansenistas são por vezes demasiado severos.

sobre este mistério<sup>19</sup>. Ao longo desta espécie de catecismo jansenista, pergunta Gabriel Gerberon em que sentido Deus quer salvar todos os homens, acabando por negar a vontade salvífica universal de Deus. Deus apenas quer salvar os predestinados. E interpreta a afirmação do Apóstolo Paulo a Timóteo (2, 4): *Deus vult omnes homines salvos fieri* – segundo as explicações de Santo Agostinho. Acrescenta ainda a que Jansénio foi buscar a S. João Damasceno: muitos Teólogos sustentam que Deus quer salvar todos os homens sem excepção com uma vontade *antecedente*, com uma vontade de *bondade*, mas não com uma vontade *consequente*, uma vontade de *justiça*. Deus, sendo a mesma bondade, queria salvar todos os homens sem exceptuar um só, se este o não tivesse ofendido, e se a sua justiça não exigisse que vingasse o pecado<sup>20</sup>.

Outra questão logicamente ligada com esta: em que sentido Cristo morreu por todos? É o redemptor universal?

Segundo Gerberon, Cristo não morreu por todos, mas só pelos eleitos. Cristo morreu por todos, mas nem a todos fez participantes da sua morte. Veja-se o caso dos meninos que morrem sem baptismo, e, por conseguinte, sem receberem alguma graça nem tomarem parte nos frutos da morte do Filho de Deus. Por outras palavras, Cristo morreu pela salvação de todos os que se salvam, isto é, Cristo morreu por todos no sentido de que ninguém se salva senão pela sua morte, e não que a sua morte tenha sido aplicada a todos. Jansénio diz que é um erro semipelagiano dizer que Jesus Cristo morreu por todos<sup>21</sup>.

Relativamente à Graça – «doçura tão amorosa, deleitação tão doce» – Gerberon defende a Graça eficaz por si mesma. Graça que não é dada a todos, porque, se o fosse, já não seria Graça. Sem ela nenhum bem é possível. É necessária para toda a obra boa, para crer em Cristo e para orar, para vencer as tentações, para observar os mandamentos e perseverar na justiça.

Na *Recapitulação das Verdades da Graça*, mediante subtilezas e subterfúgios, finge condenar as cinco proposições. Não consegue, todavia, camuflar a sua interpretação jansenista. Por exemplo, quando diz que condena «com o coração e com a boca» a primeira proposição, ao afirmar que *a Graça é dada a todos os que a pedem como deve ser* deixa supor que a Graça de orar, de pedir «*como deve ser*» não é dada a todos. Quando afirma que a Graça é dada a todos aqueles que querem e se esforçam quanto devem por guardar os mandamentos, subentende que há os que não querem, e não se esforçam por guardá-los, porque não têm a Graça de querer e de se esforçar. Jansénio diz que alguns justos não podem cumprir certos preceitos por causa da sua vontade fraca e porque lhes falta o socorro absolutamente necessário para agir.

<sup>19</sup> Na tradução portuguesa falta o início do texto, que pode agora ser reconstituído a partir do original francês.

<sup>20</sup> *Dictionnaire de Théologie Catholique*, s. v. «Jansénisme», col. 398. Escreve Gerberon no *Miroir de la piété*: «Si ceux que Dieu laisse dans la masse, ne se sauvent pas, ce n'est pas toujours, parce qu'ils ne veulent pas. Mais parce que Dieu ne les veut pas sauver» (p. 134).

<sup>21</sup> *Augustinus* (...), tomo III, Livro III, cap. XXI.

A graça que lhes falta é absolutamente eficaz, de tal modo que, sem ela, o efeito para que é dada não pode ser produzido.

O Bispo de Ypres admite duas graças eficazes:

- 1) uma graça eficaz forte, vitoriosa que arrebatava sempre a vontade do homem «à semelhança de uma torrente que derruba todos os obstáculos» e produz o seu efeito total. É o querer perfeito.
- 2) uma graça eficaz débil que move a vontade como uma «brisa ligeira» e só produz efeitos ineficazes. É o querer imperfeito.

Assim, certos justos, com uma graça actual fraca, pequena, débil, e com as forças presentes que lhes dá esta graça actual débil, o livre arbítrio, a fé e a graça habitual esforçam-se por observar os preceitos, mas são arrastados por uma concupiscência mais forte que a graça actual. Neste caso, o mandamento é *hic et nunc* impossível<sup>22</sup>.

Quanto à segunda proposição – *no estado de natureza corrompida nunca se resiste à Graça interior* – confessa que a condena de coração e de boca e que há Graças interiores às quais se resiste.

E como é que se lhes resiste? Porque não se faz o bem que elas nos inspiram, e os desejos que em nós despertam são demasiado fracos para vencer a concupiscência. A resistência vem da concupiscência mais forte. É a pequena graça de Jansénio, da deleitação que é inferior em grau à deleitação terrestre, e que, por isso, inspira pequenos e fracos desejos, porém, insuficientes para vencerem a nossa concupiscência.

A terceira proposição defende que para merecer e desmerecer basta estar isento de coacção. Não é necessário estar isento de necessidade. Gerberon diz que a condena com toda a Igreja, mas acrescentando a *necessidade de natureza* que faz agir, não por opção, mas por impulso, como no caso dos animais e dos loucos.

Esta proposição decorre logicamente das teses de Jansénio acerca da dupla deleitação: a vontade situada entre duas deleitações, terrestre e celeste, é necessariamente arrastada ou para o bem pela graça ou para o mal pela concupiscência. Por isso, a obra boa feita com a graça e a obra má feita pela concupiscência resultam de uma «inelutável necessidade». Assim, para merecer e desmerecer, no estado actual, não se requiere a liberdade de necessidade. Basta a liberdade de coacção<sup>23</sup>.

A quarta proposição diz que por mais forte e eficaz que seja a graça que nos previne, pode-se sempre rejeitar, se se quiser; se se não rejeita, é porque ela faz por si mesma que se não queira.

<sup>22</sup> *Dictionnaire de Théologie Catholique*, s. v. «Jansénisme», col. 481.

<sup>23</sup> *Ibidem*, col. 485-486.

Também esta proposição decorre do sistema de Jansénio sobre a graça do homem decaído: toda a graça é eficaz e produz sempre o seu efeito. Por isso, os semipelagianos eram heréticos porque sustentavam que a vontade permanece senhora de obedecer ou de resistir à graça preveniente, de tal forma que pode impedir o efeito para o qual Deus deu esta graça<sup>24</sup>.

A 5.<sup>a</sup> proposição afirma que Jesus Cristo morreu apenas pelos predestinados. Gerberon diz que a detesta como «ímpia e sacrílega». Porque também os reprovados recebem algumas graças que foram merecidas por Jesus Cristo e são o fruto da sua morte. Mas também diz que Jesus Cristo não orou pela sua salvação, nem ofereceu a sua morte para obter as graças sem as quais não podiam ser salvos.

A Teologia da Predestinação e da Graça tem incidências espirituais. Porque estas verdades são o fundamento da piedade cristã, do reconhecimento cristão, da virtude da humildade, do temor cristão e da confiança em Deus. É sobre elas que se funda o exercício das boas obras e do desprezo do mundo, como é na doutrina da Graça que se funda a oração.

5. A *Defense* (...) faz também a história do pelagianismo e do semipelagianismo. O tradutor português (anónimo) não faz desta vez uma tradução literal. Trata a mesma temática, mas de forma resumida.

Refere os três representantes do pelagianismo – Pelágio, Celéstio e Juliano, Bispo de Eclana. Compreendiam a antropologia cristã de uma maneira que Santo Agostinho teve que combater. Exaltavam as forças da natureza contra a verdadeira graça do Salvador. A natureza era como uma rival da Graça; por um lado, a liberdade do homem e, por outro, a liberdade de Deus<sup>25</sup>. Não queriam reconhecer que a graça necessária para qualquer acção opera em nós o querer e o fazer, que não só nos excita para o bem, mas ainda no-lo faz querer e fazer «pela força da sua deleitação». Segundo o Bispo de Hipona, enquanto não confessasse esta verdade fundada na Escritura, Pelágio não era verdadeiramente cristão<sup>26</sup>.

A luta em prol da ortodoxia, designadamente acerca da relação entre liberdade e a graça de Jesus Cristo, não termina aqui. Santo Agostinho ver-se-á de novo envolvido em polémica, desta vez com os monges de Adrumeto, na África, e de Lerins, nas Gálias.

A questão das relações entre a liberdade humana e a graça de Jesus Cristo prolonga-se para além da polémica pelagiana (que pode considerar-se encerrada em 418) e veio a desaguar na heresia do Predestinacionismo condenado no concílio de Arles em 473. Várias foram as obras que escreveu Santo Agostinho no período semipelagiano: *De gratia et libero arbitrio*, *De correptione et gratia*, *De predestinatione sanctorum*, et *De dono perseverantiae etc.* Do semipelagianismo trata também a longa carta a Sisto (Carta 194 da edição da Bac)

<sup>24</sup> *Ibidem*, col. 492.

<sup>25</sup> BERARDINO, Angelo – *Patrologia*. Biblioteca de Autores Cristianos. 2.<sup>a</sup> edição. III, p. 579.

<sup>26</sup> AGOSTINHO, Santo – *A Graça de Cristo e o pecado original*, cap. X, p. 225. (Publicada em *A Graça* (I) Paulus, 1998).

presbítero da igreja de Roma e mais tarde Papa, que fora algum tempo simpatizante dos representantes do pelagianismo dos quais se afastou logo que o Papa Zózimo os condenou (fim de 418, princípio de 419?). Muitas vezes foi injustamente acusado de não respeitar a liberdade humana, por tanto defender a onnipotência de Deus.

O semipelagianismo teve origem em Vital que defendia o seguinte:

- 1) a graça de Jesus Cristo é necessária a todo o homem para viver santa e justamente e este não pode fazer qualquer ação boa sem essa graça;
- 2) o efeito da graça depende inteiramente da nossa vontade, a qual aceitava se quer, e recusa se não quer;
- 3) o princípio da conversão e da salvação partem do homem; a graça é dada a todos para bater, para pedir.

A heresia do predestinacionismo ressuscitou nos meados do século IX com o monge Godescalco, de Orbais. No reinado de Carlos, o Calvo (840-877), a Gália foi profundamente perturbada pelas controvérsias à volta da predestinação, morte de Jesus Cristo e livre arbítrio<sup>27</sup>.

Uns defendiam de acordo com as Sagradas Escrituras e a doutrina de Santo Agostinho:

- 1) que todos os homens, tendo merecido pelo pecado de Adão ser condenados, Deus tinha escolhido alguns aos quais predestinava à glória e tinha predestinado outros às penas que o seu pecado tinha merecido;
- 2) que Jesus Cristo não tinha oferecido a sua morte a Seu Pai pela salvação eterna dos réprobos, mas somente pela dos seus eleitos;
- 3) que a predestinação e a graça não arruinam em nada a liberdade.

Outros opunham-se a estas verdades que consideravam heresias e sustentavam:

- 1) que Deus quer salvar todos os homens sem excepção e que não predestinou nenhum às penas do inferno;
- 2) que Jesus Cristo morreu pela salvação de todos os homens, mesmo daqueles que estavam no inferno antes que ele morresse;
- 3) que a doutrina da predestinação destrói a liberdade.

Segundo Gerberon, que o tradutor português resumiu, a ocasião que despertou estes sentimentos pelagianos que perturbaram no século IX a Itália, a Alemanha e toda a França, foi a seguinte: um monge de Orbais, alemão de nascimento, chamado Godescalco, tendo-

<sup>27</sup> Sobre o assunto vide FLICHE-MARTIN – *Historia de la Iglesia*. Vol.VI, p. 329-346.

-se aplicado durante muito tempo ao estudo da Sagrada Escritura e dos Santos Padres, sobretudo de Santo Agostinho, tornou-se um profundo conhecedor destas matérias. No ano de 847 foi a Roma, em visita à Igreja dos Apóstolos. De regresso ao seu mosteiro, parou em casa do Conde Eberardo e permaneceu algum tempo na sua companhia. A quando da visita que o Bispo de Verona, Notingo, lhe fez, falaram da predestinação. Pouco tempo depois, Notingo encontra-se com Rábano Mauro, recém-nomeado Arcebispo de Mogúncia e comunica-lhe que Godescalco defendia a dupla predestinação, uma para a glória, a dos eleitos; outra para a morte, a dos réprobos.

Gerou-se a partir daqui uma enorme controvérsia sobre a predestinação. Godescalco escreveu uma profissão de fé na qual reafirmava a dupla predestinação e suas consequências: ruína do livre arbítrio, negação da vontade salvífica universal; restrição do valor da morte redentora de Cristo apenas aos predestinados. Portanto, um augustinismo do mais estrito. Foi considerado réu de heresia. Intimado a retratar-se, manteve-se firme na sua posição. Açoitado e preso, primeiro na abadia de Orbais, depois na de Hautvilliers, morreu entre 866 e 870.

Entretanto, outros protagonistas tinham vindo ocupar o primeiro lugar da cena e defender um augustinismo integral, como Prudêncio, Remígio de Lião e Ebbon de Grenoble.

Uma enorme controvérsia se gerou em França e na Alemanha entre 1840 e 1869 acerca das doutrinas augustinianas sobre a predestinação. Tudo se misturou ali: paixões humanas, fórmulas equívocas, violências e rivalidades. Finalmente, é condenado no Concílio de Kiersy-sur-Oise (853) o predestinacionismo de Godescalco e proclamada a vontade salvífica universal de Deus e a redempção de todos. Victória do augustinismo moderado.

Todavia, como bom jansenista, Gerberon defende Godescalco e considera-o verdadeiro representante da ortodoxia, pois, «apesar dos artifícios e das perseguições, a verdade triunfou em todos os séculos dos erros dos Semipelagianos, (...) a graça de Jesus Cristo saiu vitoriosa dos seus inimigos e sempre foi seguida nesta matéria pela Igreja Romana e todas as Igrejas católicas». E triunfou «dos novos Pelagianos que nestes últimos tempos a têm denegrido, capitaneados por o jesuíta Molina» – como assevera o tradutor português.

6. O último texto do manuscrito 13049 é o *Diálogo entre Teotimo e Filopista sobre a concordia da Graça com o livre arbítrio*.

O velho e delicado problema das relações da graça e da liberdade é tratado neste manuscrito sob a forma de diálogo entre dois interlocutores – Teotimo e Filopista. Este esclarece as dúvidas de Teotimo, seguindo a doutrina de Santo Agostinho. O núcleo da questão pode formular-se nestes termos: como concordar a Graça que invencivelmente nos atrai ao bem com a liberdade e merecimento das nossas acções. Questão particularmente delicada, diz Jansénio<sup>28</sup>. Era também a grande dificuldade dos pelagianos.

<sup>28</sup> Prefácio do Livro VIII do tomo III do *Augustinus*.

A solução dada por Santo Agostinho, a «mesmíssima» da Igreja, foi admitida até Molina e Lésio que defendiam a liberdade do homem na cooperação com a graça. A eficácia da graça destruía a liberdade.

Foi para lutar contra o espírito do molinismo que Jansénio se entregou ao estudo de Santo Agostinho. O autor do diálogo combate a doutrina pelagiana, bem como a de Molina e seus sequazes. E confessa que a doutrina que expõe não é só dele. É doutrina de Santo Agostinho e de todos os seus verdadeiros discípulos. Os que se diziam verdadeiros discípulos de Santo Agostinho eram os jansenistas.

A raiz da dificuldade em compreender o problema do acordo da graça com a liberdade está na falsa ideia que ordinariamente se faz da liberdade. Esta não consiste, segundo Santo Agostinho, num poder igual de querer ou não querer; de querer uma coisa ou querer outra, de tal modo que dependa da nossa escolha o fazer ou não fazer, o fazer uma coisa ou fazer outra. «É preciso banir o fantasma da indiferença, porque destrói a graça de Jesus Cristo e a põe no estado em que estava antes do pecado. É preciso um socorro medicinal para curar a vontade e levantá-la da sua impotência»<sup>29</sup>. Depois da queda original, o livre arbítrio não foi eliminado. Todavia, ficou ferida profundamente a natureza humana. Só a graça de Jesus Cristo pode libertá-la da enfermidade da escravidão do pecado. Nisso consiste a liberdade – a libertação do pecado. Santo Agostinho falava da liberdade em sentido teológico. Quanto maior for a força da graça maior será a liberdade do homem. A queda no pecado equivale a perda de liberdade. No calor da polémica com os pelagianos, o Bispo de Hipona chegou a escrever que «perdemos o livre arbítrio para amar a Deus pela magnitude do primeiro pecado»<sup>30</sup>. Para o autor do diálogo era necessário ouvir mais as vozes da Fé do que as da razão. E neste mistério da Graça, dever-se iam seguir os sentimentos de Santo Agostinho e dos outros Padres que o defenderam. É com efeito a doutrina da Igreja que sempre reconheceu, que, no estado de corrupção em que se encontra, o homem necessita da Graça de Jesus Cristo, a qual opera em nós o querer e o fazer. A sua eficácia não depende, pois, da nossa vontade, como diziam os pelagianos.

Trata em seguida do conceito de liberdade, sempre em sentido teológico, da liberdade e necessidade, liberdade e indiferença, e finalmente da liberdade para merecer e desmerecer. O autor segue Santo Agostinho, e os seus verdadeiros discípulos, os que vão continuar a defender a Graça de Jesus Cristo contra os seus inimigos, ensinando que ela de modo nenhum ofende a nossa liberdade, mas, pelo contrário, assim como é ela, e só ela, que nos dá a liberdade para o bem, pois só ela no-lo faz querer – e para o querer de todo perdemos a liberdade – assim também, quanto mais forte e poderosa for esta Graça divina que nos alicia, tanto mais perfeita fica a liberdade da nossa vontade.

<sup>29</sup> *Dictionnaire de Théologie Catholique*, s. v. Jansénisme, col. 428.

<sup>30</sup> Carta a Vidal, in *Obras Completas de Santo Agostinho*. Biblioteca de Autores Cristianos. Vol. 3.º, Carta 217; *Enquiridion*, cap. XXX.

Em conclusão, o códice 13049 é todo ele um conjunto de textos impregnados de jansenismo. As «Conversações» de Deodato e Romano sobre a Predestinação e a Graça são inspiradas nas obras do Bispo de Hipona, Santo Agostinho, mas lidas e interpretadas pelo Bispo de Ypres, Cornélio Jansénio.

## DOCUMENTOS

### a) Instrução sobre as promessas feitas por Jesus Christo à sua Igreja

#### Principio. 1

Jesus Christo segurando aos seus Discipulos e seus successores, que com elles estaria até ao fim dos seculos afim de lhes ensinar as verdades que lhes revelara; e a administração dos sacramentos que instituiria; consequentemente nos prometteo que todas as vezes que o corpo dos legítimos Pastores nos declarar algũa coiza em seu nome, e como por elle revelada, o seu juízo he infallivel.

#### Consequências

Logo o corpo dos Pastores da Igreja Romana, que desde os Apóstolos descende por hũa successão não interrompida, nunca nos engana, todas as vezes que nos propõe para crêr algum dogma como revelado. Logo tudo quanto a pregação commum deste corpo ensina como de Fé, taes quaes são os artigos que nos separão das sociedades schismaticas, deve por nós ser abraçado, e crido sem a menor hesitação.

#### 2.

Jesus Christo promettendo a sua assistencia ao corpo dos Pastores pello que respeita ao ensino das verdades que lhes revelara segura-nos que elle nunca nos declarará como revelado aquillo que o não hé, ou que hé contrario à revelação; mas não assim lhe promette a sua assistencia a respeito de alguns factos novos, que elles decidão, ou das opiniões que elles ensinem como simples opiniões.

#### Consequências

Logo só pella authoridade deste corpo não estamos obrigados a crêr como certos os factos não revelados que elles decidão. Logo não somos obrigados a crêr em particular o facto de Jansenio, ainda quando fosse verdade, (o que não hé) que elle o tivesse ducidido. Logo não somos obrigados a crêr muitas opiniões, bem que ensinadas pella pregação commum, taes como as opiniões da Assumpção corpórea, e Conceição immaculada da Santa Virgem etc., porque esta commum pregação só ensina isto como meras opiniões.

#### 3.

Não hé contra a promessa do Filho de Deus que algũas das verdades que elle revelou por algum tempo se obscureção na Igreja, e ahi sejam contestadas: o que pode acontecer ainda a respeito daquellas mesmas que em concilios ecumenicos tenham sido definidas, como vemos a respeito da superioridade do Concílio ao Papa decidida em Constança no 15 século, e que hoje hé contestada por todos os Ultramontanos.

## Consequências

Logo nem por isso que na Igreja se disputa sobre algum ponto de doutrina se segue dahi que elle seja hũa questão problemática e indifferente. Logo todas as vezes que com certeza soubermos que hũa doutrina foi antigamente ou definida ou ensinada pella pregação commum; como com certeza sabemos da doutrina da Predestinação gratuita e Graça efficaz etc. devemos sempre consideralla, apezar(ainda) de que seja contestada, como pertencente ao deposito da Fé e não como opinião ou sentimento da Escola.

## 4.

Todas as vezes que hum Concilio Geral decide como de Fé algum ponto, como fez o Concilio de Constança, que definio a superioridade do Concilio sobre o Papa, ou que a pregação commum ensina como de Fé algum artigo, como a respeito da Graça efficaz por necessaria para todas as acções de piedade christãa ensinou antigamente; não podemos duvidar que seja a Igreja quem nesses casos decide e define huns taes pontos: e ainda que a maior parte venha pello decurso do tempo a deixá-los esquecer, nem por isso o que antes era doutrina da Igreja, deixa então de o ser: hé então o piquêno numero dos que o ensinão o orgão por onde a Igreja continua a ensinar a verdadeira doutrina.

## Consequências

Logo ainda hoje devem ser considerados como doutrina da Igreja estes pontos, bem que contestados na mesma Igreja. Logo ainda mesmo quando hũa verdade hé não conhecida pella multidão, não deixa a Igreja de continuar a ensinalla, enquanto no seu seio conserva quem em seu nome a ensine. Logo ainda que a Igreja não decida nunca senão pello maior numero, algũas vezes ensina só pello menor.

## 5.

Não hé contra a promessa de Jesus Christo que os Papas e até hum grandissimo numero de Bispos possão authorizar erros. Taes são as pertenções ultramontanas, que apezar de terem sido luminosamente demonstradas oppostas à Scriptura e Tradição não deixão contudo de ser sustentadas e authorizadas pellos Papas, e por todos os Bispos, excepto os de França.

## Consequencias

Logo não hé sempre hũa regra segura o seguirmos hũa coisa porque o Papa e o grande numero de Bispos a segue. Logo corre risco de errar em materia de Religião todo aquelle que segue sempre, como principio, aquillo que hé ensinado pello maior numero.

## 6.

Entre os erros que na Igreja podem ser ensinados, podem alguns delles ser perniciosos, tal como a sufficiencia da attrição servil sem o amor de Deus; doutrina que o Clero de França em 1700 julgou perigoza, e que não obstante o Papa Alexandre 7 os prohibio condemnar por ser a mais commum.

## Consequências

Logo podem os Papas e os Bispos tolerar na Igreja sentimentos por serem communissimos e serem elles em tudo perniciosos. Logo pode-se seguir hum erro perigozo sem se ser hereje. Logo pode arriscar-se a salvação seguindo doutrinas pellas quaes se não incorra ainda na terra a excommunhão.

7.

A promessa que o Filho de Deus fez à sua Igreja diz respeito não só à pregação da verdade, mas também à practica da caridade. Sempre nella se devem ver exemplos de piedade; assim como sempre nella se há de pregar a sãa doutrina. Esta maxima hé expressamente contida na Scriptura e em toda a Tradição, e não obstante isso a experiencia nos mostra serem bem raros estes exemplos de piedade e de virtude.

Consequências

Logo ainda quando a pregação de certas verdades fosse rarissima em certos tempos, nem por isso devemos duvidar dessas verdades. Logo não devemos crer que isto seja contrario à promessa, pois que o Filho de Deus prometeo à sua Igreja igualmente a conservação da charidade que a da verdade.

8.

A Igreja não deixa de ser Santa apesar da corrupção da maior parte dos seus membros que vivem com pecados; porque o pecado hé – lhe estranho, e pello contrario a Santidade lhe hé propria. Pois não menos propria lhe hé a verdade também.

Consequências

Logo a Igreja não deixa de ser a depozitaria da verdade ainda mesmo no tempo em que a multidão segue o erro. Logo não hé atacar a infalibilidade o dizer que os Molinistas e Ultramontanos, que formão o maior numero sustentão erros perniciosos: assim como não hé atacar a Santidade da Igreja o dizer que o maior numero de Christãos vivem mal.

9.

A Igreja, diz Santo Agostinho, tolera muitas coizas que não apoia, porque o bom grão que nella existe de mistura com o muito joio, desaprova estas coizas: e porque se deve attribuir à Igreja o que faz o bom grão ainda que mui diminuto comparativamente.

Consequências

Logo pode-se dizer também que a Igreja tolera ainda hoje erros que não aprova; porque na Igreja existe ainda hum piqueno numero de pessoas que os combattem, as quaes são como o bom grão.

Logo pode sem receio affirmar-se que ainda que o Molinismo, a attrição etc. sejam tolerados, porque o corpo dos Pastores os não condemna; a Igreja comtudo desaprova similhantes impiedades, porque todos os Theologos mais instruidos não cessão de as combatter como oppostas à doutrina antiga.

10.

Quando a Igreja estabelece ou aprova algum ponto de disciplina subsiste esta enquanto não hé abolida pello corpo dos seus pastores; e enquanto há particulares que a reclamem: ou pello menos são todos obrigados a seguir o espirito desta disciplina, se não hé possível seguir a letra. Os abuzos nunca podem ser attribuidos à Igreja, por mais communs que sejam.

Consequências

Logo nunca se deve attribuir à Igreja a relaxação que nestes ultimos tempos se têm intrudido na disciplina da Penitencia, apesar de que essa relaxação tenha sido quase geral, porque isto hé opposto não só à letra, mas ainda ao espírito dos antigos canones, que não têm sido ainda abroga-

dos. Logo não se deve também attribuir à Igreja as outras relaxações contrarias à disciplina antiga, por cujo restabelecimento não cessão de reclamar todos os bons Féis.

## 11.

Consistindo a infallibilidade promettida aos Pastores em que nunca possa acontecer que elles proponhão como revelado aquillo que o não hé; ou condemnem como contrario à revelação algum ponto de doutrina que lhe seja conforme; não hé contrario a esta infallibilidade que a multidão mesmo dos Pastores authorize algum erro opposto à sãa doutrina emquanto este erro não hé consagrado pella unanimidade e emquanto hé licito rejeitálo.

## Consequências

Logo, os Protestantes não podem rejeitar a infallibilidade da Igreja tomando por pretexto que numerosos Concilios authorizarão antigamente o erro, que attribui ao Papa poder indirecto sobre o temporal; porque este erro nunca passou como dogma e nunca foi consagrado pella unanimidade.

Logo não podem ainda authorizar-se com que a multidão dos Bispos parece aceitar hoje a Bulla *Unigenitus*, a qual authoriza o erro do Molinismo e nega a necessidade do amor de Deus; porque estes erros não são consagrados pella unanimidade, e hé livre a qualquer o rejeitallos e desprezállos.

## 12.

Sendo certo pella promessa de Jesus Christo que a pregação commum e unanime dos Pastores que actualmente ensinão algũa coiza como de Fé hé hũa regra infallivel; no mesmo ponto em que se combatte algum ponto de doutrina, o qual se sabe que hé unanimemente ensinado, immediatamente se fica réo de heresia; e os Pastores particulares a quem essa infelicidade acontece podem logo ser depositos e julgados canonicamente, sem que seja sempre necessario a convocação de hum Concilio Geral para condemnar o erro; porque basta muitas vezes a condemnação feita por muitos dos primeiros Pastores aos quaes os outros se unem para terminar toda a contenda.

## Consequências

Logo o erro dos Pelagianos foi sufficientemente condemnado sem Concilio Geral, porque atacava a pregação unanime dos Pastores. O que igualmente se deve dizer dos erros dos 3 primeiros seculos. Logo os erros de Molinos, os do livro das Maximas dos Santos sobre o amor puro, os dos Jesuitas sobre o peccado Filosofico, os dos cultos chinezes, sufficientemente têm sido condemnados sem Concilio Geral, porque estes diferentes erros atacavão a pregação commum da Igreja.

## 13.

Quando na Igreja se contesta algum ponto de doutrina que actualmente hé reputado como de Fé pella pregação commum, só pella authority unanime e infallivel dos Pastores hé que ella pode ser terminada. O Papa só não basta, ainda mesmo que seja unido ao maior numero, porque a promessa de julgar infallivelmente não foi feita ao numero grande com preferencia ao piqueno, mas sim ao corpo dos Pastores.

## Consequências

Logo o Papa Clemente 11 não podia só elle terminar as contestações que de tanto tempo agitavão a Igreja acerca da Graça, caridade etc. como elle pretendeo querêllo pella sua bulla. Logo ainda quando se supponha (o que na realidade não hé) que o maior numero de Bispos se lhe tenha unido

e a tenha assignado com o sentido de authorizar com similhante Bulla a doutrina dos Jesuitas, não basta ainda isso para se poder dizer que a Igreja tenha dado o seu juízo por esta Constituição. Logo nem por isso os que sustentão a doutrina opposta estão obrigados a ceder a hum tal juízo. Logo têm direito de apellar ao Juízo de hum Concilio Geral para terminar estas contestações.

14.

Se o Papa não pode só por si, nem ainda mesmo unido com hum grande numero de Pastores terminar qualquer contestação sobre hum ponto de doutrina que não pertence aos dogmas publicamente ensinados; porque neste cazo hé necessário a unanimidade do corpo, muito menos o pode ainda quando o grande numero de Bispos que se lhe unem, o fazem sem abraçar os sentimentos que elle authoriza pello seu Decreto.

#### Consequências

Logo sendo notorio que hum grande numero dos Bispos que assignarão a Bulla de Clemente 11 a assignarão sem abraçar os sentimentos dos Jesuitas authorizados por ella; não se pode dizer que a sua aceitação, ainda quando seja do maior numero, tenha feito irrevogavel este decreto. Logo os defensores da doutrina condemnada pella Bulla não estão obrigados a submetter-se a este decreto. Logo tiverão direito para recorrer ao Superior do Papa, isto hé, ao Concilio Geral no cazo presente. Logo a appellação da Constituição ao futuro Concilio hé legitima e canonica.

15.

Todas as vezes que hum Juiz do qual temos direito de apellar faz algũa coiza em prejuizo da appellação feita na forma, segundo todas as leis fica nullo tudo quanto elle faz. O mesmo Papa hé submettido às leis da Igreja e todos têm direito de apelar delle para o Concilio Geral que hé o seu Superior, como definirão os Concílios de Constança e Bazileia.

#### Consequências

Logo tudo quanto a Corte de Roma tem feito em prejuizo da apellação ao Concilio Geral sobre as contestações presentes, tudo hé nullo de pleno direito. Logo o Papa não pode levantar-se contra esta apellação nem maltratar os Apellantes, sem desprezar e calcar aos pés a authoridade da Igreja Universal a quem hé submettido. Logo tudo quanto se faz todos os dias contra os Apellantes, em prejuizo da sua apellação, hé hum attentado manifesto contra a authoridade da Igreja.

16.

Nunca hé licito separar da communhão daquelles que não são convencidos de sustentar algum erro condemnado pella Igreja Universal, pello menos emquanto elles mesmos se não separão. Por mais certa e seguramente que elles sigão e estejam no erro, hé necessario sempre segundo o 8 Concilio Geral esperar primeiro que elles sejam julgados e condemnados segundo as regras. Proceder de outro modo hé querer elevar-se acima das regras da Igreja e ficar por isso culpado do peccado de scisma.

#### Consequências

Logo não tendo ainda os Appellantes sido nunca convencidos de sustentarem erro algum condemnado pella Igreja, e não tendo sido ainda julgados nem condemnados por algum Tribunal Ecclesiastico, não hé permittido a ninguém o separar-se da sua communhão. Logo todos os que o têm feito são violadores das leis da Igreja e por isso réos elles mesmos do peccado de scisma.

## 17.

Ainda que a ninguém seja permittido separar-se da communhão do Papa, por qualquer cauza que para isso haja, porque a sua Sé hé o centro da Unidade Catholica, não lhe hé a elle tambem permittido nunca separar de si, à sua disposição, algum membro da mesma Igreja. Hé obrigado a observar as regras, que para isso há, e se as não segue pecca contra as leis da Igreja; e os que o imitão nem por isso são excuzaveis por seguirem o seu Chefe.

## Consequências

Logo o Papa tendo contra todo o direito separado da sua communhão os Apellantes, isso não pode justificar aquelles Bispos que contra todo o direito também os têm separado da sua. Logo pode-se incorrer no peccado de scisma, ainda quando se esteja unido ao Papa, todas as vezes que contra todas as leis da Igreja se separa algum Fiel da Communhão, como têm feito todos aquelles que se têm separado dos Appellantes.

## 18.

Hé fazer injuria à Igreja o dizer que ella favoreça opiniões cuja epoca e nascimento se conhece e se aponta, e as quaes são contrarias á doutrina antiga da Igreja, taes como as opiniões do Moli-nismo, da sufficiencia da attrição e outras novidades cuja origem hé bem conhecida.

## Consequências

Logo sendo notorio que a Bulla favorece estes sentimentos, hé fazer injuria à Igreja o attribuir-lhos. Logo bem longe de que os Apellantes resistão à Igreja, antes pello contrario são elles os que lhe obedecem combattendo hum decreto que authoriza a novidade. Logo pode e deve dizer-se que a Igreja agora mesmo rejeita a Bulla por todos aquelles que a combattem para conservar a doutrina antiga, espe-rando que ella algum dia mais solememente a anathematize pella authoridade unânime dos Pastores.

## 19.

Não há meio mais simples e mais natural para terminar as contestações na Igreja, proscrever o erro e declarar solememente a verdade do que a convocação dos Concílios Gerais. Por essa razão ordenou o Concilio de Constança que todos os 10 anos se celebrassem: elle mesmo declara que o não convocallos hé fomentar os abuzos e erros na Igreja.

## Consequências

Logo os Apellantes quando reclamão pella celebração de hum Concilio Geral, não fazem senão seguir o espirito e leis da Igreja. Logo aquelles que combattem estes Apellantes por cauza da sua apellação combattem por isso mesmo as leis e cânones da Igreja; e perpetuão, quanto está da sua parte, os seos differentes males. Logo hé hum peccado enorme maltratar os Apellantes, em vez de unir a elles, para procurar hum meio que a mesma Igreja julgou ser o mais proprio para se conser-var e remediar os seus males.

## 20.

Quando os primeiros Pastores desprezão adoptar os meios necessários para terminar as con-testações na Igreja e cortar pella raiz os erros que se espalhão, a verdade não deixa por isso de ser sempre vizivel enquanto existem Pastores e homens Fieis que a sustentão, e porque a Igreja conti-nua ainda a ensinalla. Estes Pastores e Fieis têm meios muito proporcionados aos simples para lhes

fazer conhecer a doutrina da Igreja sobre as questões contestadas. E por consequência não são obrigados a adoptar o caminhão do exame particular dos Protestantes: que tudo pertendem examinar pella Scriptura sem se crerem obrigados a seguir a doutrina e sentimentos da Igreja.

#### Consequências

Logo sendo certo que a doutrina que os Apellantes sustentão e pella qual rejeitão a Bulla, hé sempre vizível na Igreja, e nella continua a ser ensinada por hum numero de Pastores que facilmente podem fazer conhecer aos simples qual seja a doutrina da Igreja; hé falso o dizer que os Apellantes envião os simples e lhes persuadem o exame particular dos Protestantes.

#### 21.

Vio-se na Synagoga muitas vezes a multidão do povo arrastada pellos mesmos Sacerdotes e Doutores á prevaricação e idolatria sem que isso prejudicasse em nada a promessa feita por Deus a esta Sociedade. O que a esta Sociedade acontecia era hũa imagem do que à Igreja devia acontecer.

#### Consequências

Logo ainda quando se veja na Igreja a multidão arrastada a algum erro pello grande numero de Sacerdotes e Doutores, nem por isso devemos sobresaltar-nos, como o não forão aquelles que perseveravão firmes no meio das prevaricações e idolatrias de Israel. Logo estes acontecimentos não são contrarios á promessa de Jesus Christo, porque hé necessario conciliar esta com as predicções feitas por elle mesmo.

#### 22.

Os abuzos e erros que reinavão na Synagoga quando Jesus Christo veio, não servirão de motivo para que este divino Salvador deixasse de enviar os seus discípulos à authoridade da cadeira de Moisés; e exhortallos a que lhe fossem submettidos, porque estes abuzos e erros ainda que communissimos, nem por isso tinhão sido erigidos em dogma.

#### Consequências

Logo os abuzos e erros que hoje se têm disseminado na Igreja, não nos dispensão de vivermos submettidos à authoridade desta mesma Igreja, porque ella não adopta nem consagra como dogma esses erros e abuzos e até mesmo nunca jamais o pode fazer.

#### 23.

Não obstante os erros e abuzos introduzidos na Synagoga não deixou Jesus Christo de exhortar os Samaritanos a entrarem nella porque essa era a unica Sociedade legitima, e só nella hé que se podia ser salvo: e não deixava de ser hũa sociedade santa, apezar ainda dos abuzos que os mesmos Pontifices authorizavão.

#### Consequências

Logo os abuzos e erros que há na Igreja Romana não devem servir aos Scismaticos de motivo para a ella não voltarem; porque ella sempre hé hũa sociedade legitima e a unica onde há salvação.

Logo apesar dos abuzos que da sua authoridade fazem um grande numero de Pontifices desta Igreja, nem por isso a sua authoridade deixa de ser Santa em si mesma, e digna de ser respeitada.

24.

Ainda que sobre a Igreja venhão ou possam vir tentações semelhantes às que agitarão a Synagoga, nem por isso perecerá assim como ella pereceo. A Igreja triunfará sempre de todos os combates e ataques por mais violentos.

Consequências

Logo nem por isso devemos desfalecer, nem duvidar da promessa de Jesus Christo no meio das fortes convulsões que nos agitação. Logo quanto mais nós vir-mos que os males se augmentão na Igreja, tanto mais proximo devemos confiar que está o seu triunfo.

Fim

(fol.1-9v.)

**b) Conversações de Deodato e de Romano em que se explica a doutrina christã sobre a Predestinação e a Graça de Jesus Christo**

I. Sujet.

**La necessité de s'instruire de ce Mystere\***

Entretien unique.

Les raisons pourquoy tous les Catholiques doivent être instruits des veritez du Mystere de la Predestination & de la Grace.

**Dieu-donné.** Est-il à propos que tous les Catholiques soient instruits du Mystere de la Predestination & de la Grace divine?

**Romain.** Oui: sur tout en ce tems & en ce pais.

**D.** Et pour quelle raison?

**R.** Parce que sans la connaissance de ce divin Mystere il est tres-difficile ou impossible d'avoir une veritable humilité, une crainte Chrétienne de Dieu, une ferme confiance en sa misericorde toute-puissante, un soin exact de le prier, & une sincere reconnaissance de ses dons.

**D.** Pourquoi est-il plus necessaire en ce tems & en ce pais que les Catholiques soient instruits de ce Mystere?

**R.** Pour plusieurs importantes raisons. Premièrement pour ne se laisser seduire par les Sociens, ni par les Mennonistes, ni par les Arminiens, ni par plusieurs autres nouveaux Dogmatistes qui se trouvent en ce pais plus qu'ailleurs; & qui ne reconnaissent ni Predestination absolue ni Grace efficace, mais qui font profession de les combattre. Secondement, pour défendre l'Eglise Romaine contre les Protestans, qui presque dans tous leurs livres luy reprochent d'avoir condamné ou pour le moins proscrit l'ancienne doctrine touchant ce Mystere; & d'avoir par là abjuré la foy & fait profession du Judaisme et du Pelagianisme.

---

\* Na tradução portuguesa falta o princípio do texto. Utilizamos o original.

**D.** Mais quoy, ce Mystere n'est-il pas impenetrable?

**R.** Ouy, comme le sont le mystere de la Trinité, de l'Incarnation du Fils de Dieu, & tous les autres que les Chrétiens croient sans les comprendre.

**D.** En quelle maniere doit-on donc expliquer ce mystere aux personnes simples qui ne le sçau-roient comprendre?

**R.** On n'explique pas ce mystere pour le faire comprendre, mais pour le faire croire; á quoy personne n'est plus propre que les simples, qui d'ordinaire assujettissent plus facilement leur enten-dement à la foy, que ceux qui ont l'esprit plus sublime. Comme on enseigne donc par tout dans l'E-glise Catholique à tous les Fideles, sans distinction & sans exception, même aux jeunes enfans, les Mystere de la Trinité & de l'Incarnation, quoy qu'il n'y ait point d'entendement humain qui les puisse comprendre; on doit aussi expliquer à tous les enfans de l'Eglise le mystere de la Predesati-nation et de la Grace, pour les raisons qu'on a deduites cy dessus.

**D.** C'est votre sentiment; Porem não he certo que os Santos Padres ensinão que os Christãos devem adorar este mysterio em silencio, sem pretender penetrallo?

**R.** Verdade he que alguns Santos Padres dizem que os Christãos devem adorar este mysterio, assim como os outros sem pretender penetar as razões delles; porem estão tão longe de afirmar que se não deve ensinar ou se não deve explicar este mysterio ao povo; que antes pello contrario Santo Agostinho diz que os Pastores o devem ensinar e pregar às suas ovelhas ainda no cazo de que para alguns seja isso motivo de escandalo.

**D.** Então que he o que diz este Santo Doutor sobre isto?

**R.** Quando os Semipelagianos, diz elle, se sentem de tal sorte apertados pella força da verdade, que não possam de modo algum resistir-lhe; começão então a dizer que ainda que a doutrina da Pre-destinação e da Graça fosse verdadeira, não era a proposito o pregalla ao povo (Santo Agostinho, livro *De dono perseverantiae*).

**D.** E como se explica elle para refutar esse sentimento?

**R.** Eis as suas palavras «Pello contrario este mysterio se deve pregar afim de que aquelles que tem ouvidos para ouvir oição. Porque assim como se deve pregar a piedade afim de que Deos seja devidamente honrrado por aquelles que têm ouvidos para ouvir: assim como se deve pregar a pureza afim de que aquelles que tem ouvidos para ouvir, não cometão deshonestidades; e assim como se deve pregar a charidade ao povo afim de que aquelles que têm ouvidos capazes de ouvir, amem a Deos e ao proximo; assim também se deve pregar ao mundo inteiro a Predestinação dos dons de Deos afim de que aquelles que tem ouvidos para ouvir não ponhão a sua gloria em si mes-mos mas sim no Senhor» (loco citato).

## §.2

### Que coisa seja a Predestinação

**Deodato.** Somos obrigados a crer que existe a Predestinação?

**Romano.** Sim; hé hum artigo de Fé e quem o nega deixa de ser hum verdadeiro christão

**D.** Porque dizeis que a Predestinação hé um artigo de fé?

**R.** Porque a Scriptura Santa e todos os Santos Padres ensinão em termos expressos e claros que Deos escolheu e predestinou para si hum certo numero de homens.

**D.** Aonde hé que a Scriptura isso afirma?

R. Jesus Christo diz em S. Matheos que muitos são os chamados e poucos os escolhidos (Mat. 20, 16) e em S. João<sup>i</sup> – *Eu sei aquelles a quem escolhi* (Joan. 13,18). O Apostolo S. Paulo diz que *Deos nos escolheo em Jesus Christo* (Eph. 1, 4)<sup>ii</sup>. Falla tambem da Predestinação quando diz: *Afim<sup>iii</sup> de que o decreto de Deos ficasse firme segundo a sua eleição*. E em outro lugar<sup>iv</sup>: *Os restantes têm sido salvos segundo a eleição da graça* (R. 11, 5). E se quereis ouvillo falar em termos expressissimos da Predestinação eterna, eis o que elle diz: *Aquelles que Deos conheceo na sua presciencia, elle os predestinou; e aquelles a quem predestinou, os chamou* (Rom. 8. 29) etc. e em outra parte: *Aquelle que nos predestinou para sermos adoptados e feitos filhos de Deos por Jesus Christ* (Eph. 5)<sup>v</sup>. E mais abaixo: *Predestinados segundo o seu decreto*.

D. Tenho visto claramente que a Scriptura Santa nos falla de hũa Predestinação. Mas que hé o que devemos entender por Predestinação?

R. A Predestinação não hé outra coisa senão hum decreto de Deos pello qual elle desde toda a eternidade determinou salvar certa porção de homês destinando lhe para isso os socorros e graças, por meio dos quais elles infallivelmente se salvem.

D. E qual hé o motivo por que nem todos os homês são predestinados?

R. Hé porque tendo geralmente todos os homês pello seu peccado merecido ser condenados e excluídos da salvação, Deos usa de misericordia para com aquelles só a quem lhe apraz.

D. E que peccado tão fatal hé esse?

R. O peccado de Adam, no qual incorrendo todos os homês, perderão por isso todo o direito à graça e à gloria e vierão a ser Filhos da Colera de Deos.

### §. 3

#### Em que sentido Deos quer salvar todos os homês

**Deodato.** Somos obrigados a crer que Deos quer salvar todos os homês?

**Romano.** Sim; mas nos termos e no sentido do Apostolo.

D. Quais são as suas palavras?

R. *Deos quer que todos os homês sejam salvos*.

D. Não hé isso dizer em termos bem claros que Deos quer que todos os homês sem excepção se salvem, se elles quiserem salvar-se?

R. Não; não hé esse o sentido do Apostolo, porque – *hé evidente*, diz Santo Agostinho –, *que aquelles que assim fallão não comprehendem o sentido em que o Apostolo diz – Deus vult omnes homines salvos fieri. Porque muitos há que se perdem, não porque elles não queirão ser salvos, mas porque Deos não quer que elles o sejam, como claramente apparece nos meninos que morrem sem ser baptizados* (Epist.107).

D. Qual então o sentido do Apostolo quando diz: *Deus vult* etc?

R. Eis como Santo Agostinho as entende: *Não devemos entender por estas palavras que não haja hum só home a quem Deos não deseje salvar, mas sim que nenhum será salvo senão aquelle a quem*

<sup>i</sup> *Ego scio quos elegerim.*

<sup>ii</sup> *Sicut elegit nos ut essemus Sancti.*

<sup>iii</sup> *Ut secundum electionem propositum Dei maneret.*

<sup>iv</sup> *Reliquiae secundum electionem gratiae salvae factae sunt*

<sup>v</sup> *Qui praeordinavit in adoptionem filiorum per Jesum Christum secundum propositum voluntatis suae.*

*Deos quizer conceder a salvação. Por esse motivo devemos todos, como exhorta o Apostolo, orar a Deos para que queira, porque se elle quizer infallivelmente há-de ser* (Enchir. 103).

**D.** Não nos subministra a mesma Scriptura outros muitos lugares em que essas mesmas expressões – *todos os homẽs* – só nesse sentido hé que podem e devem entender-se?

**R. Sim.** O mesmo Apostolo diz que: *Hé pela justiça de hum só, Jesus Christo, que todos os homẽs são justificados* (Rom. 5,18). Por estas palavras – *todos os homẽs* – não se podem entender todos os homẽs sem excepção, mas somente aquelles que chegam a ser justos. Porque ninguem pode dizer com verdade que todos os homẽs geralmente e sem excepção sejam justificados por Jesus Christo; porem somente aquelles que o são, não o são senão por elle. Hé este, diz Santo Agostinho (L. 4 contra Julian. c. 2), e não outro o sentido das palavras do Apostolo – *Deus vult* etc. cujas palavras devem ser entendidas não de todos os homẽs geralmente, mas só daquelles que se salvão, de sorte que nenhum homem seja salvo, senão aquelle que Deos quer salvar, assim como nenhum hé justificado senão aquelle que Jesus Christo pellos seus merecimentos justifica.

**D.** Não tendes vós ainda na mesma Scriptura outra passagem que só desse modo possa e deva entender-se?

**R. Sim,** quando S. João diz que o Filho de Deos esclarece todos os homẽs que vêm e entrão no mundo; estas palavras não devem entender-se de todos os homẽs absolu(tamente), pois que quantos homẽs não vemos nós viverem e morrerem na sua cegueira, sem que Jesus Christo nunca os esclarecesse? O verdadeiro sentido portanto deste lugar hé que assim como não há ninguém neste mundo que seja esclarecido senão aquelles que o Filho de Deos esclarece, hé verdade também o dizer que o Filho de Deos hé que esclarece todo o homem que vem a este mundo ou que o Filho de Deos hé que esclarece todos os homẽs porque nenhum hé esclarecido senão por elle.

Pois assim como, diz Santo Agostinho (Enchir. 103), o Evangelista S. João diz que o Verbo Divino esclarece todos os homẽs, porque todos os homẽs que são esclarecidos não o são senão por elle, hé nesse mesmo sentido que o Apostolo S. Paulo diz – *Deus vult* ... porque ninguém será salvo senão aquelle que Deos quizer salvar; de sorte que sendo a vontade de Deos a causa absoluta da sua salvação, hé a elle que S. Paulo nos aconselha nos dirijamos para a pedir e obter.

**D.** Nós mesmos os homẽs não uzamos muitas vezes desses modos de fallar?

**R. Sim;** Quantas vezes fallando nós de hum Mestre d'Escola que hé único em hũa terra não dizemos d'elle que ensina todos os meninos dessa terra; e quando isto dizemos não affirmamos que todos os meninos dessa terra sem excepção sejam ensinados por este Mestre, porque muitos são os que não vão à Escola, e por isso não aprendem. Porem como todos os que aprendem são por elle ensinados e nenhum aprende senão com elle, por isso com muita verdade se diz: Este Mestre ensina todos os meninos desta terra. Pois hé neste mesmo sentido, diz Santo Agostinho (Liv. De la Predestin. cap. 8) que o Apostolo diz: *Deus vult*... e que as suas palavras devem ser entendidas. Deos quer salvar todos os homẽs, isto hé, nenhum homem se salva sem Deos querer, ou todos os que se salvão, salvão-se porque elle os quer salvar.

**D.** Isso hé o mesmo que dizer que hé verdade que Deos ensina a todos os homẽs que recorrão a Jesus Christo e que elle os quer salvar a todos; porque só elle e ninguém mais ensina a recorrer a Jesus Christo todos os que recorrem, e hé só elle quem pella sua vontade salva todos os que se salvão; assim como hum Mestre d'Escola instrue todos os meninos, porque só elle instrue todos os que são instruídos.

**R.** Desse modo justamente hé que eu o comprehando.

**D.** Pode haver ainda outro sentido em que seja verdade que Deos quer salvar todos os homês?

**R.** Santo Agostinho o defensor da Graça declara que estas palavras se não devem entender no sentido de que não haja ninguém a quem Deos não queira salvar; pois que Jesus Christo não quis fazer milagres diante dos povos que, como elle mesmo diz, se terião convertido e terião feito penitencia se perante elles obrasse os prodígios que entre outros tivera já obrado: porem que por todos os homês que Deos na frase do Apostolo quer salvar se pode também entender que Deos quer salvar homês de todas as classes e condições e estados: Ricos e pobres; Reis e Vassallos; Sabios e ignorantes; grandes e pequenos; meninos e velhos; homês de todas as nações, de todas as artes – e neste sentido hé verdadeira a expressão do Apostolo.

**D.** E só nesses sentidos expostos hé que se pode dizer que Deos queira salvar a todos?

**R.** Em muitos outros sentidos pode ainda dizer-se e com verdade, como diz Santo Agostinho: o qual não duvida admittir toda e qualquer interpretação que não seja a de supor que todos os homês, sem excepção Deos queira salvar; ou que algum daquelles a quem quer salvar não se salve: Tão certo estava este Santo Doutor que todos aquelles que Deos destinou salvar infallivelmente o hão de ser.

**D.** Não se pode também dizer que Deos quer com hũa vontade de signal salvar a todos: pois que elle os exhorta geralmente a todos à salvação pela boca dos seos profetas, dos Apostolos e por muitos outros meios exteriores e sensíveis que são outros tantos signais da vontade que elle têm de salvar os homês e que são communs a todos elles?

**R.** Sim; e hé nesse sentido que alguns Theologos antigos ensinarão que Deos quer salvar todos os homês sem excepção, porque ainda que a sua vontade absoluta não seja salvar todos os homês, contudo os signais da vontade que elle tem de salvar os homês não são privativos só daquelles a quem elegeo, mas são communs a todos os homês sem destinação nem excepção.

**D.** Não se pode também dizer que Deos quer salvar a todos sem excepção com hũa vontade de Bondade ou de Creador?

**R.** Sim, e hé nesse sentido que muitos Theologos sustentão hoje que Deos quer salvar todos os homês sem excepção; isto hé com essa vontade a que chamão de bondade ou de Creador a que dão também o nome de vontade antecedente, mas de nenhum modo com vontade consequente.

**D.** Que entendeis por isso?

**R.** Isto quer dizer que Deos como Creador, e sendo a mesma bondade por essência, quereria salvar todos os homês sem exceptuar hum só, se o homem não o tivesse offendido e se a sua justiça não exigisse que vingasse o peccado pello menos em alguns daquelles que o commetterão.

**D.** Explicai me ainda isso melhor.

**R.** Todo o Juiz quando tem a sentenciar hum reo à morte, desejaria elle por hũa commiseracção natural, considerando esse infeliz simplesmente como homem, poder valer-lhe e dar-lhe a vida; porem quando o considera como criminoso e digno de morte segundo as leis da Justiça como que se lhe apaga toda a compaixão e quer absolutamente que elle morra. Pois desse mesmo modo diz S. Thomaz, Deos quereria com hũa certa vontade que antes se deve chamar veleidade que todos os homês geralmente se salvassem, quando considera simplesmente o homem como hũa creatura que elle creou; porem quando o considera como hum ingrato que, afrontosamente o offendeo e por isso digno de morte eterna, então já não quer salvar a todos, mas somente aquelles a quem particularmente escolheo por hum puro effeito da sua misericordia.

**D.** Porem como havemos nós de conciliar esta vontade de bondade ou de Creador que Deos tem de salvar todos os homẽs dos quaes a maior parte se condemna, com Santo Agostinho que nos manda ter como hũa verdade certa e catholica que Deos infallivelmente salva aquelles a quem quer salvar, e que rejeita todas as explicações que contradigam esta verdade?

**R.** Assim como hé evidente que a vontade com que hum Juiz desejaria a vida de hum criminoso a quem elle condemna com effeito à morte, porque absolutamente o quer condemnar, não se pode chamar a isso vontade de lhe dar a vida, assim também essa vontade de Creador ou antecedente com que Deos desejaria salvar todos os homẽs sem excepção e não produz effectivamente a sua salvação, se não pode chamar hũa vontade propriamente dita de os salvar, e por consequência não sendo hũa vontade verdadeira, não embaraça que seja verdade o que diz Santo Agostinho que Deos salva infallivelmente todos aquelles a quem quer salvar.

**D.** E que fundamentos há para afirmar com tanta segurança que infallivelmente hão de ser salvos aquelles a quem Deos quer salvar?

**R.** Hé porque a Scriptura pela boca de David diz que *Deos tudo quanto quer faz no Ceo e na terra* e que nada há que possa resistir à sua vontade quando elle quer salvar alguém. Verdade esta de summa consolação para todos aquelles que têm hũa confiança Christãa, que esperão tudo de Deos e trabalham por lhe agradar.

#### **Em que sentido Jesus Christo morreo por todos os homẽs**

**D.** Jesus Christo morreo por todos os homẽs?

**R.** Sim; taes são as palavras do Apostolo

**D.** E em que sentido hé certo que Jesus Christo morreo por todos?

**R.** He certo que Jesus Christo morreo sufficientemente pela salvação de todos, isto hé, que a sua morte hé de hum preço sufficiente para resgatar todos os homẽs sem excepção. Hé também certo que Jesus Christo instituiu por sua morte os sacramentos que são communs geralmente a todos os homẽs e neste sentido hé também verdade o dizer *que Jesus Christo morreo por todos (Omnia quaecunque voluit fecit in coelo et in terra)*.

**D.** Não se pode também dizer que Jesus Christo morreo por todos, porque morreo para salvar a natureza humana que hé commãa a todos os homẽs, ainda que não morresse para salvar a todos?

**R.** Sem duvida que nesse sentido hé tambem verdade que Jesus Christo morreo por todos os homẽs; assim como também o hé no sentido que Jesus Christo morreo pello peccado que era commum a todos os homẽs sem excepção, e hé neste sentido que dizemos que Jesus Christo tomou sobre si os nossos peccados e que elle hé o cordeiro que apaga os peccados do mundo.

**D.** Se Jesus Christo morreo sufficientemente para a salvação de todos, não se segue dahi que elle communicou e deo a todos os homẽs sem excepção a sua graça que hé o fructo da sua morte?

**R.** De nenhum modo. O mesmo Tridentino diz que ainda que seja certo que Jesus Cristo morreo por todos, nem a todos elle fez participantes dos beneficios da sua morte. E esta verdade claramente se vê nos meninos que morrem sem baptismo, e por consequência sem receber alguma graça nem terem parte nos frutos da morte do Filho de Deos.

**D.** Em que sentido entenderão os Santos Padres que defenderão a Graça e cujos sentimentos devem ser a regra da nossa crença sobre este ponto – que Jesus Christo morreo por todos?

R. Entenderão no sentido de que morreo pela salvação de todos os que se salvão, isto hé, Jesus Christo morreo por todos no sentido de que ninguém se salva senão pella sua morte, e não que a sua morte tenha sido applicada a todos.

D. Mostrai me como esse hé o verdadeiro sentido do Apostolo.

R. O mesmo Apostolo diz em outro lugar que: *Assim como todos os homens morrerão em Adão, assim também todos elles recebem a vida em Jesus Christo*. E contudo quem ousará dizer que todos os homens sem excepção recebem a vida em Jesus Christo sendo evidente que muitos há que nunca a receberão e antes morrem no peccado da origem e se condemnão eternamente? Não quer logo dizer o Apostolo que assim como todos peccão em Adão assim todos sem excepção recebem a vida em Jesus Christo, mas sim que Jesus Christo hé a fonte donde dimana a vida para todos aquelles que vivem da sua graça, assim como hé em Adão que todos os homens morrem. Pois esse mesmo hé o sentido do Apostolo quando diz: *Christus mortuus est pro omnibus* – não que elle morresse para salvar todos os homens, mas porque só pella sua morte são salvos todos aquelles que o são, de sorte que ninguém o hé nem pode ser senão pella sua morte. E hé neste mesmo sentido que o Concilio de Trento o entendeu e explicou; porque depois de ter dito que Jesus Christo morreo por todos, contudo confessa que nem a todos distribuiu o fructo da sua morte, e que o lugar do Apostolo hé verdadeiro no sentido de que ninguem hé justo senão por Jesus Christo.

D. Não se pode também dizer que Jesus Christo morreo efficaçmente por todos os homens no sentido de que elle morreo singularmente por todos os predestinados os quaes são de todas as idades, de todos os estados, e de todas as condições do mundo?

R. Quem o duvida? E hé esse hum dos sentidos em que Santo Agostinho explica que Jesus Christo morreo por todos.

D. Logo então quando Jesus Christo morreo não orou a seu Pai por todos os homens; nem por todos elles sem excepção offerceco a seu Pai o fructo da sua morte?

R. Ainda que isso assim seja e essa consequência se siga não deixa contudo de ser certo que elle morreo por todos nos sentidos apontados.

D. E por que razão devo eu crêr que essa doutrina seja certa e verdadeira?

R. O mesmo Jesus Christo o diz – Pouco antes da sua morte orando a seo Eterno Pai lhe diz – *Eu não vos peço pelo mundo – Non pro mundo oro, sed pro his quos dedisti mihi*. Oro – vos não por aquelles que por hum effeito da vossa justiça deixastes abandonados às suas paixões e não separastes da massa corrompida, mas sim por aquelles a quem por hum puro effeito da vossa misericórdia separastes dessa mesma massa para os salvardes e para isso mos entregastes – *Quia quos dedisti mihi non peridi ex eis quemquam*. Pode haver coisa mais terminante?

D. Logo então Jesus Christo não orou a seu Pai nem lhe offerceco o fructo do seu sangue pella salvação dos que não erão predestinados.

R. Sem duvida. Porque como Jesus Christo conhecia perfeitamente todos os Predestinados a quem Deos tinha elegido e queria salvar, a sua vontade conformou-se inteiramente com a de seu Pai; e por consequência não podia querer salvar senão aquelles que sabia estarem postos por elle no decreto da Predestinação.

D. Porem não hé hum erro dizer que Jesus Christo morreo somente para salvar os Predestinados?

R. Sim, e erro justamente condemnado pelos Papas Innocencio 10 e Alexandre 7. Porque hé hum erro dizer com os Protestantes (e isto hé o que elles condemnão) que ninguem senão os Pre-

destinados participão dos merecimentos da morte de Jesus Christo pois que hé hum dogma de Fé ensinado por toda a Igreja que tambem muitos reprobos participão do fructo precioso desta morte; pois que as graças que Jesus Christo nos mereceo por ella não são dadas só aos eleitos, mas tambem a muitos dos reprobos.

**D.** Muito bem; comprehendo e fácil hé de comprehender que muitos daquelles mesmos que não são destinados para a gloria eterna recebem nesta vida graças que lhes forão merecidas por Jesus Christo, pois que muitos exemplos temos visto de homens que tendo vivido algum tempo na Fé e mesmo nos exercicios de piedade christãa (o que não pode ser senão obra da Graça e effeito dos merecimentos de Jesus Christo) cahirão depois e se perderão. Porem o que ainda não sei comprehender hé porque razão não havemos nós de poder dizer que Jesus Christo morrera só pela salvação dos Predestinados, nós que affirmamos como certo que elle só por elles orara e só por elles offercera a seo Eterno Pai o fructo da sua morte.

**R.** Pois isso fácil hé de comprehender. Hũa coisa hé dizer que Jessus morreo somente pela salvação dos Predestinados e outra coisa dizer que elle morreo para salvação eterna daquelles somente que são Predestinados. O primeiro hé hum erro, porque exclue todos os que não são predestinados da participação de todas as graças de Jesus Christo como acima esta dito. Porem a segunda não os exclue de todos os fructos da morte de Jesus Christo, porem somente da salvação eterna, como quem diz que o Filho de Deos morrendo, não mereceo para estes esta ultima graça, a salvação, ainda que lhe merecesse muitas outras e este hé o sentido catholico.

**D.** Jesus Christo não morreo logo para a salvação eterna de Judas nem dos outros que já no Inferno estavam condemnados quando elle morreo?

**R.** Certamente. E como bem adverte a sabia Igreja de Lião jamais algum Theologo Catholico creio ou ensinou que Jesus Christo tenha querido morrer para salvação dos Ímpios que antes da sua morte estavam já condemnados ao inferno.

**D.** E Jesus Christo não mereceo pela sua morte as graças que a Judas forão dadas e a muitos outros que tinham já morrido?

**R.** Sim mereceo, e hé nesse sentido que se pode dizer que Jesus Christo morreo tambem por Judas e por alguns outros que receberão alguma graça pelos merecimentos da sua morte que elle devia offerecer por elles.

**D.** Se Jesus Christo pôde offerecer a sua morte por Judas e alguns outros reprovados, isto hé, para lhe merecer graças ainda que elles tivessem já morrido, porque não podemos crêr que elle morreo tambem para salvação eterna de muitos Judas e desses reprovados?

**R.** He certo que nenhum homem muito antes de Jesus Christo recebeu alguma graça senão pelos merecimentos do mesmo Jesus Christo que hé o único Mediador que reconcilia os homens com seo Pai e não repugna que Jesus Christo merecesse ainda antes de morrer as graças que seo Pai antecipadamente e em vista de seo Filho deo a Judas e outros; porem repugna inteiramente que Jesus Christo morrendo pedisse a seo Eterno Pai a salvação de Judas e outros reprovados que elle sabia serem não somente do numero daquelles que elle não queria salvar, mas até serem já actualmente condemnados.

**D.** Logo então está evidente que Jesus Christo não morreo para salvação de todos os homens no sentido que elle orasse por todos a seo Pai e por todos lhe offercesse a sua morte.

**R.** Nada mais evidente.

**D.** E sobre que lugar da Scriptura principalmente se prova isso?

**R.** Principalmente sobre aquella em que Jesus Christo diz a seo Pai *Non pro mundo oro* etc. Onde bem expressa hé a excepção.

**D.** Logo todos aquelles por cuja salvação Jesus Christo pedio a seo Pai e offereceo a sua morte infalivelmente hão de ser salvos?

**R.** Sem duvida, assim como todos aquelles por quem não orou hão de infalivelmente ser condemnados. E de que consolação não deve isto servir para todos aquelles que crêm e esperão em Jesus Christo e que trabalham por passar hũa vida christãa! Cuja verdade hé apoiada sobre o que o mesmo Christo diz falando com seu Pai – *Eu sei que vós sempre me ouvis* (J. 11, v. 42) (*Ego autem sciebam quia semper me audis*) E Martha um pouco antes o tinha affirmado dizendo: *Eu sei que Deos vos concederá sempre tudo quanto lhe pedirdes*. E S. Thomas respondendo a esta objecção – que Jesus Christo orara a seo eterno Pai por todos os que o crucificarão dos quaes muitos contudo se perderão; *Pater ignosce illis* – responde que elle não pedira por todos os que o tinham crucificado, porem somente pelos que eraõ predestinados à vida eterna.

**D.** Os Santos Padres dizem também expressamente que nenhum daquelles por quem Jesus Christo orou se perderá?

**R.** Sim. Santo Agostinho (Ep. 102) expressamente o diz: *Nenhum daquelles por quem Jesus Christo morreo perece*. E em outro lugar o prova com hũa comparação deste modo. *Quando poderá acontecer que pereça algum daquelles que Jesus Christo resgatou com o seo sangue? Hum homem que hé valente poderá acazo perder o que com o seo dinheiro comprou? Como poderá logo Jesus Christo perder o que lhe custou o seu sangue?* (Serm. na fest. de S. Vic).

S. Bernardo tinha por tão certa esta verdade que dizia: *Nenhum daquelles por quem o Filho de Deos pedio que não percessem (podesse perecer) e por quem o Eterno Pai entregou seo Filho à morte afim de que tivessem vida* (Homilia dos louvores da Virg.).

### **De que modo Deos escolheo e predestinou alguns para a Gloria eterna**

**D.** De que modo escolheo Deos e predestinou só alguns homêes para a gloria e não os outros?

**R.** Deos prevendo o peccado d'Adão no qual peccado peccarão todos os homêes e por elle incorrerão a condemnação eterna decretou desde toda a eternidade salvar destes homêes condemnados só alguns, deixando os outros na massa do peccado em que jazião.

**D.** E esse decreto de Deos hé acazo depois de prever os seos merecimentos e o bem que havião de fazer?

**R.** De modo nenhum, porque como diz o Apostolo: *O decreto de Deos hé firme segundo a sua eleição, não em atenção às boas obras, mas sim por cauza da escolha que fez*. E mais abaixo: *Deos reservou para si neste tempo hum certo numero a quem salvou e elegeo pela sua graça. E só hé pela sua graça, logo não hé pelas obras: de outro modo a graça não seria graça* (Rom. 11.6)

Alem de que que razão teria o Apostolo de exclamar à vista deste mistério: *Ó altitudo Sapientiae et Scientiae Dei* etc. se a Predestinação nascesse dos merecimentos previstos do homem? Nada há de mysterio, nem de incomprehensivel hũa vez que se supponha que Deos quis salvar a huns porque previo que elles farião boas obras e não quis salvar outros, porque previo que havião de ser maos. Quem dirá que não comprehende isto?

**D.** Pois então os Predestinados hão de ser salvos sem boas obras?

**R.** Não. Porque ainda que Deos não os tenha escolhido por cauza das boas obras que elles houvessem de fazer, escolheo-os contudo e predestinou-os para fazerem essas boas obras, e fazendo-as, salvarem-se; de sorte que as boas obras são effeito e não cauza da sua predestinação.

**D.** Porem se Deos elegeo huns e não outros, tanto para a graça como para a gloria não se vê nisso hũa accepção de pessoas? E não hé isso contrario ao que diz o Apostolo – *Non est apud Deum personarum acceptio*.

**R.** Não se pode dizer que haja accepção de pessoas, quando se não deve nada nem a huns nem a outros, assim como tambem quando não em consideração da pessoa, mas por pura bondade e liberalidade se faz a hũa algũa graça que a outra se não faz; de outro modo nunca poderia hum Rei perdoar a morte a hum criminoso, sem a perdoar também a todos os outros que merecessem a mesma pena.

**D.** Applicai isso ao nosso ponto.

**R.** Peccarão todos os homês em Adão, e pello seu peccado merecerão que Deos os condemnasse eternamente e para sempre os privasse de todas as graças e da gloria: Não sendo portanto Deos obrigado a dar a ninguem a sua graça e gloria, e podendo com justiça condemnar a todos sem excepção e deixallos na sua desgraça, não há nelle accepção de pessoas quando por hum puro effeito da sua bondade e misericordia escolhe a alguns para os salvar e livrar da condemnação que todos houverão incorrido, deixando nella os outros.

**D.** Hé logo falso que Deos queira salvar todos os homês e que a todos sem excepção dê as graças precisas com que possam salvar-se, se quiserem; dependendo só delles o salvar-se e que aquelles que se não salvão, hé porque não querem?

**R.** Sim, tudo quanto até aqui temos dito abona essa consequencia e prova ser ella conforme à Scriptura Santa.

**D.** E não tendes mais algũa prova que sensivelmente demonstre ser verdadeira essa doutrina?

**R.** Basta só o numero quasi infinito de meninos que todos os dias vemos morrer sem Baptismo; e os quaes por consequencia se não salvão, para invencivelmente provar que hé falso que Deos queira salvar geralmente a todos os homês, porque a todos dê graças para se salvarem e que dependa do homem salvar-se, se quiser.

**D.** Qual então o motivo que impellio(moveo) a Deos a usar de misericordia com alguns, salvando-os e predestinando-os para a sua gloria?

**R.** Nenhum outro senão a sua bondade infinita, que quis fazer resplandecer as riquezas infinitas da sua misericordia sobre aquellas creaturas a quem livra do castigo que merecido havião e a quem predestinou para hũa gloria que já não podião merecer.

**D.** E por que se não estendeo a sua vontade a salvar todos?

**R.** Como todos peccarão em Adão, e peccando se constituirão reos de condemnação eterna; Deos uza de misericórdia para com aquelles a quem lhe apraz.

**D.** E Deos não rejeita creatura nenhũa senão pelos seos peccados?

**R.** Sem duvida.

**D.** Mas sendo Deos tão misericordioso porque razão não quiz elle salvar tanto huns como outros e não elegeo a todos sem distincção?

**R.** Deos assim como hé misericordioso hé também justo. Assim como creou o Paraíso creou também o Inferno. Portanto assim como para com huns faz resplandecer as riquezas e a força da sua

graça escolhendo-os e predestinando-os para a salvação, assim também abandonando a outros, e punindo nelles o seu peccado, faz resplandecer nelles o rigor da sua Justiça.

**D.** Mas não hé certo que a sua misericordia hé maior que a sua Justiça? por que razão logo se não estende a todos os homês e não quiz sinceramente e simplesmente salvillos a todos sem excepção?

**R.** Se compararmos a misericordia de Deos com a sua Justiça na sua essencia, nunca se poderá dizer que hũa seja maior do que a outra; porque todas as perfeições em Deos são infinitas, e são o mesmo Deos. Porem consideradas *ad extra*, isto hé, olhando para os effeitos exteriores de hũa e outra, pode com verdade dizer-se que a misericordia hé maior que a Justiça, ainda mesmo não predestinando elle todos os homês para a salvação. Porque estendendo-se a sua Justiça igualmente a todos os homês e merecendo todos igualmente o castigo merecido, quem não dirá que a misericordia de Deos hé maior do que a sua Justiça, quando elle nem para com todos descarrega o furor da sua cólera; antes separa desta massa da corrupção alguns a quem salva e a quem destina todas as graças e auxílios necessários para isso? Exigia a sua Justiça que assim como todos erão peccadores, todos fossem igualmente punidos, mas a sua misericordia como que lhe liga as mãos e lhe não deixa punir a todos como merecem; quando uza de indulgencia para com huns certos a quem, não obstante a seu crime, ainda determina salvar.

A misericordia de Deos hé ainda maior do que a sua justiça ainda mesmo a respeito daquelles a quem não predestinou. Pois que se elles vivem, se gozam e possuem tantos bens de que abuzão; se recebem tantos dons e graças quando pelo seo peccado de tudo isto se tinham feito indignos, que outra coiza hé isto senão hum puro effeito da bondade e misericordia de Deos que não deixa ainda de lhes fazer tanto bem?

**D.** Se hé certo que Deos nem a todos os homês sem excepção quer salvar, não se pode também dizer que elle creou aquelles a quem não salva para os condemnar.

**R.** *Absit...* Seria hũa horrivel blasfemia o proferir tal. Porque como Deos não condemna nenhũa pessoa enquanto hé creatura sua, mas sim enquanto hé peccador, que pelo seo peccado mereceu a condemnação, e nenhum homê hé peccador porque Deos o creou, mas sim pelo mau uzo que faz da sua liberdade ou seja em si, ou em Adão, ninguem pode com verdade dizer que Deos crie alguém para o condenar. Todas as vezes que elle quer punir em hũa creatura, não a natureza que lhe deo, mas sim o peccado que o constituiu reo e criminoso.

**D.** E o numero dos predestinados está já prefixo e contado?

**R.** Sem duvida, e sem poder já ser nem augmentado nem diminuído<sup>vi</sup>.

**D.** Pois hum Predestinado não pode já vir a ser reprovado e vice-versa?

**R.** Não. Porque os decretos de Deos são immutaveis e de prompta execução.

**D.** Logo todos aquelles que Deos hũa vez predestinou hão de infallivelmente ser salvos?

**R.** Sim, porque tudo o que decretou desde a eternidade, infallivelmente se há de cumprir como elle o determinou, e eis o que constitue a principal alegria das almas christãs, que firmemente confião ser do numero feliz daquelles a quem Deos escolheu para si.

**D.** E então esses, que assim são predestinados, hão de conseguir a salvação, apesar ainda de commeterem muitos peccados, e de que sejam grandes peccadores e vice versa os outros hão de infallivelmente ser condemnados, apesar de todo o bem que fação?

**R.** Deos aquelles a quem predestinou, logo também lhe destina todas as boas obras que pela

<sup>vi</sup> *His qui praedestinati sunt in regnum... ita certus est numerus ut nec addetur eis quisquam, nec minuat ex eis* (Corrept. c. 13).

sua graça lhe háde fazer cumprir a fim de que por ellas se salvem; e aquelles a quem não predestinou, não lhe preparando estas boas obras, recusando lhe a graça para isso, que outra coiza hão de commetter senão peccados e então pellos seos peccados se condemnão.

**D.** E como hé que Deos executa em nós o decreto de sua predestinação?

**R.** O Apostolo no lo explica nestes termos: *Aquelles a quem predestinou-hos et vocavit; e aquelles a quem chamou-hos et glorificavit.*

**D.** E de que modo todos aquelles a quem Deos predestinou hão de infallivelmente ser justificados e morrer na Justiça?

**R.** Deos todos aquelles a quem predestinou também desde logo lhes preparou todas as graças e auxílios precizos para viverem e morrerem santamente.

**D.** E essa doutrina da Predestinação hé mesmo de S. Paulo?

**R.** Nada mais expresso nas suas Epistolas, especialmente na Epistola ad Romanos.

**D.** E esta doutrina devemos têlla como certa?

**R.** Sim. São palavras de S. Agostinho: *Ninguém pode sem erro combater esta Predestinação, que nós cremos e defendemos como conforme à Scriptura Santa. Hoc scio neminem contra istam praedestinationem, quam secundum scripturam defendimus, nisi errando disputare potuisse* (De dono pers. c.19).

### Que coisa seja Graça

**D.** Que hé o que entendeis por Graça?

**R.** Graça são geralmente todos os beneficios ou dons assim exteriores como interiores que recebemos de Deos sem os ter merecido.

**D.** Que coisa são graças exteriores?

**R.** São por exemplo a vida, a saude, as forças e todos os outros dons naturaes do corpo e do espirito, as commodidades da vida e os outros bens temporaes; os sacramentos, a palavra de Deos, as instruções, os bons conselhos, as exhortações, as correcções, o bom exemplo, etc.

**D.** E por que se lhe chama graças exteriores?

**R.** Porque todos estes dons são exteriores à nossa vontade e de si não têm virtude algũa de a rectificar; antes são dons de que ella livremente pode usar para bem e para mal.

**D.** E essas graças exteriores vêm-nos todas dos merecimentos de Jesus Christo?

**R.** Os dons naturaes e bens temporaes que nos são communs com os animais e são communs aos bons e maos, nem sempre vêm dos merecimentos de Jesus Christo.

**D.** Logo algũas vezes dahi provêm?

**R.** Sim, porque quando Deos os dá aos seos escolhidos devem-se então reputar como effeitos da sua predestinação, pois que Deos os faz servir então como de meios para os salvar.

**D.** E as outras graças exteriores como instituição de sacramentos etc. vêm-nos dos merecimentos de Christo?

**R.** Sem duvida, e estes dons, ainda que exteriores, são de ordem superior.

**D.** E hé destas graças exteriores que se diz: que sem a graça de Deos nada podemos e com ella podemos tudo?

**R.** Não, porque força nenhũa da natureza e nenhum desses dons, que não movem interiormente a vontade, são sufficientes para lhe fazer amar o bem, ou aborrecer o mal.

**D.** Que coisa são graças interiores?

R. São todas aquellas que por si mesmas movem a nossa vontade para o bem.

D. E quaes são essas graças interiores que Deos dá à nossa vontade para o bem?

R. Hũa hé a que se chama Graça habitual e a qual Deos derramando na nossa alma, ella fica justa e agradável ao seo Creador; e hé desta graça que se falla quando se diz *que hũa creatura está em Graça de Deos ou em estado de Graça*. Chama-se habitual ou permanente porque ella existe nos justos ainda mesmo quando dormem. Há ainda outra, e esta se chama graça actual, que hé aquella que actualmente nos esclarece e nos excita a fazer o bem e a fugir do mal. E hé desta graça que falamos quando dizemos que *sem a Graça de Deos nada podemos e com ella tudo*.

### Em que consiste a graça habitual

D. Que coisa hé graça justificante e em que consiste?

R. Hé a Caridade ou o amor de Deos que o Espirito Santo infunde em nossos corações pello qual elle nos justifica e nos inclina para tudo o que hé do agrado de Deos e afasta de tudo quanto lhe desagrada.

D. Donde vem essa Graça?

R. Só de Deos, porque, segundo o Apostolo, hé pello Espirito Santo que o amor de Deos se espalha nos nossos corações; pello qual elle nos justifica e nos inclina para tudo o que hé do agrado de Deos e o afasta de tudo quanto lhe desagrada.

D. Donde vem essa Graça?

R. Só de Deos, porque segundo o Apostolo hé pelo Espirito Santo que o amor de Deos se espalha nos nossos corações.

D. Esta Graça justificante ou habitual de que modo nos hé ella communicada?

R. Pelo uso dos Sacramentos, pela practica das virtudes christãs e sobretudo pelo amor de Deos he que esta graça nos hé concedida ou augmentada se estávamos já em graça.

D. E não hé pelos merecimentos de Jesus Christo que ella nos hé dada e augmentada?

R. Sim, porque os Sacramentos e a practica das virtudes donde tirão a sua efficacia hé dos merecimentos do Filho de Deos.

D. E esta Graça hé susceptivel de poder perder-se?

R. Sim, e muitíssimas vezes a perdemos.

D. E somos obrigados a crer que esta Graça se pode perder?

R. Hé um dos artigos da nossa crença contra certos herejes, os quaes negão que os Justos perção nunca a Graça por mais crimes que commetão; o que aniquilla toda a Moral Christã.

D. E quanto tempo dura em nós essa Graça habitual ou de que modo se perde?

R. Dura todo o tempo que o amor de Deos domina em nós, isto hé, dura emquanto nós amamos a Deos sobre todas as coisas, e emquanto não commetemos algũa coisa que nos faça perder este amor; ou que de tal sorte o enfraqueça que a nossa cubiça o vença, levando-nos a condescender mais com as nossas paixões do que com o que Deos manda.

D. Que bens nos resultão dessa Graça ou amor dominante nos nossos corações?

R. Os que a possuem e que vivem em estado de graça são participantes da natureza divina, como diz S. Pedro, porque são participantes da Justiça e bondade de Deos e são-lhe agradáveis, porque são Justos todo o tempo que conservão esta graça. E os que nela perseverão até ao fim são estes *os vasos de misericórdia, os verdadeiros Filhos de Deos e herdeiros da sua Gloria*.

**D.** Logo bem deploravel hé a desgraça daquelles que ou nunca receberão esta Graça ou que recebendo- a a perderão para nunca mais a recuperar?

**R.** Sem duvida, e esses são os vasos de cólera, inimigos de Deos, Filhos do diabo, herdeiros do inferno, onde soffrerão as penas eternas que são devidas aos seus peccados.

**D.** E basta hum só peccado mortal para se perder?

**R.** Sim, e hũa vez perdida, oh quão difficultosa coisa o recuperalla!

**D.** E de que modo se recupera?

**R.** Só pelas lagrimas e gemidos de hũa verdadeira e sincera penitencia.

&

### Da Graça actual

**D.** Além da graça e charidade habitual\* necessitamos ainda de algũa Graça para fazermos o bem e fugir do peccado?

**R.** Sim; além da Graça habitual que reside em todos os Justos necessitão elles de hũa Graça que actualmente os esclareça e excite a fazer o bem e fugir do peccado e hé a esta Graça que chamamos actual.

**D.** Que hé então a Graça actual?

**R.** Hé hũa Graça de luz e de amor que actualmente nos faz conhecer o bem e o mal e que actual nos faz amar hum e aborrecer o outro: Santo Agostinho lhe chamou: *Inspiratio sancti amoris, ut cognita sancto amore faciamus* – isto hé, hum amor luminoso que nos faz conhecer e amar o bem.

**D.** Donde nos vem essa Graça que nos esclarece o espirito e excita a nossa vontade?

**R.** Vem-nos do Espirito Sancto pelos merecimentos de Jesus Christo.

**D.** E para nos amarmos o bem e fugirmos do mal não bastaria hũa Graça que nos illustrasse o espirito e lhe fizesse conhecer o bem e o mal?

**R.** Não, porque o peccado original não somente nos obscureceo o entendimento, mas tambem nos enfraqueceo a vontade, de tal sorte que se hũa Graça singular nos não acode, jamais ella poderá fazer, nem mesmo querer o que conhece ser bom e justo.

**D.** Em que consiste essa Graça que excita e ajuda a nossa vontade a fazer o bem?

**R.** Em hũa doçura interior e amorosa que o Espirito Sancto derrama em nosso coração, com a qual o excita e anima a fazer o bem e fugir do mal.

**D.** Não há muitas espécies de graça actual e excitante?

**R.** Sim, e mais particularmente se divide em Graça efficaz e inefficaz

**D.** A que chamais Graça inefficaz?

**R.** Chamo aquella que não consegue o effeito a que nos excita, ainda que sempre consiga algum outro.

**D.** E quaes são essas graças inefficazes?

**R.** São as inspirações e bons movimentos que nos fazem desejar e querer o bem, mas tão fracamente que nunca o produzem. E hé a isto que Santo Agostinho chama vontades piquenas e fracas.

**D.** E o que entendeis por Graça efficaz?

---

\* O tradutor português escreveu distraidamente «actual».

R. Entende hũa Graça que consegue sempre o effeito a que nos excita.

D. E em que consiste?

R. Consiste em hũa deleitação amorosa, que previne tão fortemente a nossa vontade; que nos faz fazer e querer infallivelmente o bem a que nos excita. E hé isso a que Santo Agostinho chama forças efficacissimas da vontade, ou vontade grande e forte, que nos faz fazer o que com effeito desejamos e queremos fazer.

D. Não acontece resistirmos muitas vezes no estado da natureza corrompida às mesmas graças interiores?

R. Sim; muitíssimas vezes deixamos de seguir as inspirações e bons movimentos que nos excitão a obrar o bem. São isso graças inefficazes, que sendo mui fracas para vencer a nossa concupiscencia encontrão em nós tanta resistencia que ficão privadas do seu effeito, isto hé, jamais faremos com ellas o bem a que nos excitão, se outra graça mais forte não vier sobre nós.

D. Hé logo erro o dizer que no estado de natureza corrompida nunca se resiste à graça interior?

R. Sim, e hé esta a 2.<sup>a</sup> das cinco proposições justissimamente condemnadas por Innocencio 10 e Alexandre 7.

D. Porem à Graça efficaz nunca nós resistimos?

R. Não, porque a Graça efficaz hé aquella que nos faz infallivelmente fazer aquillo que nos faz querer.

D. Donde vem isso?

R. Isto provém, não da nossa vontade, que hé corrompidissima e mui fraca, mas sim da força da Graça.

D. E por que arte consegue a Graça efficaz que ninguem lhe resista?

R. Hé porque nos previne com hũa doçura tão amorosa (deleitação tão doce) e por hum amor tão forte para o bem, que apoderando-se do nosso coração e de seos appetites desordenados, ella nos faz querer e amar o bem a que nos excita. E não hé possível que nós deixemos de fazer aquillo que mais amamos e appetecemos, emquanto esta vontade forte em nós subsiste.

D. Hé desse modo que Santo Agostinho explica a efficacia da Graça?

R. Sim. Eis as suas palavras: *Esta Graça que Deos pela sua liberalidade derrama secretamente no coração dos homẽs não hé rejeitada por nenhum coração endurecido, porque o primeiro effeito que ella opera no coração daquelles a quem Deos a dá, hé tirar-lhe todo o endurecimento*<sup>vii</sup>.

D. Porem não se pode rejeitar?

R. Pode, sim, se quisermos, como diz muito bem o Tridentino, para nos fazer comprehender que se se não rejeita nunca, não hé porque ella nos necessite, mas sim, porque nós não queremos; e se nunca queremos, hé porque quando esta Graça nos previne com as suas doçuras, infallivelmente nós queremos e amamos o que ella nos faz querer e amar.

D. Hé logo hum erro o dizer que os semipelagianos erão herejes por ensinarem que podemos resistir à graça, se quisermos?

R. Sim, e hé essa a 4.<sup>a</sup> das 5 proposições justamente condemnadas por Innocencio 10 e Alexandre 7.

<sup>vii</sup> *Haec itaque gratia, quae occulte humanis cordibus divina largitate tribuitur, a nullo duro corde respuitur: ideo quippe tribuitur ut cordis duritia primitus auferatur* (De predestin. c. 8).

### Da Graça Sufficiente

D. Que entendeis por Graça Sufficiente?

R. Huns Theologos entendem por graça sufficiente o mesmo que nós por graça inefficaz, isto hé, graça que excitando a nossa vontade a fazer algum bem, lhe não dá contudo o poder de o fazer. E por isso estes Theologos ensinão que só com graça sufficiente nunca o homem jamais fará o bem; e alguns até mesmo concordão que só imprpropriamente se chamão a estas Graças sufficientes.

Outros porem mais ordinariamente entendem hũa graça que está submettida à nossa vontade e com a qual suppõe que o homem pode querer e obrar o bem, se quiser, ainda que ella lho não faça querer.

D. E a graça está sujeita com effeito à nossa vontade?

R. Antes do peccado dos Anjos e do homem innocente hé certo que a Graça estava submettida à sua vontade, de sorte que com essa graça elles poderião, se quisessem, conservar-se na innocencia em que forão creados, porque, não estando ainda viciados, tinhão sufficientes forças para com esta graça poderem perseverar, se quisessem, na justiça da sua criação.

D. E depois do peccado de Adão a Graça não está já submettida à nossa vontade?

R. Não, antes pello contrario, ella submete a nossa vontade e a faz querer.

D. Donde procede essa differença?

R. De que presentemente a nossa vontade se acha tão fraca e enferma, que entre tantas difficuldades ella infallivelmente succumbirá, se não for socorrida e fortificada por hũa Graça que não somente a excite a fazer o bem, mas que lho faça mesmo querer e fazer.

D. Logo então essa Graça sufficiente não existe já no estado de natureza corrompida?

R. Certamente, e seria até inútil dar semelhante Graça ao homem corrompido; porque ainda que essa Graça sufficiente ou submettida à vontade fosse útil e até mesmo necessária no estado de innocencia em que a vontade do homem tinha sufficientes forças para se aproveitar della, no estado presente de corrupção em que o mesmo homem se acha, e em que, como diz Santo Agostinho, a nossa vontade está tão enferma e fraca que indubitavel(mente) succumbirá, hũa vez que outra Graça mais robusta a não fortaleça e faça querer, vinha a ser inteiramente inútil semelhante Graça sufficiente.

D. E que hé que nos segura de que seja verdade essa doutrina de não existirem já graças sufficientes submettidas à vontade, e que ellas forão só proprias dos Anjos e do homem antes do seu peccado?

R. Santo Agostinho<sup>viii</sup> em termos bem expressos no lo affirma: – *Deos*, diz elle, *tinha dado a Adão antes do seu peccado aquelle adjutorio, sem o qual elle não podia perseverar; porem não o outro, que effectivamente o fizesse perseverar. Porem de hum modo mui differente acontece depois da sua queda no estado de corrupção em que vivemos*» (Lib. Corrept. et grat. c.12). *Porque*, diz o Santo Doutor, *se Deos deixasse na vontade do homem o perseverar, se quisesse, com esse socorro ou graça de Adão*

<sup>viii</sup> *Primo itaque homini... datum est adjutorium perseverantiae, non quo fieret, ut perseveraret; sed sine quo per liberum arbitrium perseverare non posset... Nunc vero tale adjutorium non datur... sed perseverantia ipsa donatur. Nam in tanta infirmitate vitae hujus ipsis relinqueretur voluntas sua, ut in adjutorio Dei, sine quo perseverare non possent manerent si vellint, nec Deus in eis operaretur, ut vellint, inter tot et tantas tentationes, voluntas ipsa succumberet. Subventum est igitur infirmitati humanae ut divina gratia insuperabiliter ageretur... operando in eis et velle... ut quoniam non perseverabunt nisi et possint et vellint, perseverandi eis et possibilitas et voluntas divina gratiae largitate donetur... ut ideo possint, quia sic volunt; ideo sic vellint, quia Deus operatur, ut vellint.*

*sem a qual não poderia perseverar, hé tão grande a sua fraqueza e tão incapaz o homem de se sustentar, que por modo nenhum perseveraria». Portanto, conclue o Santo: Deos presentemente àquelles a quem quer salvar, não lhe dá somente hũa graça que seja semelhante à de Adão e sem a qual elles não possão perseverar no bem, mas sim opera nelles o mesmo querer. Porque, como elles não perseverão por isso que não podem nem querem; por essa causa elle pella sua misericordia dá hũa graça que os faça querer e poder perseverar».*

**D.** E de que modo nos faz essa graça poder e querer?

**R.** *Hé porque, diz o mesmo Santo, o Espírito Santo de tal sorte inflama a sua vontade que já não podem cahir, porque fortemente querem não cahir; e o querem fortemente porque Deos que hé omnipotente, opera nelles esse querer.* Donde claramente se vê por este e muitos outros lugares que Santo Agostinho não admittia já no estado presente do homem essas graças sufficientes submittidas à vontade, com as quaes o homem possa de tal sorte fazer o bem que effectivamente huns o fação sem outro auxilio e outros não.

**D.** Em que se differença logo essa Graça sufficiente da efficaz?

**R.** A 1.<sup>a</sup> e mais essencial differença hé que a Graça sufficiente dá somente o poder de fazer o bem, se o homem o quer fazer; e a Graça efficaz o faz mesmo querer; 2.<sup>a</sup> – que a Graça sufficiente quanto ao uso está sujeita à vontade da creatura; e a efficaz submete a si a vontade prevenindo-a com deleitações tão fortes que lhe fazem invencivelmente querer o bem; 3.<sup>a</sup> – a Graça sufficiente hé hũa graça propria do homem são que só foi dada aos Anjos e a Adão, emquanto a sua vontade era saã e innocente e a Graça efficaz he hũa Graça medicinal e de enfermo, que Deos reservou para o homem corrompido pelo peccado; 4.<sup>a</sup> a Graça sufficiente hé hũa Graça do Creador, que Deos pella sua bondade e justiça não podia recusar ao homem innocente e a Graça efficaz hé hũa Graça de Redemptor e de pura misericordia e a qual Deos podia recusar a todos os homês depois do seu peccado.

### **Da Graça efficaz**

**D.** Todos nós depois do peccado necessitamos de hũa graça efficaz para querer e fazer o bem?

**R.** Sim; porem para melhor entender isto hé necessario tomar a graça efficaz em toda a sua extensão, comprehendendo nella aquellas graças de que antes fallamos, que sendo efficazes para hum certo effeito, são inefficazes para o principal a que se dirigem.

**D.** E essa Graça não tem sido combatida?

**R.** Sim; principalmente no tempo de Santo Agostinho por Pelagio e seos sequazes.

**D.** Que dizia esse hereje?

**R.** Ensinava que Deos nos dá graças com as quaes podemos fazer o bem se quisermos; de sorte que todas as graças com que Deos nos previne, são sujeitas e submittidas à nossa vontade e não queria reconhecer graça que nos faça querer e fazer o bem.

**D.** E era elle hereje emquanto não reconhecia essa graça, e que sem ella nenhum bem podemos fazer?

**R.** Santo Agostinho vos responde; são palavras suas (L. de grat. c. 10): *Pelagio, diz elle, se quiser não ser christão só no nome, mas na realidade, deve infallivelmente reconhecer esta graça que não só nos excita para o bem, mas que no lo faz fazer (Hanc debet Pelagius Gratiam confiteri, si vult non solum vocari, verum etiam esse christianus; gratiam qua in nobis Deus operetur et velle et perficere).* Julgai agora se no sentir de Santo Agostinho se pode ser Christão verdadeiramente não reconhecendo a graça efficaz.

**D.** E esta graça hé geralmente necessaria para querer e para fazer o bem?

**R.** Seguramente, pois que o Apostolo escrevendo aos Fieis de Phillipos lhes diz: que Deos hé quem em nós opera o querer e o fazer segundo lhe apraz – *Deus est qui operatur in nobis velle et perficere pro bona voluntate*. Não diz que Deos nos dá o poder de querer e de fazer, mas sim que opera esse querer e fazer à sua disposição, isto hé, que Deos nos faz querer e fazer segundo lhe apraz.

**D.** E não se pode fazer nenhum bem nem querello sem esta graça?

**R.** Não, porque Jesus Christo expressissamente (sic) nos diz:– *Sine me nihil potestis facere*. Sobre o que reflectindo Santo Agostinho contra os Pelagianos mui bem adverte que Jesus Christo não diz que sem elle podemos fazer poucas coisas, mas sim que não podemos fazer coisa nenhuma.

**D.** Logo tudo quanto sem esta graça fazemos hé mau e hé peccado?

**R.** Santo Agostinho formalmente diz que só hum ímpio hé que ousará negar que tudo quanto não hé feito para gloria de Deos seja peccado (Aug. l. 4 contra Jul.c. 3)<sup>ix</sup>. E quem se atreverá a profereir que algũa coisa possa referir-se a Deos sem a sua graça?

**D.** E por que razão seria impiedade negar que tudo quanto não hé feito para gloria de Deos seja peccado?

**R.** Porque todos os homês, e com particularidade os christãos, somos obrigados, segundo o Apostolo, a referir para gloria de Deos tudo quanto fazemos: *ou comais ou bebais ou façais algũa outra coisa, tudo fazei para gloria de Deos*, diz o Apostolo aos Fieis de Corinto.

**D.** Pois que não hé obrar bem o dar de comer a quem tem fome, o vestir os nus, o honrar os Pais e Mais; e não podemos nós fazer tudo isto sem graça sobrenatural?

**R.** Verdade hé que o socorrer o próximo nas suas necessidades e honrrar cada hum a seo Pai são acções boas e mandadas; porem sem a graça sobrenatural, jamais as faremos como deve ser, isto hé, para gloria de Deos, à qual todos os homês e principalmente os Christãos são obrigados a referir todas as suas acções como ao seu ultimo fim. S. Thomas diz expressammente que pello preceito da charidade devemos referir a Deos a honrra que damos a nossos Pais.

**D.** E hé um grande peccado o não referir a Deos as nossas acções?

**R.** Grande não, quando isso se não ommitte por desprezo ou por impiedade, mas seria hum peccado gravissimo não lhe referir a acção principal da vida; porque isto seria viver como quem não reconhece a Deos por seu ultimo fim.

&

#### **Necessidade desta graça para crer e para orar.**

**D.** E a Graça efficaz hé necessaria para crermos em Jesus Christo?

**R.** Quem o duvida?

**D.** Como assim tão seguramente o affirmaes?

**R.** Porque o Filho de Deos em termos bem formaes nos diz: *Nemo potest venire ad me, nisi Pater, qui misit me, traxerit eum*.

**D.** Que há a reflectir nessas palavras?

---

<sup>ix</sup> *Absit ut sit in aliquo vera virtus, nisi fuerit justus. Absit ut sit justus vere, nisi vivat ex fide. Quicquid boni fit ab homine sed non propter hoc fit, propter quod fieri debet: etsi officio videatur bonum, ipso non recto fine peccatum est.*

R. Que o Filho de Deos não diz que ninguem pode vir a elle se seu Pai o não chama, ou não convida a vir, se elle quer; mas sim que ninguem pode vir se seo Pai, por hũa deleitação interior, como diz Santo Agostinho, lhe não faz querer, o que antes não queria, isto hé, por hũa graça efficaz.

Deve-se ainda notar que o Filho de Deos não diz somente que ninguém vem a elle, mas sim que ninguém pode vir, se seo Pai o não traz; o que mostra evidentemente que coisa nenhuma, a não ser a Graça efficaz, a qual tem virtude de mover infallivelmente a vontade, pode levar-nos a Jesus Christo, isto (hé), a crer nelle.

D. E essa Graça que hé necessaria para crer em Jesus Christo hé dada a todos os homês?

R. Não, segundo o que nos ensina o Filho de Deos e todos os Santos Padres que combaterão a heresia de Pelagio.

D. Que hé o que nos diz o Filho de Deos?

R. Em S. Marcos diz aos seus discípulos: *Vobis datum est nosse mysterium regni Dei; illis autem qui foris sunt, in parabolis omnia sciunt; ut videntes videant et non videant; audientes audiant et non intelligant, nequando convertantur et dimittantur eis peccata.*

D. Esse lugar bem terminante me parece: Tendes algum outro ainda da Scriptura?

R. O Apostolo também expressissimamente diz que a Fé não hé commum a todos: – *Non enim omnium est Fides* (2 Thess. 3.2.).

E nos Actos dos Apóstolos<sup>x</sup> conta S. Lucas (16, v. 6) que quando os Apostolos entrarão na Phrigia e na Galacia, o Espírito Santo lhes prohibira o annunciar a palavra de Deos na Ásia: e que tendo vindo à Mysia, e estando a ponto de penetrarem na Byhinia o Espírito de Jesus lhe não permitira. Que mais hé necessario para crêr que a Graça da Fé nem a todos os homês hé concedida?

D. Que diz Santo Agostinho sobre isto?

R. Alem de que os seos livros estão cheios desta verdade diz expressamente em hum lugar: *Que todo aquelle que não quer contradizer abertamente a palavra de Deos deve crêr como certo que a Graça de Deos hé concedida a huns e recuzada a outros* (L. de Praed. c. 8). (*Fides donum Dei est; et hoc donum quibusdam dari; quibusdam non dari, omnino non dubitet qui non vult manifestissimis sacris litteris repugnare*).

D. E esta Graça hé tambem necessaria para orar?

R. Sim; e como o Apostolo diz, hé pelo Espírito do Filho que Deos nos enviou que todos clamamos: *Abba Pater* (Gal. 4.5.). E elle mesmo dá a razão. *Porque como nenhum de nós sabe orar a Deos conforme deve, por isso o Espírito Santo ora por nos gemitibus inenarrabilibus. Isto é o Espírito Santo nos faz orar e gemer, e elle mesmo forma as preces e gemidos que dirigimos a Deos* (2 Thes. 8.26.).

D. E esta Graça necessaria para orar hé acaso concedida a todos os homês?

R. Não, porque como nos ensina o Apostolo: *quomodo invocabunt in quem non crediderunt?* (Rom. 10. 14). E a fé não hé commum a todos (Thes. 3.2.).

D. Mas hé concedida esta Graça a todos os que tem Fé?

R. Hé visível que não. Porque quantos chritãos não vemos nós que não fazem cazo e desprezão a oração? O que jamais farião se nelles residisse essa Graça e esse espírito que nos faz clamar *Abba Pater?*

D. Ao menos todos os Justos tem sempre essa graça para orarem como convem?

---

<sup>x</sup> *Transeuntes autem Phrigiam et Galatiae regionem, vetati sunt a Spiritu Sancto loqui verbum Dei in Asia. Cum venissent autem in Mysiam, tantabant ire in Bythiniam et non permisit eos Spiritus Jesu.*

R. Alem de que os mesmos Justos confessão que nem sempre esta Graça lhes hé concedida; a qual graça elles considerão como hum dom singular, claramente nos convenceremos que ella nem sempre lhes hé communicada, se bem advertimos; que alguns Justos há que cahem e perdem a Justiça por não terem orado como deviam; o que nunca aconteceria, se elles tivessem tido sempre esta graça e este espirito que os faz orar com gemidos innenarraveis.

D. Pois se a graça que hé necessária para bem orarmos nem sempre hé concedida a todos os Justos, de que modo concordareis isso com o que diz Santo Agostinho e o Concilio Tridentino: *que Deos não abandona nunca aquelles que hũa vez justificou com a sua Graça, sem primeiro ser abandonado por elles.*

R. Todo isso se concorda perfeitamente em qualquer dos sentidos que os Theologos Catholicos o entendem. Huns entendem por estas palavras do Concilio e que são tiradas de Santo Agostinho que Deos nunca jamais se retira de hũa alma justa e na qual estabeleceo a sua morada sem que ella se separe delle, commettendo algum crime que lhe faça perder a graça. O que hé verdade. Outros entendem que Deos nunca recuzará aos Justos a graça que hé necessária para perseverar ou na frase de Santo Agostinho para viver na piedade e na justiça emquanto elles se não fizerem indignos dessa graça por algum orgulho secreto ou outra culpa, como não a pedindo com a efficacia com que deve ser pedida. Que se a graça de a pedir nem sempre lhes hé concedida, isso sempre o hé justissimamente; pois que Deos a não deve a ninguém; e não hé da subtracção desta graça que fallão Santo Agostinho e o Concilio no lugar apontado.

&

### **Esta Graça necessária para a conversão e tentações**

**Deodato.** A Graça efficaz hé necessária a todo o peccador que quer converter-se?

**Romano.** Para disso nos convenceremos basta escutar o Profeta-Rei que orando a Deos diz: *Senhor Deos Salvador nosso convertei-nos* (Ps. 84.5); e o profeta Jeremias clamando ao Senhor – *converte nos Domine ad te, et convertemur.* Hum pedindo a Deos a sua conversão claramente nos convence da necessidade da Graça para nos convertermos e o outro affirmando que todas as vezes que Deos nos converte, nós nos convertemos. Com não menos evidencia nos convence da força e efficacia da mesma graça.

D. E essa Graça da conversão hé acaso dada a todos os peccadores?

R. Não, por certo. E a prova hé o mesmo Deos dizendo ao Profeta: *Excaeca cor populi hujus et indura cor eorum ut non videant oculis et non intelligant corde, ne forte convertantur et sanem eos* (Jr. 6. 10.).

D. E que diz o Evangelho?

R. Todos os 4 Evangelhos o confirmão e citão até estas palavras para fazer comprehender a todos os christãos quanto importante hé que elles saibão que a conversão do peccador hé um effeito de hũa graça singular, que nem a todos hé concedida. A mesma Scriptura nos dá testemunho de muitos peccadores abandonados por Deos e nenhum mais espantoso que o de Anthioco.

D. E por que razão hé isso tão importante?

R. A fim de que os Justos tremão de cahir, vendo quão raro e difficil hé o levantar-se e tornar para Deos quem hũa vez o deixou; e assim como para que os peccadores se não saboreem no meio das suas desordens com hũa falsa segurança, como se a graça da conversão estivesse nas suas mãos.

**D.** Pois se esta Graça não está sempre prompta como hé que diz Deos: – *Nolo mortem peccatoris, sed ut magis convertatur et vivat.*

**R.** Deos verdade hé que não quer a morte do peccador, antes deseja que elle se converta e viva, pois que na realidade a tantos peccadores converte e tem convertido, retirando-os da morte do peccado e restituindo-os à vida da Graça. Porem se uza assim de misericórdia para com alguns, nem a todos a promette e a prova acima ficou ponderada.

**D.** Não se pode entender ainda noutro sentido as palvras – *Nolo mortem peccatoris etc.?*

**R.** Sim, pode: e o verdadeiro sentido hé que a morte do peccador não hé hum effeito da vontade de Deos assim com hé a sua conversão *ut convertatur et vivat.*

**D.** E a Graça efficaz hé também necessaria para vencer as tentações?

**R.** E sem ella nem a mais leve poderemos vencer.

**D.** Por onde me provaes isso?

**R.** Basta para isso a oração do Pater noster que Jesus Christo nos ensinou, na qual pedimos a Deos todos os dias que nos não deixe cahir na tentação e nos livre de todo o mal. E S. Paulo expressamente nos diz que só a graça de Jesus Christo nos dá não só o poder vencer, se queremos, mas até a mesma victoria. *Demos graças a Deos que nos dá a victoria por Nosso Senhor Jesus Christo.*

**D.** Os Santos Padres são também desses sentimentos?

**R.** Sim, entre todos o Papa Innocencio 1 reconhece e declara que infallivelmente seremos vencidos, hũa vez que não sejamos soccorridos por aquelle que só nos pode fazer victoriosos.

**D.** Mas não podemos vencer muitas vezes hũa tentação só por hum temor meramente natural e até mesmo por algum respeito puramente humano?

**R.** Podemos sim: porem vencella do modo que devemos, sem que ao mesmo tempo que evitamos hũa, não caiamos em outra por exemplo de vã gloria ou amor proprio, isso hé o que não pode ser sem a graça.

**D.** E essa graça necessária para vencer as tentações hé por ventura concedida a todos os homês?

**R.** Não, pois que muitas vezes na vida cahe o homem e succumbe, o que não aconteceria se Deos lhe não faltasse nunca com a graça para não cahir.

**D.** Mas ao menos essa graça nunca hé recuzada aos Justos?

**R.** Justo era S. Pedro, mas cahio e certissimamente não cahiria se a graça lhe não fugisse. Porque, como diz Santo Agostinho (L. de Grat. c. 15. 17). ainda que elle tivesse hũa boa vontade quando dizia ao Senhor – *etiam si oporteat me mori tecum, non te negabo* – esta boa vontade era ainda mui fraca e piquena, como pelo effeito se vio. *Petrus Apostulus caritatem nondum habebat quando timore Domini ter negavit. Deus ideo jubet aliqua quae non possumus, ut noverimus quid ab illo petere debeamus.* Pensava elle que podia o que sinceramente desejava e queria.

**D.** Não tendes ainda algũa outra prova dessa verdade?

**R.** Foi aos Justos e aos seus Discípulos que o Filho de Deos disse: *Vigilate et orate, ut non intretis in tentationem* – o que seria ridículo ordenar-lhes, se aos justos nunca faltasse a graça para vencer as tentações, porque seria zombar de Deos o pedir-lhe coiza que temos já nas nossas mãos.

### **Graça efficaz necessaria para observar os mandamentos e perseverar na Justiça**

**Deodato.** A graça efficaz hé necessaria para observarmos os preceitos de Deos?

**Romano.** Sim; e hé o mesmo Deos que nos faz andar pelos caminhos da sua lei e guardar os

seos mandamentos como elle mesmo diz por Ezech c.36, v. 20 – *Spiritum meum ponam in vobis et faciam ut in praeceptis meis ambuletis et iudicio meo custodiatis et operemini.*

D. E como opera Deos isso?

R. Elle mesmo no lo diz pelo mesmo Profeta (36, 26) – *Dabo vobis cor novum et auferam cor lapideum de carne vestra.* E hé deste modo diz Santo Agostinho Deos faz com que nós façamos dando à nossa vontade forças efficacíssimas<sup>xí</sup>.

D. E essa graça necessaria para observar os preceitos de Deos hé por ventura concedida sempre a todos os homês?

R. Hé claro que não: porque aliás todos os homês andarião pellos caminhos do Senhor; todos observarião a sua lei; a todos daria elle esse coração novo e espírito novo e o contrário vemos nós acontecer; que tantos homês, e a maior parte anda entregue aos desejos do seu coração.

D. Pello menos aos Justos hé ella sempre concedida.

R. O concilio Tridentino bem claramente suppõe que não, quando declara, fallando da observância dos preceitos de Deos; que quando elle nos manda algũa coisa nos adverte ao mesmo tempo que peçamos o que não podemos: *Deus jubendo monet et facere quod possis et petere quod non possis*, o que seria falso se no poder dos Justos estivesse sempre fazer o que elle manda, se quisessem.

D. Há alguns preceitos que sejam impossíveis aos Justos ou falta lhes acazo a Graça para os poder guardar, quando do modo que podem, querem e trabalham pellos observar?

R. Não; e seria hũa blasfemia e heresia o dizer que os Justos por mais que queirão e se esforcem por observar a lei de Deos nesta vida alguns preceitos lhes sejam impossíveis de praticar e que Deos lhe não dê a graça com que lho faça possível

D. Como assim hé isso hũa blasfemia e heresia?

R. Porque isso hé admittir nos Justos a impossibilidade de observar os preceitos de Deos no sentido em que o admittia Lutero e Calvino, os quaes por isso forão condemnados pello Tridentino. E com muita razão condemnarão os Papas Innocencio 10 e Alexandre 10 semilhante doutrina nas suas constituições.

D. Hé logo certo que aos Justos nunca hé recusada a graça necessaria para observar os preceitos de Deos, quando elles a pedem como devem, e ardentemente trabalham pellos guardar.

R. Sim, e negallo seria hũa impiedade e heresia.

D. Mas se hum Justo deixa de pedir esta Graça ou a não pede senão tibiamente ou quando a vontade que têm de guardar a lei hé hũa vontade fraca e remissa não lhe nega muitas vezes Deus a graça de todo?

R. Hé certo que então com muita justiça Deos lha nega.

D. Mas não nos segura Deos que se nós quisermos, guardaremos os seus mandamentos: *Si volueris, conservabis mandata?*

R. Sim; porem para o querer, como diz muito bem Santo Agostinho (L. de Grat. C. 16), *hé necessário que Deos prepare a nossa vontade e opere nella esse querer.* E hé claro que Deos nem sempre prepara esta vontade em todos os homês, nem em todos elles opera sempre este querer, pois que nem todos os home têm esta vontade e este *velle*.

<sup>xí</sup> *Certum est nos facere cum facimus, sed ille facit ut faciamus, praebendo vires efficacissimas voluntati.*

**D.** Donde vêm que Deos prepare esta vontade em huns e em outros não; e que ensine os seus caminhos a huns e não a outros?

**R.** Isso nasce, diz Santo Agostinho, em huns da sua misericórdia, e em outros da sua justiça; quando dá a hum a sua Graça hé isso hum effeito puro da sua misericórdia sem que elle a mereça; e quando a outro a não dá, hé um effeito dos seus juízos, que são sempre justos. *Do mesmo modo quando a huns ensina, obra a sua misericórdia; e hé hum effeito da sua justiça quando a outros deixa na sua ignorância* (Liv. de Praed. c.5.).

**D.** A Graça efficaz hé necessária para perseverar no bem?

**R.** O concilio Tridentino expressamente o definio, fulminando anathema contra todo aquelle que disser *que hum Justo pode perseverar na Justiça recebida sem hũa graça singular, ou que tendo esta graça elle o não possa*.

**D.** E essa graça singular a que o Concilio chama *Dom de perseverança* hé dada a todos os Justos?

**R.** O Concilio bem claramente supõe que não, quando lhe chama graça singular. Porque o que hé singular não hé commum a todos e isto mesmo hé o que sente e ensina Santo Agostinho no livro *De dono perseverantiae* que elle compôs contra os Semipelagianos, aonde prova largamente que a Perseverança hé hum dom singular e só próprio daquelles que perseverão. Já antes em outra obra elle tinha ensinado que no estado presente da natureza corrompida não bastava ter hũa graça com a qual podessemos perseverar no bem, se quiséssemos; mas sim que era necessária hũa graça que nos desse a perseverança ou nos fizesse perseverar infallivelmente (L. de Correptione c. 11 e 12).

### Se a Graça hé dada a todos o homês

**D.** Porventura a Graça necessária para a salvação hé dada geralmente a todos os homês?

**R.** Santo Agostinho e outros Padres que combaterão os erros de Pelagio, o qual affirmava que a Graça hé commum a todos os homês assim como a natureza o hé, estavam bem longe de tal concederem.

**D.** Que diz Santo Agostinho?

**R.** Eis as suas palavras – *Quoniam propitio Christo christiani sumus; scimus gratiam non omnibus dari. Communis est omnibus natura, non gratia*.

**D.** E os outros Padres também assim fallão?

**R.** Os Santos Bispos desterrados pella Fé da Divindade de Jesus Christo na ilha da Sardenha fazendo a sua profissão de Fé sobre a Graça assim se explicão: *De Gratia Christi non digne sentit quisquis eam putat omnibus hominibus dari* (Ep. Synod. int. op. Aug. t. 10 in appendic. p. 154). S. Prospero fiel discípulo de Santo Agostinho em hum poema contra os semipelagianos e na sua carta a Rufino claramente sustenta esta doutrina – *Dic, unde probes, quod gratia Christi nullum omnino hominem praetereat*. S. Fulgencio diz: *Non omnibus gratiam dari; quisquis pie quaerit eloquiores sanctorum attestacione cognosci* (L. de verit. praedest. c.17). S. Thom., S. Izidoro, Santo Anselmo, todos expressissimamente dizem que Deos não dá a sua graça a todos os homês.

**D.** Por que razão não dá Deos a sua Graça a todos e a dá a huns e a outros não?

**R.** Hé Santo Agostinho que vos responde – *Quoniam propitio Christo christiani catholici sumus scimus...iis quibus datur, misericordia Dei gratuita dari; scimus eis quibus non datur, justo Dei judicio non dari*. Assim mesmo fallão S. Prospero, São Fulgencio, S. Pedro Damião e todos aquelles que refutarão os erros dos Pelagianos e Semipelagianos. S. Thomas diz por estes termos que a Graça...*quibuscumque*

*divinitas datur, misericorditer datur, quibus autem non datur ex justitia non datur in paenam praecedentis peccati, vel saltem originalis peccati ut ait Augustinus.*

**D.** Pois Deos não dá a sua graça segundo os merecimentos de cada hum, de maneira que a razão por que a huns a dá e a outros não, hé porque huns a merecem mais do que outros ou são melhor dispostos para a receber ou de que Deos previo nelles o bom uso que havião de fazer della?

**R.** Por modo nenhum; seria hũa impiedade execranda o crer que a Graça seja dada segundo os merecimentos do homem, porque, como diz o Apostolo, se a graça nos fosse dada segundo os nossos merecimentos deixaria ella de ser graça – *alioquin gratia non est gratia...si ex operibus...* não seria então a Graça que distinguisse o homem justo do ímpio, mas o mesmo homem se distinguiria a si mesmo; ser nos hia então distribuída a Graça não segundo o beneplacito de Deos e os merecimentos de Jesus Christo, mas segundo os nossos merecimentos, o que hé inteiramente opposto ao que nos ensina a Apostolo e todos os Santos Padres.

Devemos logo crêr com toda a firmeza que a Graça de nenhum modo nos hé dada pelos nossos merecimentos, nem em attenção às nossas boas obras ou disposições, nem em vista do bom uso que Deos previsse que nós havíamos de fazer dos seus dons, pois sem a Graça de Jesus Christo nada em nós pode haver senão peccado, nada que possa merecella e que antes nos não faça indignissimos della.

**D.** Que hé que diz S. Paulo sobre isto?

**R.** *Eramus enim aliquando et nos insipientes, increduli etc. sed non ex operibus iustitiae quae fecimus sed secundum suam misericordiam salvos nos fecit* (Tit. 3. 5.).

**D.** Pois não hé certo que nós com hũa graça merecemos outras?

**R.** Sim, mas nós fallamos aqui só da primeira Graça, a qual não podendo nós de modo algum merecella, e sendo ella a origem de todas as outras que recebemos, faz com que até estas mesmas sejam hũas verdadeiras Graças, ainda que se obtenhão pello bom uso da primeira.

**D.** E não hé também hũa verdade que Deos nunca recuza a sua Graça àquelles que quanto está da sua parte e quanto o permittem as forças da sua natureza trabalhão pella alcançar, e que se a alguns não hé dada, hé porque elles não trabalhão quanto podem, e as suas forças o exigem?

**R.** Tão longe está de ser isso verdade que antes hé o principal erro dos Pelagianos que attribuião à nossa vontade pello menos o principio do bem e da salvação e os Santos Padres têm condemnado isso como hum detestavel erro que destroe a Graça de Jesus Christo e têm reconhecido que a nossa salvação segundo o Apostolo – *neque volentis neque currentis sed miserentis est Dei* – a qual elle dá a quem quer, e do modo que quer, não a devendo a ninguem.

**D.** Porem não há certas Graças geraes que Deos em todos os tempos dá e concede a todos os povos?

**R.** Sim, há, segundo o Author do livro da vocação dos Gentios; porem todas essas Graças não são senão graças exteriores, que não vêm dos merecimentos de Jesus Christo e com as quaes ninguém poderá nunca merecer a verdadeira Graça do Salvador e obrar a sua salvação. Mas ao mesmo tempo são Graças que não deixão de ser úteis para a salvação, e só então quando Deos faz pella sua graça interior e efficaz que o homem faça dellas hum verdadeiro uzo.

**D.** Então de que ou para que servem essas Graças geraes?

**R.** Servem, como diz o mesmo Author – *in testimonium* –, fazendo alluzão ao que diz o Apostolo S. Paulo nos Actos dos Apostolos c. 13\*.

---

\* No manuscrito falta a tradução desta passagem (que não é do capítulo 13, mas 14). Trancrevemo-la conforme o original:

**D.** Logo então com muita razão todos aquelles que não receberam essas Graças interiores necessárias para viver santamente e para operar a sua salvação poderão diante de Deos excuzar-se e dizer: Se nos Senhor não vivemos como devíamos hé porque nos não destes a vossa Graça?

**R.** Assim argumenta hum Pelagiano e argumentava o mesmo Pelagio, contra o qual Santo Agostinho sustenta que então a Graça não seria Graça, mas sim hũa dívida, se essa excuza fosse justa: e que se o homem sem a Graça vive mal, deve atribuillo não a Deos, mas sim à sua própria corrupção (Let. 194 a Xisto). *Sed excuzabunt se, dizia Pelagio, homines dicentes: nos male vivimus, quandoquidem gratiam unde bene vivimus, non accepimus. Non possunt, responde o Santo, veraciter dicere, nihil mali se facere quia male vivunt. Si enim nihil mali faciunt, bene vivunt; si autem male vivunt, de suo male vivunt, vel quod originaliter traxerunt... Si vasa sunt irae, quae illis debita redditur, sibi hoc imputent, quia ex ea massa facta sunt, quam propter unius peccatum merito Deus damnavit.*

### Do livre arbítrio

**D.** Que coiza he o livre arbitrio ou a liberdade da vontade?

**R.** Nenhuma outra coiza he senão a vontade esclarecida pella razão, enquanto não faz nada senão porque quer.

**D.** E em que consiste essa liberdade da vontade?

**R.** Consiste essencialmente e propriamente no dominio ou poder que ella tem sobre todas as suas acções, de sorte que obra, quando quer, e não obra, quando não quer.

**D.** Pois a essencia da liberdade da nossa vontade não consiste em hũa certa indiferença ou igualdade de inclinação para isto ou para aquillo, isto he no poder igual de fazer hũa coiza ou outra segundo lhe apraz?

**R.** Não; porque livre he Deos e livremente se ama e contudo elle não pode não se amar; nem nelle se pode suppor indiferença para se amar ou não. Livres são os Bemaventurados no ceo, com hũa perfeitissima liberdade ahi amão a Deos sem que neste estado felicissimo possam deixar de o amar, ou sejam nem sequer indifferentes para isso.

**D.** Pois não existe na vontade da creatura hũa indiferença para fazer isto ou aquillo e para obrar ou não obrar?

**R.** Sim existe; e isto he o a que se chama liberdade de indiferença.

**D.** Pois se nesta indiferença não hé que consiste a essencia da liberdade da nossa vontade, então que hé?

**R.** Hé simplesmente hum estado da liberdade ou do livre arbitrio, no qual se encontra e reside esta indiferença, segundo os diferentes estados em que a vontade se acha; porem pode absolutamente existir o nosso arbítrio sem esta indiferença, como existe em Deos e nos Bemaventurados.

### §

**D.** O homem foi acazo creado neste estado de indiferença ou com este pezo ou poder igual para fazer o bem ou o mal?

---

«Que dans les siecles passez Dieu avait laissé marcher toutes les nations dans leurs voies; & que neanmoins n'avait pas cessé de rendre *Temoignage de ce qu'il est* en faisant du bien aux hommes, en dispensant les pluies du Ciel, & les saisons favorables pour les fruits, en nous donnant la nourriture avec abondance & remplissant nos coeurs de joye».

R. Sim; e enquanto durou innocente podia, se quizesse, com a Graça perseverar na Justiça em que fora creado; e podia também por si mesmo abandonar a Justiça e fazer o mal; e não sentir em si repugnancia algũa para o bem nem nenhũa inclinação para o mal.

D. E existe ainda em nos essa perfeita indifferença para o bem ou para o mal do mesmo modo que em Adão?

R. Não; porque pello seo peccado, de tal sorte ficou a nossa vontade corrompida e debilitada que quanto hé de si, emquanto hũa Graça poderosa a não soccorre, não propende senão para o mal, e sem hum soccorro que effizamente a incline para o bem jamais para elle pode propender, mas só para o mal; *Liberum arbitrium ad malum valet, ad bonum autem, nisi adjuvetur ab omnipotenti bono non valet.*

D. Mas não ficou em nós ainda depois do peccado do primeiro homem algũa indifferença para fazermos hũa coiza ou outra, segundo quizermos?

R. Sim; porque com hũa Graça medicinal que sare a corrupção da nossa vontade, podemos sempre fazer o bem, ainda que ao mesmo tempo permaneça sempre em nós o poder de fazer o mal.

D. Logo pello peccado original o que perdemos foi a liberdade perfeita ou poder próximo de fazer o bem, se quizermos, como Adão tinha antes do seo peccado?

R. Sim; e eis o sentido em que Santo Agostinho diz que o homem peccando se perdeo a si e perdeo o seo livre arbitrio; e que lhe não restou senão o poder peccar, se a Graça de Jesus Christo o não liberta de tal escravidão. *Liberum arbitrium ad diligendum Deum primi peccati granditate perdimus* (Ep. ad Vit. 12).

§

D. Podemos nós querer ou fazer algum bem sem a Graça?

R. Não; como fica demonstrado.

D. Pois se nhenhum bem podemos fazer sem a Graça, como se pode dizer que a nossa vontade seja livre quando obra o mal; pois que se ella o faz e pecca he porque não teve Graça para não peccar ou para não cometter esse mal?

R. Ainda que ninguém possa evitar o mal sem a Graça de Deos, contudo a sua vontade sempre he livre, e elle pecca com liberdade; porque não pecca senão porque quer peccar; e jamais peccaria se não quizesse.

D. E o homem he menos livre ou pecca com menos liberdade da sua vontade, quando não he soccorrido por algũa Graça interior e antes he dominado pella sua cobiça, como são aquelles a quem Deos abandona aos desejos do seo coração?

R. Pello contrario tanto mais livremente peccão quanto maior he o habito e paixão que os domina e arrasta ao peccado. Porque com tanto mais vontade e insaciabilidade fazem o mal quanto maior he a inclinação que para elle os pucha. Aliás seríamos obrigados a dizer que o peccado dos Ímpios que são abandonados de Deos seria tanto menor quanto maior fosse o abandonno ou a ancia com que se sevão nos vícios.

D. E quando a Graça effizaz e victoriosa previne a nossa vontade e lhe faz infallivelmente querer e fazer o bem, a nossa vontade fica então livre, e o bem que faz e quer, he com liberdade que o quer?

R. Sim; a nossa vontade sempre fica livre e tudo quanto a Graça mais forte lhe faz querer, ella o quer liberrimente, e o faz porque quer, e não faria se não quizesse.

D. Explicai-me isso?

R. Tudo quanto nós queremos que a Graça efficaz nos faça queremos-lo, porque o queremos; e tanto mais o queremos, quanto mais fortemenete a Graça nolo faz querer. Ora hé ser verdadeiramente livre e não obrar senão porque se quer obrar, como acima fica dito.

D. Tendes mais algũa razão para dizer que a Graça efficaz não destroe o livre arbítrio ou a liberdade da nossa vontade?

R. Tão longe está a Graça de destruir em nós a liberdade, que antes hé ella quem nos faz livres para fazermos o bem; pois que hé ella que nos dá esse poder de o fazer, que em Adão tínhamos perdido.

D. Hé logo hũa verdade innegavel que ou o homẽ faça o bem movido a isso pella força pode-roza da Graça, que lho faz querer e fazer; ou elle faça o mal arrastado pella força da mais violenta paixão, sempre obra com hũa plena liberdade, sem coacção, e sem algũa necessidade da natureza?

R. Sem duvida; porque a coacção e a necessidade de natureza pella qual obrão os meninos e os brutos, obrando só por impressão, e não por discernimento, não podem ter lugar naquillo que se opera com advertência, e com escolha, e só porque se quer.

D. Seria logo heresia o dizer que para merecer ou desmerecer no estado de natureza lapsa baste haver hũa liberdade sem coacção; ou que se não requeira hũa liberdade exempta da necessidade de natureza?

R. Sim; e esse he um dos erros justissimamente condemnados na 3.<sup>a</sup> das 5 proposições pros-cryptas por Innocencio 10 e Alexandre 7. Porque só os meninos e os loucos ou aquelles que não tem conhecimento ou discernimento he que obrão muitas vezes sem coacção, mas somente por impulso e necessidade de natureza, nos quaes contudo seria hum erro e até loucura dizer que haja liberdade para merecer ou desmerecer.

D. E essa liberdade de indiferença para fazer o bem com o auxilio da Graça, ou para fazer o mal por fraqueza ou por malícia, não accompanha sempre os nossos merecimentos?

R. Sim; porque o merecer ou desmerecer, só no estado peresente hé que nos he concedido; no estado presente em que vivemos entre o bem e o mal, e livremente escolhemos ou hum ou outro; e por consequencia só deste estado he que hé inseparavel a liberdade de indiferença ou o poder de escolher isto ou aquillo.

## **2. A doutrina da Predestinação e da Graça hé o fundamento sólido da piedade christãa**

As verdades da Predestinação e Graça são o fundamento das bênçãos, louvores e gloria que damos a Deus.

D. O conhecimento do mysterio da Predestinação e da Graça hé necessario a todos os chris-tãos para crescerem na piedade?

R. Sim, e seria preciso sêr muito ignorante neste mysterio, e saber mui pouco o que seja a pie-dade christãa para o negar.

D. Ora explicai-me de que modo a piedade christãa se funda sobre as verdades desse mysterio.

R. Isso fácil hé; assim como o explicar-vos com miudeza, que hé sobre estas verdades que se fundão as virtudes christãs.

D. Então como?

R. A virtude da Religião a qual abrange tudo aquillo que diz respeito ao culto de Deus hé sem

duvida hũa das primeiras virtudes do Christianismo; e nenhum christão ignora que louvar a Deus, e dar-lhe a honra e gloria que lhe são devidas, sejam os actos principaes desta virtude, e que mais nos são recommendados pelo Apostolo S. Paulo.

D. Sobre que fundou este Apostolo as bênçãos que elle dava a Deus? *Benedictus Dominus Deus, Pater Domini nostri Jesu Christi?*

R. Sobre que Deos – *Elegit nos ante mundi constitutionem ut essemus Sancti...qui praeordinavit nos secundum propositum voluntatis suae.*

D. E sobre que funda este mesmo Apostolo o louvor e gloria que quer que se dê a Deos?

R. Sobre a mesma Predestinação e Graça de Jesus Christo *a fim de que seja dado o louvor e gloria à sua graça, pella qual elle nos fez agradável a seos olhos em seu Filho muito amado. In laudem gloriae gratiae suae in qua glorificavit nos in dilecto Filio suo (Efes. 1.6 ).*

E mais abaixo diz expressamente que o sermos nós a gloria de Jesus Christo hé porque temos sido predestinados pello decreto da sua vontade: *In quo et nos sorte vocati sumus, praeordinati secundum propositum voluntatis suae... ut simus in laudem gloriae suae.* Assim como em outro lugar diz que Deos tem cuidado nos seos escolhidos – *Ut ostenderet in saeculis supervenientibus abundantes divitias gratiae suae.*

D. E em outros lugares não falla também o Apostolo disto?

R. Na sua carta aos novos Fieis de Roma estabelece a gloria que devemos dar a Deos sobre a sua Predestinação e Graça. Porque depois de lhe ter dito que Deos escolheu a huns, e rejeitou a outros segundo lhe aprouve; e que a salvação – *nec volentis, nec currentis, sed miserentis est Dei; Miserebor cujus misereor et misericordiam praestabo, cujus miserebor.* Declara que Deos procede assim para fazer esclarecer a sua gloria nos seos escolhidos. *Ut ostenderet divitias misericordiae suae in vasa misericordiae quae praeparavit.*

D. Não hé por isso com efeito que S. Paulo adora e admira a sabedoria de Deos?

R. Sim, isto hé o que lhe faz exclaimar: *Ó altitudo sapientiae et scientiae Dei.* E por conclusão do que escreve aos Romanos da Predestinação e Graça elle da gloria a Deos dizendo – *Omnia per illum et in illo: illi soli gloria in saecula saeculorum. Amen.* Para nos ensinar que as verdade da Predestinação são o fundamento dos louvores e da gloria que a Deos se deve.

&

**Estas mesmas verdades são o fundamento do reconhecimento christão.**

D. As acções de Graças são virtudes christãs?

R. Sim, e o meio mais poderoso de conseguir novas graças; por isso o Apostolo tanto no las recomenda.

D. Aonde?

R. Elle reduz o principal exercicio do Christão a orar a Deos e dar-lhe Graças. *Orationi instate, vigilantes in ea in gratiarum actione (Col. 4.2.). Sine intermissione orate: in omnibus gratias agite. Haec est voluntas Dei (Thes. 5.17.).*

D. E sobre que funda o Apostolo a obrigação desse exercicio?

R. Sobre que a Graça de Jesus Christo hé que nos faz vencer o peccado e por isso diz: *demos graças a Deos – qui dedit nobis victoriam per Jesum Christum.*

D. E estas verdades da Predestinação e Graça do modo que as temos explicado não nos levão por si mesmas a este reconhecimento para com Deos?

**R.** Sim: porque estas verdades que outra coisa são senão hũa confissão continua da misericórdia particular com que Deos nos ama e aos seus escolhidos, assim como das graças poderosas que elle nos dá sem que nós as mereçamos? Em hũa palavra nada tanto nos move a romper em continuas acções de graças para com Deos como o crêr que he elle quem nos elegeo pella sua misericórdia, deixando tantos outros na sua desgraça; que he elle quem nos trouxe à Fé, a qual elle nem a todos concede, como diz o Apostolo; e que a respeito das nossas boas (obras) hé delle que nos vem todo o esforço, ou antes hé elle quem em nós opera – *velle et perficere pro bona voluntate*.

**Hé tambem esta doutrina o fundamento mais solido da Humildade Christãa**

**D.** Em que fazeis vós consistir a humildade christãa?

**R.** Consiste essencialmente em reconhecermos a nossa corrupção e a nossa impotência para tudo que hé bem, e que toda a economia da nossa salvação depende da misericórdia pura de Deos e da força da sua Graça, assim como de amarmos esta mesma dependência.

**D.** Segundo essa verdadeira idea que me dais da humildade christãa, seria necessario não ter olhos para não ver que as verdades da Predestinação e Graça divina são o seu verdadeiro e essencial fundamento.

**R.** Sim, pois que são verdades, como tendes visto, que nos convencem da nossa insufficiencia: e que toda a economia da nossa salvação depende inteiramente da sua misericórdia e da força da sua Graça.

**D.** E não hé tambem da essencia da humildade christãa attribuirmos só a nós todo o mal que fazemos, e de que só nós somos a causa; assim como darmos a Deos toda a Gloria por todo e qualquer bem, que em nós forma, e nós fazemos por elle?

**R.** Sim; e isso faz também que esta virtude seja apoiada sobre o reconhecimento da nossa propria miseria e da necessidade absoluta que temos da misericórdia de Deos e da Graça do Salvador. Porque só esse conhecimento hé que pode fazer com que nós attribuamos a nós mesmos todo o mal que fazemos, e por todo o bem que em nós existe demos honra e gloria a Deos.

**D.** Não he ainda hum verdadeiro effeito da humildade christãa o não amarmos e não buscarmos em nada a nossa propria Gloria, mas somente amar e buscar em tudo e por tudo a de Deos?

**R.** Sim, e para isso hé necessario saber duas coisas: 1.<sup>a</sup> que a virtude hé o unico bem verdadeiro que merece a nossa estima, e que todos os outros dotes ou sejam do espirito ou do corpo não são bens senão pello bom uso que delles fazemos, servindo-nos delles só para a nossa salvação e para gloria daquelle de quem os recebemos; 2.<sup>a</sup> que a virtude assim como todo o uso bom dos outros dotes são puros dons de Deos e obra da sua Graça poderosa. E portanto o fundamento todo da nossa humildade assenta unicamente sobre o conhecimento desta graça divina, assim como hé ella quem nos faz crêr que seria hũa espece de sacrilegio o pertendermos nós tirar algũa gloria da virtude e dos outros bens que unicamente devemos referir para gloria daquelle que no los dá.

**D.** E não consiste a humildade christãa em amarmos tambem, e ate mesmo buscarmos o desprezo, as injurias, as affrontas e julgarmos-nos (sic) até mesmo dignos dellas?

**R.** Os desprezos, as injurias e as affrontas em si nada têm por onde mereção racionalmente ser amadas. Comtudo consideradas ellas como remedio do amor proprio, o qual indevidamente procura gloria naquillo em que a não merece, e a si mesmo attribue injustamente a que não hé devida senão só a Deos, como autor de todo o bem; devemos confessar, que ainda que o amor dos despre-

zos e das injurias, não sejam da essência da humildade, pois que esta virtude se practica perfeitissimamente no Ceo sem este amor; devemos confessar que não deixa de ser hum poderoso estímulo para destruir o seo mais poderoso inimigo, o orgulho e amor da propria gloria.

**D.** E qual he a coisa que pode mais effizamente excitar-nos a amarmos os desprezos e affrontas e servir-nos delles como de hum remedio contra o nosso orgulho e amor proprio?

**R.** Para isso nada mais proprio do que hũa submissão humilde aos designios eternos de Deus, e hũa amorosa dependencia da sua misericordia. E para nos inspirar este respeito e este amor nada mais effiz do que as verdades da Predestinação e Graça, como até aqui temos explicado.

**D.** E será para sarar este orgulho e inspirar estes sentimentos de humildade christãa que o Apostolo S. Paulo falla tantas vezes aos Fieis da Predestinação e Graça divina?

**R.** Sim, sem duvida, e especialmente elle fala e com mais difusão sobre estas verdades na sua Epistola aos Fieis de Roma, entre os quaes havia suas dissenssões, sobre preferencia de huns a outros, como se a sua conversão à Fé de Jesus Christo fosse acazo fruto de merecimentos seos, como bem se vê por todo o contexto desta Epistola aonde entre outras coisas lhes diz: *Sic ergo et in hoc tempore reliquiae secundum electionem gratiae, salvae factae sunt.* Que salvou Deos pella sua graça hum pequeno numero que reservou para si: e se hé pella sua graça, logo não hé pellas obras; doutro modo a graça não seria graça. *Si autem gratia, jam non ex operibus, alioquin gratia jam non est gratia* (R. 11.5.).

**D.** E com que designio explica este Apostolo pello decurso desse capitulo de que modo Deos por hum puro effeito da sua Justiça cortou e rejeitou os Judeos a quem chama – *rami naturales* – e por hum effeito da sua misericordia chamou os Gentios para a sua Graça?

**R.** Hé para conter os Gentios convertidos na humildade. *Não vos enchais*, diz elle, *de presumpção contra os ramos naturais: Noli gloriari adversus ramos – Noli altum sapere; sed time; mas sim enchei-vos de temor. Si enim Deus naturalibus ramis non pepercit, ne forte nec tibi parcat.*

**D.** Por que razão diz o Apostolo em outro lugar que Deus chamou à sua Fé gentes sem qualidade e sem merecimentos segundo o mundo?

**R.** Hé, diz elle, *para confundir os sabios e poderosos do seculo que Deus infirma mundi elegit, ut confundat fortia, ut non gloriatur omnis caro in conspectu ejus* (1 Cor. 1v.30.).

**D.** E porque ensina elle que he Deos quem estabeleceo os homens em Jesus Christo e que Jesus Christo hé a nossa Sabedoria, Justiça, Santificação e Redempção?

**R.** A razão elle a dá: *Ut quemadmodum scriptum est, qui gloriatur in Domino gloriatur* (1 Cor. 1-3).

**D.** Que hé o que o Apostolo diz aos novos Christãos de Corinto para que elles se não enchessem de orgulho huns contra os outros?

**R.** Pondera-lhes que a Graça hé que os distingue, que elles nenhum bem têm que não fosse recebido. *Ne unus adversus alterum infletur. Quis enim te discernit? Quid habes quod non accepisti? Si autem accepisti, quid gloriaris, quasi non acceperis?* (1 Cor. 4.6.).

**D.** Que hé o que o Apostolo diz de si mesmo para se conservar na humildade, quando conta de que modo Jesus Christo lhe apparecera?

**R.** Recorre aos merecimentos da Graça: *Gratia Dei sum id quod sum.* E para se não elevar com a conversão e adiantamento dos Christãos de Corinto recorre tambem à Graça, reconhecendo que sem ella nada podemos. *Non quasi sufficientes simus, aliquid facere ex nobis, quasi ex nobis, sed sufficientia nostra ex Deo est.*

**D.** E sobre que fundamento estabelece elle aos Fieis de Efezo esta grande maxima da humildade christãa – *Não nos gloriemos em nos mesmos?*

**R.** Sobre as grandes verdades da Predestinação e da Graça. *Eramus natura filii irae, sicut et caeteri: Deus autem qui dives est in misericordia propter nimiam caritatem qua dilexit nos, et cum essemus mortui peccatis, convivificavit nos in Christo, cujus gratia estis salvati... Gratia enim estis salvati per fidem et hoc non ex vobis, Dei enim donum est; non ex operibus ut ne quis gloriatur* (Efes. 2,v. 3-4). Tudo isto lhe diz a fim de que nenhum se glorie. Tão persuadido estava o Apostolo da importancia destas verdades, da necessidade de instruir sobre ellas os Fieis; e de que hé sobre ellas que se funda a humildade christãa.

**D.** Não hé tambem para os fortificar nesta humildade que elle lhes diz: que nós somos obra de Deos na ordem da Graça e que as mesmas obras boas se devem attribuir à sua Predestinação eterna, em attenção à qual elle lhes preparou essas boas obras desde a eternidade?

**R.** Sim, esse he o seu designio quando elle diz: *Ipsius enim sumus factura, creati in Christo Jesu in operibus bonis, quae praeparavit Deus ut in illis ambulemos* (Ef. 2, 10).

#### **Esta mesma doutrina he tambem o fundamento do temor christão**

**D.** Hé acaso hũa virtude christãa o temer a salvação?

**R.** O Apostolo S. Paulo o diz: *cum timore et tremore vestram salutem operamini* (Phil. 2.12.).

**D.** E sobre que funda o Apostolo esse temor, que segundo ele mesmo deve chegar a tremor?

**R.** Funda-o unicamente sobre esta importante verdade *Deus enim est qui operatur in vobis et velle et perficere pro bona voluntate* (Phil. 2, 13), isto hé, o querer e fazer o bem não vem senão da Graça de Deus, que elle dá como e a quem lhe apraz.

**D.** Pois se estes nossos Fieis segundo o Apostolo devião temer a sua salvação, com quanto mais razão o não devem as gentes do mundo e Filhos do seculo?

**R.** Sem duvida, e o seu temor deve principalmente fundar-se nestas palavras terriveis do filho de Deus, quando proximo a morrer, orando a seu eterno Pai, expressamente disse: *Non pro mundo oro*. Porque enquanto elles vivem hũa vida mundana e que as suas acções mostrão não estarem possuidos do Espirito de Christo têm muita razão para temer serem do numero desses do mundo por quem Jesus Christo não orou.

**D.** E este temor deve permanecer em nós, por mais justificados que estejamos, e por mais virtudes que pratiquemos?

**R.** Sim, segundo o Apostolo, o qual aconselha aos novos convertidos à Fé e que nella estão firmes: *Noli altum sapere, sed time*. E em outro lugar diz: *Quisquis putat se firmus esse, videat ne cadat*.

**D.** E sobre que funda o mesmo Apostolo este temor?

**R.** Sobre que falando aos Gentios de Roma novamente convertidos, lhes diz: *Si enim Deus naturalibus ramis non pepercit, ne forte nec tibi parcat*. Para que não aconteça succeder-vos o que aconteceu aos Judeos – *naturalibus ramis*.

**D.** E por mais avançado que qualquer se veja na virtude sempre deve temer?

**R.** Sim, e por mais annos e trabalhos que tenha consummido nella. Porque foi a fim de nos imprimir este temor que Jesus Christo o figurou naquella parabola onde nos diz *que muitos dos que forão primeiros ficarão ultimos e os ultimos serão primeiros*.

**D.** E qual hé o fundamento deste temor christão?

R. Jesus Christo mesmo nos diz que hé o mysterio impenetravel da Predestinação divina; nesse mesmo lugar onde explicando a razão porque *erunt primi novissimi, et novissimi primi* diz – *Quia multi sunt vocati; pauci vero electi.*

**Esta mesma doutrina hé o fundamento solido da nossa confiança em Deus.**

D. Se o viver em temor da propria salvação hé hũa virtude christãa, pode-se dizer que o seja também a confiança que devemos ter ou pode-se ligar hũa com a outra?

R. Sim. Porque se Deos quer que tenhamos sempre por causa da consideração (sic) por hũa parte dos seos incompreensíveis juizos e da nossa extrema fraqueza e miseria pela outra, hé porque quer toda a nossa confiança esteja na sua misericordia e na força e efficacia da sua graça.

D. Sobre que se pode fundar essa confiança que Deos exige de nós?

R. Sobre esta verdade que nenhum dos predestinados perecerá nem pode perecer.

D. Que certeza tendes vós disso?

R. Aquella mesma que Jesus Christo nos dá: *Omne quod dedit mihi Pater ad me veniet, et eum, qui venit ad me, non ejiciam foras*: Em outro lugar fallando das suas ovelhas, isto hé, dos seos escolhidos, diz: *Oves meae... non peribunt in aeternum, et non rapuit eas quisquam de manu mea* (Joan. 10, 28).

D. E de que modo fortificou Jesus Christo a confiança dos seos discipulos quando em termos claros lhes predisse a queda e traição de Judas?

R. Com esta mesma verdade dizendo-lhes: *Ego scio quos elegi.*

D. Não funda Jesus Christo também a nossa confiança sobre a força e efficacia da sua Graça?

R. Sim, quando lhes segura que todos aquelles a quem seo Pai ensina vêm a elle: *Omnis qui audivit a Patre, et didicit, venit ad me.*

D. O Apostolo S. Paulo estabelece também a nossa confiança sobre estas verdades?

R. Sim; estabelece-o sobre a nossa impotência para todo o bem e sobre a força que nos vem de Deos – *Fiduciam talem habemus per Christum ad Deum; non quod sufficientes simus cogitare aliquid a nobis, quasi ex nobis, sed sufficientia nostra ex Deo est* (2 Cor. c. 3.4.).

D. E não o estabelece elle também sobre o decreto da Predestinação?

R. Sim, e fortissimamente. Porque escrevendo aos Fieis de Roma elle lhes dá como principio certo que – *Omnia diligentibus Deum cooperantur in bonum; iis qui secundum propositum vocati sunt sancti*. E quer que Thimotheo tenha como regra certa *que o solido fundamento de Deos se conserva firme, tendo por sello esta verdade – Novit Dominus qui sunt ejus.*

D. Não era argumento que antigamente se fazia contra esta doutrina da Predestinação que ella tirava a confiança e conduzia à desesperação?

R. Sim, era. E quem assim argumentava contra Santo Agostinho, o qual sustentava a Fé da Igreja sobre este mysterio erão os herejes, aos quaes elle respondia – Que tão longe estava disso, que antes nós deveríamos desesperar da nossa salvação, se ella estivesse entre as nossas mãos. Mas que a nossa esperança hé fortissimamente apoiada, quando a pomos toda em Deos, na força da sua Graça e na immutabilidade dos seos decretos.

**A oração fundada sobre a doutrina da Graça**

D. A necessidade de orar e de nos darmos à oração hé também fundada sobre a necessidade da Graça?

R. Hé o seo unico fundamento. Porque assim como a ninguem pede aquillo de que não necessita, nem aquillo que já temos, o necessitamos pedir; por isso oramos, porque necessitamos da Graça de Deos para todo o bem, e esta graça não a temos de nós, nem sempre.

D. Hé por essa razão que Jesus Christo recommenda tanto a oração?

R. Sim, e ao mesmo tempo que nos manda orar sem cessar, logo acrescenta: *Quia sine me nihil potestis facere.*

D. E hé também sobre estes principios que o Apostolo estabelece a oração?

R. Sem duvida. Elle quer que nos dirijamos a Deos e lhe roguemos por todos os homẽs, porque hé da vontade deste Senhor que depende unicamente a salvação de todos, de sorte que ninguém se salva senão aquelles que elle quer salvar; e nenhum deixará de ser salvo daquelles que elle determinou salvar. Hé neste sentido que, segundo Santo Agostinho, S. Paulo diz: *Deus vult omnes homines salvos fieri* – e dá logo a razão: *Unus enim Deus, unus et mediator Dei et hominum homo Christus Jesus (1 Tim. c. 2).*

D. Donde vem que o Apostolo quer e manda que os Christãos nunca cessem de orar?

R. É porque elle sabia que nós – *non sufficientes sumus aliquid cogitare ex nobis, quasi ex nobis, sed sufficientia nostra a Deo est.*

D. Por que razão pedimos nós a Deos com o Profeta que nos converta – *converte nos?*

R. Hé porque com o mesmo Profeta sabemos que a conversão hé só obra da graça e hé só de Deos o converter – *Deus tu convertens* etc. E outro profeta nos segura que todo aquelle a quem Deos dá a conversão, se converte com effeito: *Converte nos ad te, et convertemur.*

D. Por que razão a esposa santa pede ao seo esposo que a conduza a si – *Trahe me post te?*

R. Porque ella aprendeo de Jesus Christo que ninguem pode vir a elle, se seo Pai o não trouxer: *Nemo potest venire ad me, nisi Pater, qui misit me, traxerit eum. Et omnis qui audivit a Patre et didicit, venit ad me.*

D. Porque razão pedimos nós a Deos que não nos deixe cahir em tentação?

R. Hé porque segundo o que nos diz o Apostolo o vencer as tentações hé obra da Graça e que a Deos hé que devemos dar as Graças pella victoria que elle nos dá.

### **O exercicio das boas obras e o desprezo do mundo se funda tambem sobre estas verdades**

D. Essa consideração da nossa dependencia absoluta da Graça de Deos e dos seos juizos impene-traveis não extingue em nós o ardor que aliás teriamos em practicar a virtude e exercitar as boas obras?

R. De modo nenhum. Só Pelagio e os que têm seguido o seo partido hé que tal disserão e até objectarão aos defensores da Graça, como S. Prospero e Hilario advertirão a Santo Agostinho o qual fortemente contrastou este erro.

D. Como me fareis vós ver que a doutrina que sustenta essa dependencia absoluta que nós temos da Graça de Deos e dos seos impenetraveis designios hé o fundamento sólido do exercicio das boas obras?

R. Facil hé de o fazer ver; porque segundo esta doutrina hé a graça victoriosa ou efficaz que nos dá a liberdade para fazer o bem, e nunca nos hé dada senão para no lo fazer querer, de sorte que sempre practicamos o qu ella nos faz querer.

D. O Apostolo que ensinou esta doutrina, elle mesmo a reputa como fundamento do exercicio das boas obras?

R. Sim; elle para nos excitar a trabalhar na nossa salvação nos faz advertir que hé Deos quem em nós opera o querer e o fazer – *Cum timore et tremore vestram salutem operamini; Deus est enim qui operatur in nobis et velle et perficere pro bona voluntate.*

D. Porem de que modo havemos nós de concordar a predestinação de Deos, a qual procede unicamente da sua misericórdia, e não das nossas boas obras, com a necessidade e cuidado de as fazer?

R. Deos ainda que nos não tenha elegido ou predestinado por causa das nossas boas obras, não nos háde salvar contudo senão por ellas; porem elle mesmo quando nos predestinou para a sua Gloria, predestinou-nos logo tambem para fazer essas boas obras, como meios necessarios para a conseguir.

D. Aonde nos ensina o Apostolo isso?

R. Quando em termos bem expressos nos diz: *Ipsius enim factura sumus, creati in Christo Jesu in operibus bonis quae praeparavit Deus ut in illis ambulemus* (Efes. 2.10.). Por isso mesmo que a predestinação nos não exempta de fazer boas obras, hé ella que no las prepara desde a eternidade; de sorte que sem as boas obras a nossa predestinação não seria senão hũa illuzão.

D. Não hé nesse sentido que S. Pedro diz: que nós devemos segurar a nossa vocação e eleição pellas boas obras?

R. Sim, porque as boas obras são o signal mais certo da nossa eleição ou predestinação e o meio mais seguro para a obter.

D. Quaes são em geral as boas obras que se fundão sobre a doutrina da Predestinação de Deos e Graça de Jesus Christo?

R. Hé o desprezo do mundo, o qual comprehende em si todas as outras; pois que nunca se renuncia interiormente nem ainda no exterior o mundo, senão para as praticar com mais liberdade e perfeição.

D. Por que razão dizeis que esse desprezo do mundo pello menos o interior principalmente se funda sobre a doutrina explicada da Predestinação?

R. Porque este desprezo do mundo deve particularmente fundar-se sobre aquella sentença terrível do Filho de Deos o qual orando pellos seos escolhidos, diz a seo Pai: *Non pro mundo oro.* Eu não vos offereço a minha morte para salvação de nenhum daquelles que vivem possuidos e encantados com as maximas do mundo.

D. Agora sim hé que eu vejo quanto hé necessário para bem praticar as virtudes christãas, o estar bem instruido do mysterio da Predestinação e da Graça. Mas qual hé a razão por que tanta gente diz que este conhecimento não hé bom senão para Theologos e não para o simples povo?

R. Isso nasce de que há muitos que são inimigos declarados destas verdades, os quaes não podendo de modo algum destruillas combatendo as, quererião pello menos que fossem suffocadas em hum perpetuo silencio, porque como todos os homês são naturalmente Pelagianos, e não podendo o seo orgulho natural soffrer hũa dependencia inteira de Deos e da efficacia da sua Graça, basta pôr em silencio estas verdades para fazer reviver logo os sentimentos destes herejes.

D. Mas alguns mesmos daquelles que não são inimigos destas verdades seguem que se não deve instruir o povo sobre ellas; donde procede isso?

R. Hé muito de recear que proceda de pusillanimidade e de temerem as opposições do mundo, cujo orgulho se não pode submeter à Graça, assim como as contradicções daquelles a quem estas verdades desagradão. Pode também isso nascer de não terem elles nunca feito reflexão seria sobre o que Santo Agostinho escreveo para sustentar a necessidade de ensinar e de pregar esta doutrina ao povo;

ou enfim de não terem ainda sufficientemente reflectido que o conhecimento destas hé o fundamento mais solido das virtudes christãas.

**D.** Alguns há que não deixão de amar a piedade, os quais contudo se abstêm de ensinar estas verdades; dizendo que vale mais *practicar muito do que saber tanto* – pode isto tolerar-se?

**R.** Hé esse de todos os males o pior, o suffocar com o pretexto de piedade hũas verdades que são o seo principio e fundamento, como se sem o seo conhecimento se podesse dar piedade firme e solida; e como se não fossem virtudes estupidas aquellas virtudes que são sem luz e conhecimento. Hé necessario practicar muito, não o negamos, porque a sciencia sem a practica não pode senão inchar o coração e fomentar o orgulho. Porem a practica sem instrução não hé senão estupidez, e sem o conhecimento da Graça de Jesus Christo hé só vaidade e presumpção. Não está o ponto em practicar muito, mas sim em practicar bem; e para bem practicar hé necessário conhecimento e instrução. Hé necessario estar bem firme e fundamentado na verdade para não se deixar arrastar por doutrinas erroneas e não ser seduzido pellas suas proprias ideas ou por falsos directores. Devem finalmente estas pessoas lembrar-se que os christãos são filhos de luz, e que hũa piedade sem conhecimento não pode vir do Pai das luzes, nem por consequencia sêr hum dom de Deos e piedade Christãa.

#### Recapitulação

#### Das verdades da Graça

#### *Quoniam propitio Christo Christiani Catholici sumus scimus*

1.

Que todos os homens peccarão em Adão, e ficarão por isso Filhos de Colera, merecerão todos o sêr privados de toda a Graça e da Gloria, e ser condemnados às penas eternas do Inferno.

2.

Que nenhum homem poderá ser livre do peccado e da condemnação que por elle merecera; nem obter a graça e a salvação que perdera, senão pella misericordia infinita de Deus e pellos merecimentos de seu Filho.

3.

Que há hũa predestinação: e que Deus pella sua purissima misericordia, e não em vista de algum merecimento da nossa parte, escolhera, de todos os homens que peccarão em Adão e merecerão por isso ser condemnados, a alguns, a quem nos seos decretos eternos determinou salvar: não usando desta mesma misericordia para com os outros, aos quaes por hum justo e secreto juizo deixou na massa commum, que pello peccado ficou indigna da salvação.

4.

Que nenhum daquelles a quem Deus determinou salvar perecerá; assim como nenhum outro será salvo: de sorte que o numero dos escolhidos não pode já ser nem diminuido nem augmentado.

5.

Que apezar de tudo isto, ninguém se salvará sem boas obras se tem uzo da razão: assim como ninguém será condemnado se não pellos seos peccados.

6.

Que Deus desde toda a eternidade resolveo dar a todos os que determinou salvar, auxilios e graças com que inffalivelmente o sejão: isto hé, preparou-lhes auxilios efficazes e inffaliveis para receberem os sacramentos que são necessarios para a salvação; para crêr em Jesus Christo; para fazerem boas obras e para viverem santa e justamente e perseverarem até ao fim na piedade e na justiça; assim como para se levantarem por hũa verdadeira penitencia das suas quedas aquelles que chegarão a cahir. E só aos seos escolhidos e a ninguem mais Deus preparou as graças e auxilios com que inffalivelmente se salvem aquelles que se salvão.

7.

Que Jesus Christo orou a seo Eterno Pai e lhe offerceo a sua morte pella salvação de todos aquelles que elle sabia serem por seo Pai escolhidos para se salvarem, assim como para todos elles impetrou todas as graças sem as quaes não poderião ser salvos, e com as quaes inffalivelmente o fossem; a fim de que se não perdesse nenhum daquelles que seo Pai lhe confiara. Porem não orou por cazo nenhum pella salvação daquelles que já a esse tempo estavam no Inferno, nem daquelles que sabia serem reprovados por seo Pai: ao mesmo tempo que para muitos destes mesmos elle mereceo pella sua morte muitas e diverssas graças que Deus *ad tempus* concede a muitos dos reprovados. O que supposto, detesto como impia e sacrilega esta proposição: *Jesus Christo não morreo se não só para salvação dos Predestinados* – como se nenhum dos reprobos recebesse algũa graça, ou se as graças que elles recebem não fossem merecidas por Jesus Christo como fructo da sua morte (à margem: as 5 prop. condemnadas).

8.

Que sem a Graça de Deus nada podemos; isto hé, bem nenhum podemos nem querer nem fazer, e que em nós não há se não mentira e peccado, se Deus nos não previne com a sua Graça, a qual opere em nós o querer e o fazer. Porque no estado deploravel em que nos achamos, todos nós necessitamos para fazer o bem e fugir do mal de hũa Graça a qual, bem longe de ser submettida à nossa vontade, não somente nos dê o poder de fazermos o bem, se quizermos, mas ella mesma opere em nós o querer e o fazer, fazendo com que nós effectivamente queiramos e façamos.

9.

Que nunca se reziste a esta Graça efficaz, cujo primeiro effeito he o tirar e desfazer a dureza do coração afim de que elle a não rejeite. Contudo a toda e qualquer Graça por mais forte e efficaz que seja, e que nos previna, sempre podemos rezistir se quizermos; e se nunca se lhe reziste, he porque ella mesma faz com que nós não queiramos. Á vista do que detesto esta proposição: *Os Semi-pelagianos erão herejes emquanto dizião que o homem pode rezistir à Graça se quizer.* (à margem: a 4.<sup>a</sup> das prop. condemnadas) Alem desta Graça, que hé sempre victoriosa, outras muitas graças, mesmo interiores, nos dá Deus ás quaes rezistimos, não obrando o bem que ellas nos persuadem; e as quaes imprimem sempre em nós alguns dezejões, porem tão fracos, que não vencem a nossa concupiscencia. Assim de coração e com a bocca condemno esta proposição: *que no estado da natureza corrompida nunca se reziste à graça interior.* (à margem: a 2.<sup>a</sup> das condemnadas)

10.

Que a graça não nos hé dada em attenção a merecimentos alguns nossos, mas só pella misericórdia purissima de Deus, que a ninguém a deve; e injustiça nehũa faria, se a ninguém a concedesse.

E por consequência detesto esta proposição: *Que Deus nunca nega a sua Graça àquelles que trabalham quanto está da sua parte e nas forças da sua natureza.*

11.

Que não sente dignamente da Graça de Jesus Christo aquelle que a crê dada a todos os homens. Que aquelles a quem Deus a dá hé por hũa misericordia que elles não merecerão: e aquelles a quem a recuza, hé um effeito da sua justiça, para punir nelles os seos peccados. Comtudo nenhum dos preceitos de Deus hé impossível; e a Graça que os faz possíveis hé dada a todos aquelles que a pedem como deve ser, e se esforção quanto devem pellos observar. Á vista do que com o coração e com a bocca condemno esta proposição: *Que há preceitos de Deus que são impossíveis ainda mesmo aos Justos, aos quaes muitas vezes, por mais que queirão e se esforcem lhes hé negada a Graça, que lhos faça possíveis.* (à margem: a 1.<sup>a</sup> das condemnadas)

12.

Que nós temos hum livre arbitrio, por força do qual a nossa vontade se pode inclinar para o bem pelo impulso da Graça; e para o mal pello pezo da sua propria concupiscencia: e pello qual ella tudo quanto faz não o faz senão porque o quer fazer. Todas as vezes pois que ella coopera com a graça e faz o bem; ou consente com a sua paixão e pecca; ella o faz não só sem coacção, mas ainda sem necessidade, antes com liberdade e com escolha. E por consequencia sinceramente condemno com toda a Igreja esta proposição: *Que para merecer ou desmerecer no estado da natureza lapsa, basta ser exempto de coacção e não hé necessário estar exempto da necessidade de natureza,* a qual faz obrar não por escolha, mas sim por impulso, como nos brutos, nos meninos, nos loucos ou frenéticos.

Fim

### c) O Pelagianismo

Pelagio, o qual começou por sustentar *que a nossa natureza e nosso livre arbitrio estavam ainda no mesmo estado em que forão creados por Deos e que este podia e tinha ainda para o bem a mesma facilidade que antes do peccado de Adão possuiria* (S. Ag. l. de pec. orig.), depois de ter ensinado e propagado sem rebuço algum estes erros com seo discipulo Celestio pella Sicília, pella Africa e em Roma, vio-se ultimamente obrigado pella perseguição que os Catholicos lhe fazião, especialmente Santo Agostinho e S. Jerónimo, a modificar e a envolver em parte os seos erros para evitar as condemnações dos Concilios que frequentemente se convocavão contra elle; e perante os quaes, assim como na presença do Papa Zozimo com tal disfarce e hypocrisia soube fallar ao principio que a muitos pareceo mui orthodoxo em todos os seos sentimentos; e em consequencia disso o declararão catholico em tudo quanto ensinava; e mais notavelmente illudio ao Papa Zozimo, o qual precipitadamente escreveu logo aos Bispos de África estranhando muito nelles a perseguição com que perseguião a Pelagio. Os Bispos de África juntarão-se logo em Concilio a fim de responder ao Papa em n.º de 217 e depois de lerem a sua carta e terem de novo examinado a doutrina condemnada escreverão e assinarão hũa Epistola na qual depois de lhe representarem que aquelles erros tinham sido já condemnados pellos Bispos de África em muitos Concilios, assim como mesmo em Roma pello Papa Innocencio 1.º, lhe advertião que não se fiasse nas palavras dos Herejes; que não bastava que

elles condemnassem os seus erros em Geral como fazião para os envolverem, mas sim que era necessario fazêlos condemnar hum por hum e fazêllos reconhecer sem equívoco a verdadeira Graça de Jesus Christo. O Papa entrando em si condemnou logo a Pelagio com toda a sua doutrina.

Neste mesmo tempo hum bispo de Roma – Juliano – se pôs em campo como defensor das doutrinas de Pelagio, defendendo em várias obras a liberdade e as forças da natureza contra a verdadeira Graça do Salvador e foi contra este que Santo Agostinho mais principalmente escreveu a fim de o confundir.

Pelagio e Celestio dizião para se justificarem que elles reconhecião que sem a Graça de Deos nada se pode; e que ella era necessária para toda e qualquer acção e anathematizavão todos os que a negassem. Porem que as mais questões acerca da liberdade e da Graça não erãõ senão disputas que nada tinhão com a Fé. O que deo motivo a Santo Agostinho para escrever o livro *de Gratia Jesu Christi* aonde declara: Que por mais que Pelagio confessasse ser necessaria algũa graça para toda e qualquer acção, elle não seria verdadeiramente christão emquanto não confessasse que esta Graça necessaria para toda e qualquer acção boa deve ser tal que não só nos dê o poder de fazer o bem, se quisermos, mas sim opere em nós esse mesmo querer e o fazer, e que ella não só nos excite ou allicie para o bem, mas effectivamente no lo faça querer e fazer pella força da sua deleitação – *Quos ita suadet, ut persuadeat*.

&

Condemnados e reduzidos já de todo a silencio os Pelagianos, appareceu de novo hum homem chamado Vital, o qual começou a despertar de novo a bulha que se achava de todo extinta. E foi este o que deo principio à heresia dos Semipelagianos. Sustentava elle que sim, a Graça de Jesus Christo era necessária a todo homem para viver santa e justamente, e que acção nenhũa boa o homem podia fazer sem esta Graça, mas que o effeito della dependia inteiramente da nossa vontade, a qual a aceitava se queria, ou recusava se não queria; que o principio da conversão e da salvação erãõ do homem; e que Deos a ninguem nega a graça para bater, para pedir e para buscar, cuja graça contudo hé submetida à vontade do mesmo homem. Cujos erros que erãõ hum Pelagianismo mitigado Santo Agostinho combatteo na sua Epistola *ad Sextum*.

Por occasião desta Epistola alguns monges de Adrumeto se declararãõ abertamente contra o decreto eterno pello qual Deos escolheo a quem quis, deixando os outros na massa da perdição; e contra a Graça que Deos não dá a todos e que não hé submetida à nossa vontade, antes a faz querer, afirmando que Floro o qual ahi conduzia esta Epistola e os que sustentavãõ este decreto e esta Graça destruiãõ o livre arbítrio. Foi por occasião disto que Santo Agostinho escreveu o seu livro *de Gratia et Libero arbitrio* – o qual não socego ainda de todo estes monges que concluiãõ da sua doutrina – Que então inutilmente se fazião as correccões e exortações, a ser ella verdadeira. Foi ainda para refutar estes erros e este germe de Pelagianismo que o Santo escreveu o seu livro admirável – *De Correctione et Gratia* o qual ao mesmo tempo que socego estes monges sublevou os do mosteiro de Marselha, que dahi tomarãõ occasião para combater o decreto eterno da Predestinação e necessidade da Graça que em nós opere o querer e o fazer. Cassiano, que era o Abade destes monges, foi o primeiro que se pôs em campo para combatter.

S. Prospero e hum certo Hilario zelosos defensores da doutrina de Santo Agostinho, já no fim da sua vida, o avisarãõ do que estes novos inimigos da Graça de Jesus Christo dizião contra a sua doutrina. Eis o que elles dizião:

Confessavão que todos os homens tinham peccado em Adão e que ninguém era salvo pellas suas obras, mas sim pella Graça da regeneração. E só nisto hé que se distinguirão dos Pelagianos. Mas que quanto ao decreto da Predestinação, elles o fazião depender do merecimento dos homens que Deos previa; e quanto à sua Graça a fazião commum a todos e submettida à sua vontade.

Dizião:

- 1.º – que Deos destinou para o seu Reino aquelles que previo se fazião dignos da sua eleição e acabarião santamente.
- 2.º – que assim como Deos queria salvar a todos os homens sem excepção, assim a Graça que Jesus Christo nos mereceu pello seu sangue fora offercida geralmente por todos, a fim de que aquelles que quisessem crêr em Jesus Christo se podessem salvar, dependendo a sua salvação inteiramente delles.
- 3.º – que todo o homem pode com forças iguaes fazer o bem ou o mal e a sua vontade se inclina ou para o vicio ou para a virtude com hũa indifferença igual, como quem tem a Graça sempre prompta para a seguir ou rejeitar.
- 4.º – que a doutrina de Santo Agostinho sobre a Predestinação e Graça introduzia o *Fado* pello qual todas as coisas accontecem aos homens, queirão elles ou não queirão: leva nos à desesperação e aniquilla o exercicio das boas obras fazendo apagar o desejo de as exercitar.
- 5.º – que enfim ainda no caso de que esta doutrina fosse verdade, se não devia pregar ao povo. Contra o que Santo Agostinho se pôs logo a compor os livros *de Predestinatione Sanctorum et dono perseverantiae* – aonde com tanta força como doçura e caridade refuta estes restos da heresia de Pelagio.

Morrendo pouco depois disto o Santo Doutor tomarão novo animo os inimigos e o erro foi tomando novo corpo, contra o qual se declararão muitos zelosos defensores, aos quaes se unio por ultimo o Papa Hormisdas declarando que a doutrina da Igreja era a mesma de Agostinho, assim como o Papa Celestino que a rogos de S. Prospero e Hilário, escreveo hũa Synodica aos Bispos de França em que muito lhes estranhava que elles soffressem a propagação de doutrinas novas que atacavão a doutrina de Santo Agostinho a qual nunca jamais fora suspeitada de erro; e juntou a esta Epistola hum summario da doutrina da Graça que se crê arranjado por S. Prospero. Munido com a qual se pôz logo a escrever contra os herejes e escreveo o seu Poema – *Dos Ingratos*.

Fausto Bispo de Riêz levantou neste tempo o estandarte do Semipelagianismo, escrevendo a favor do livre arbítrio varias obras, as quaes elle pretendeo fazer passar nos países estranhos como approvadas em hum concilio de Arles, que nunca existio; e que hé todo com tudo quanto delle se conta pura ficção sua. Contra o qual escreveo logo Alcimo Bispo de Vienna e tal foi a bulha que produzirão as suas obras e as de Fausto, assim como as accusações que os Semipelagianos fazião contra os discípulos de Santo Agostinho que os Bispos que se achavão juntos em Orange no anno 529 crerão ser do seu dever tratar esta questão: como com effeito fizerão, definindo a Fé da Igreja em muitos capítulos que pella maior parte são tirados de Santo Agostinho. Cezario Bispo de Arles que presidia neste concilio pedio logo ao Papa Bonifácio 2 a sua confirmação, o que elle fez por meio de hũa carta na qual entre outras coisas falla de Santo Agostinho como de hum Bispo em cujos escritos suppunha solidamente e amplamente tratada toda a doutrina da Graça.

Por este tempo escreveu também S. Fulgencio Bispo Africano em defeza da Predestinação e da Graça contra Fausto. Muitos outros Bispos desterrados com elle na Sardenha pella Fé fizeram também hũa Epistola Synodica na qual condemnão todos os erros dos Semipelagianos e fazem hũa profissão de Fé toda conforme à doutrina de Santo Agostinho.

No reinado de Carlos o Calvo, toda a França se achava dividida acerca da Predestinação, morte de Jesus Christo e livre arbitrio, sustentando huns conformemente á Scriptura a doutrina de Santo Agostinho:

- 1.º – que Deos estando todos os homẽs condemnados pello peccado de Adão escolhera destes alguns a quem predestinara para a sua gloria; predestinando os outros para as penas que pello seu peccado havião merecido.
- 2.º – que Jesus Christo não offerecera a sua morte pella salvação dos reprobos.
- 3.º – que a Predestinação e a Graça não extinguirão o livre arbitrio.

Contra cujas verdades oppunhão outros e defendião proposições inteiramente oppostas e avessas. Deo mais algum calor a estas disputas neste seculo o facto do Monge Goteskalko, monge de Orbais, e muito instruido e versado no estudo das Scripturas e Santos Padres sobretudo de Santo Agostinho.

Este estando hospedado em casa do Conde Eberardo teve ahi hũa entrevista com Notthingo Bispo de Verona, com o qual disputou largamente sobre a Predestinação, provando-a com muitas authoridades de Santo Agostinho. Pouco depois encontrando-se este Bispo com Rabano Arcebispo de Mayença, elle lhe disse que Goteschalk sustentava contra toda a razão duas predestinações, hũa para a Gloria, dos escolhidos; outra para a condemnação dos reprobos; e concordarão em que Rabano comporia hũa obra em que combatesse este erro. O que elle promptamente fez em hũa carta dirigida ao Bispo Notthingo. Porem como mui bem advertio a Igreja de Lião ao despois, Rabano mostra não ter comprehendido o sentido de Goteschalk, imaginando falsamente que elle sustentava que Deos tivesse predestinado alguem para o peccado, de maneira que os Impios não possam deixar de o ser, o que Goteschalk nunca disse.

Em consequência disto levantou-se logo a perseguição contra este monge, e Rabano em hum Concilio onde o fez comparecer o accusou de sustentar que a Predestinação de Deos necessita os homẽs a perder-se; e com o pretexto desta falsa accusação foi enviado ao seu Bispo Hincmaro de Rheims, sem ouvirem nem attenderem as justificações que elle pretendia dar.

Hincmaro immediatamente e sem averiguação algũa passou logo a separallo dos sacramentos, condenando-o ao castigo dos açoutes e prisão perpetua de cuja sentença elle appellou para o Papa; e remmetendo a sua appellação para Roma, o que a levava foi embarçado por Hincmaro, e este pobre religioso foi mettido em hũa prisão aonde morreo martyrizado com açoites até expirar, os quaes quis antes supportar do que renunciar a sua Fé e lançar os seos escritos no fogo como lhe mandavão. Hincmaro escrevendo contra a doutrina da Predestinação e da Graça foi refutado por Ratrão monge de Corbia; e S. Prudêncio Bispo de Troyes compoz hum livro em que provava pellos Santos Padres e Scriptura Santa:

- 1.º – que Deos tinha predestinado huns para a gloria e outros para as penas que tinham merecido;
- 2.º – que Jesus Christo não morreo senão pellos Fieis e que Deos não quer salvar todos o homẽs;

- 3.º – que os sentimentos de Gennadio de Marselha sobre o livre arbitrio se devião detestar. Cuja obra elle enviou junto com hũa carta a Hincmaro, depois de ter exigido a confirmação de hum Synodo geral de 4 Provincias que se celebrou em Paris em 849.

Em 854 Hincmaro remetteo a Rhabano as confissões de Goteschalk as quaes só por si são mais que sufficientes para justificar a sua Fé para com aquelles que tem algum conhecimento da sciencia da Igreja.

Como Hincmaro se não accomodasse trabalhando já por si, já por meio de outros, em combatter a verdadeira doutrina tão fortemente defendida então mesmo por pessoas de tanta authoridade – S. Prudêncio era o seu maior adversario e quem mais rijamente o confundio; o qual não podendo assistir presente por causa das suas enfermidades a hum Concilio que hia a celebrar-se para a eleição do Bispo de Paris escreveu a este concilio hũa Epistola na qual declara que de modo nenhum consente na ordenação deste Bispo sem que primeiro, quem quer que o for, confesse e assigne estas 4 proposições pellas quaes a Igreja Catholica combate os erros de Pelagio e seos sequazes:

- 1º – que o livre arbitrio nos hé de tal sorte dado por Jesus Christo que acção nenhũa boa podemos fazer sem a sua Graça;
- 2.º – que predestinou alguns para a pena;
- 3.º – que Jesus Christo não derramou o seu sangue senão só pellos crentes;
- 4.º – que Deos salva todos os que quer; e quanto aos que se perdem, Deos não quiz que fossem salvos.

Cuja carta foi mui aceita do Concilio e nelle mui bem recebida. E hé assim que a verdade sempre em todos os tempos ficou victoriosa, não obstante o empenho de seos inimigos; e a doutrina de Santo Agostinho sempre foi tida, como ainda hoje o hé como a doutrina verdadeira da Igreja. Todos os assaltos, que por vezes se têm accomettido, ella os tem repellido briosamente, e já hoje com ufania se considera triunfante dos novos semipelagianos, que nestes ultimos tempos a têm denegrido, capitaneados por o Jesuíta Molina.

**d) Juizo exacto da crença Catholica comparada com os sentimentos dos Protestantes e Pelagianos acerca do Mysterio da Predestinação e Graça de Jesus Christo.**

À. Cologne. 1691.

Muitas pessoas há, que por hum zelo indiscreto para com a sua Fé, julgão que para serem bons Catholicos hé necessário não ter nada de commum com aquelles que estão separados da Igreja, e que hé não ser hereje não crêr nada do que elles crêm, assim como não fazer nada do que elles fazem. Muitos Catholicos há também compositores de livros, Pregadores e Theologos, que para combaterem sentimentos que lhe desagradão, julgão ser bastante afim de os fazer odiados do povo simples o dizer que são sentimentos cridos e ensinados pellos Calvinistas ou outros Pretendidos Reformados, sem advertirem que nem tudo quanto dizem os Calvinistas hé herético, e sem discernirem o que he de Fé na sua Profissão, daquilo que o não hé.

Desta illuzão nasceo o persuadirem-se muitos que todo o bom catholico não devia ler a Scriptura Santa, nem orar a Deos na lingua vulgar, porque os huguenotes orão a Deos na sua lingua materna, e são muito dados à leitura dos livros santos. Mas começão já a desprezar-se estas falsas persuasões.

O maior mal porem que ainda resta, hé que muitos catholicos e mesmo Theologos há, os quaes, querendo desviar-se inteiramente da crença dos Calvinistas e Reformados, vêm a cahir em outro excesso opposto, unindo-se a opiniões inteiramente novas, e até mesmo contrarias à verdade e doutrina antiga da Igreja; e que, como muito bem reflecte o Cardial Baronio, com o empenho de não serem Calvinistas, vêm a ser Pelagianos, isto hé, para não serem Gommaristas nem Protestantes vêm então a ser, sem o pensarem, Armenios, Mennonistas e Socinianos.

Para evitar pois estes excessos e não cahir miseravelmente em hum erro, querendo evitar outro, e a fim de que não venhamos a ser Pelagianos, querendo não ser Calvinistas, hé necessario reconhecer sem paixão que nem todos os sentimentos dos Calvinistas, mesmo no que toca à Predestinação e Graça, são heréticos; e hé necessário discernir exactamente aquelles que o são dos que o não são.

Elles crêm por exemplo: 1.º que todos nós fomos concebidos em peccado e nelle nascidos; 2.º que tinhamos necessidade de hum Mediador, que nos livrasse das penas eternas que por este peccado havíamos merecido; 3.º que Jesus Christo hé este Mediador e Salvador, que sendo Deos e homem, soffreo a morte para nos resgatar; 4.º que sem a sua Graça nós nunca poderemos querer nem fazer bem algum etc. Tudo isto são verdades que a Igreja Catholica crê e ensina, e seria ser hereje e pelagiano o contradizellas. Hé logo falso que todos os sentimentos dos Pretendidos Reformados sejam heréticos e dignos de reprovação; e discorrerá muito mal todo aquelle que disser assim em geral: os Calvinistas seguem ou ensinão esta doutrina: logo ella hé falsa; hé ser hereje o seguilla e ensiná-la. Porque se esta consequência hé legitima então será ser hereje o crêr e ensinar que há hum Deos em 3 Pessoas; que todos os homês que nascem em Adão são concebidos em peccado e todas as mais verdades que os Calvinistas seguem e ensinão, e nós com elles cremos e ensinamos.

Para convencer pois os Catholicos de que hũa doutrina hé herética, e que elles a não devem seguir, não basta pois dizerlhes que hé hũa doutrina ensinada pellos Calvinistas; o que seria levarllos facilmente a impiedades horríveis, e apartallos até da crença de todo o symbolo, pretendendo affastallos inteiramente e sem distincção de todos os sentimentos dos Pretendidos Reformados. Mas hé necessário fazer-lhes ver como os Pretendidos Reformados abandonarão nesse ponto a doutrina da Igreja Catholica, e para isso hé necessário distinguir com exação entre os sentimentos que ella crê e ensina com esses herejes, e aquelles que elles só dogmatizão, e que a Igreja rejeita e condemna.

Estabelecidas estas regras, as quaes certissimamente ninguém poderá contestar hé necessário discernir com toda a miudeza os pontos particulares da doutrina catholica que os Protestantes ensinão comnosco e os quaes nós devemos ensinar com elles; e aquelles em que elles se separão da Igreja e nos quaes por consequência devemos infallivelmente discordar.

A Fé do peccado original e da condemnação que por elle merecemos, assim como a da Predestinação divina e da morte de Jesus Christo e da sua Graça são sem duvida o fundamento todo da Religião Christãa. Porque o fazer se o Filho de Deos homem, o morrer em hũa cruz, tudo foi para executar os decretos eternos da misericordia de Deos sobre os homês, isto hé, para os livrar do peccado e da morte eterna em que incorrem tanto que nascem; e para conduzir ao Ceo todos aquelles que seo Pai lhe deo e confiou.

Hé logo hum dever de todo o Christão o procurar instruir-se da verdade destes mysterios que formão a base da sua Religião, e procurar saber o que a Igreja crê e lhes ensina, para não ignorarem o porque são christãos, e o que devem a Jesus Christo.

E porque os Calvinistas e outros Protestantes seguem sobre estes pontos em parte a doutrina da Igreja Catholica, e em parte a não querem seguir, devem saber os Catholicos discernir quaes são esses pontos que os Protestantes ensinão com a Igreja, e os em que della e da sua crença se apartão.

Porem como por outro lado affastando se da crença dos Calvinistas sobre estes mysterios com facilidade podem cahir nos erros oppostos dos Pelagianos, e tanto mais facilmente quanto elles são mais conformes aos nossos sentimentos naturaes e mais difficultoso a nós o guardar-mos hum justo meio termo entre huns e outros herejes por meio dos quaes caminha a verdade catholica, e por isso dizia Santo Agostinho que quando queria fallar da Graça quasi que se via obrigado a negar o livre arbitrio, assim como quando explicava este quasi que negava a necessidade da Graça; e porque os Protestantes Reformados accuzão em todas as suas obras a Igreja Romana de seguir os erros dos antigos herejes, será bom notar tambem a grandissima differença que há entre a doutrina desta Igreja e a dos Pelagianos, a fim de não virmos a ser pelagianos, querendo fugir de ser Calvinistas e a fim de vermos tambem que nem tudo quanto dizem estes herejes hé falso, e que a doutrina da Igreja Catholica não hé outra senão a que caminha por entre os erros de huns e dos outros.

**Doutrina dos Protestantes  
sobre o peccado original**

1.

Todos os homês peccarão em Adão; todos são concebidos em peccado, e nascem criminosos e Filhos de Colera; e todos elles serião condemnados se a Graça os não libertasse.

2.

*Há alguns meninos, especialmente dos Fieis, que serão salvos ainda morrendo sem baptismo: mas aquelles a (com)*

**Doutrina da Igreja Catholica  
sobre o peccado original**

1.

Todos os homês que nascerão d'Adão, peccarão nelle; nascem criminosos e Filhos de Colera e escravos do demonio; e todos elles merecerão a morte e condemnação e serião todos elles com effeito condemnados se Deos pella sua misericordia os não libertasse.

2.

Todos os homês e todos os meninos, mesmo dos Fieis, que morrem sem Baptismo não só nunca verão a Deos, mas serão

**Doutrina dos Pelagianos  
sobre o peccado original**

1.

*Os homês não peccarão em Adão; não são concebidos em peccado; não nascem criminosos nem Filhos de Cólera, nem escravos do demonio, mas sim puros e innocentes; e eles não serião condemnados nem precisarião da misericordia de Deos para ser livres da condemnação que o peccado de Adão lhes merecesse se não commettessem algum peccado voluntariamente.*

2.

*Nenhum homem e muito menos os meninos serão condemnados pello peccado d'Adão, ainda mesmo que morrão sem Bap-*

quem Deos não usar de misericórdia serão condemnados e sofferão as penas do Inferno.

3.

*O Baptismo não he necessario aos meninos para serem livres do peccado ou da condemnação, mas somente para receberem o signal da Divina alliança.*

4.

A concupiscência he hũa corrupção que em nos dura ainda depois do Baptismo; e ella he sempre hum verdadeiro peccado; assim como todos os movimentos que ella produz; ainda que se lhe não dê consentimento são verdadeiros peccados.

5.

O Homem foi de tal sorte corrompido pello peccado d'Adão que não tem já liberdade nem força para o bem; e pecca ainda mesmo em todo o bem que faz, ainda movido pella Graça mais forte.

A doutrina exposta he tirada da profissão de Fé dos Protestantes de França e dos seos Theologos e do Synodo de Dordrech.

condemnados eternamente no inferno aonde as suas penas serão muito mais leves.

3.

O Baptismo he absolutamente necessario aos meninos mesmo dos Fieis para serem livres do peccado e condemnação eterna; assim como tambem para serem feitos Filhos de Deos e herdeiros do seu Reino.

4.

A concupiscência he hũa corrupção que permanece ainda depois do Baptismo em todos os que o recebem; porem nem ella nem os seus movimentos são propriamente peccados se lhe não dermos algum consentimento.

5.

O homem ficou de tal sorte corrompido pello peccado que não tem já força nem liberdade senão para peccar, se a Graça de Jesus Christo o não fortifica e leva efficamente para o bem; porem não pecca em todo o bem que faz. A doutrina exposta he ensinada por S. Paulo e por Santo Agostinho contra os Pelagianos como consta das suas obras.

tismo: mas não entrarão no reino de Deos; hirão para hum lugar onde vivão docemente e exemptos de toda a tristeza.

3.

*O Baptismo he necessario aos meninos, não para serem livres de algum peccado ou da condemnação; mas sim para que Deos os adopte como seos Filhos e os faça herdeiros do seu reino.*

4.

*A concupiscência não he corrupção; he hũa inclinação natural que existe em todos os homês e nem ella nem os seos movimentos são nunca maos em si, nem são peccados ainda que se lhes dê consentimento.*

5.

*Os homês não forão corrompidos pello peccado d'Adão nem depois d'elle ficarão com mais propensão para o mal, nem com menos liberdade para fazer o bem; não necessitão de Graça e podem, se quiserem, viver sem peccado algum.*

Esta doutrina he attestada por Santo Agostinho nos seos (livros) contra os Pelagianos especialmente contra Juliano.

**Doutrina sobre a Predestinação**

**Protestantes**

1.

Tendo todos os homês merecido pello peccado de Adão o serem condemnados, Deos pella sua pura misericordia e sem respeito algum a bem que elles tivessem feito ou houvessem de fazer, escolheo aquelles que quis para os salvar, resolvendo punir ao mesmo tempo todos os outros.

2.

Deos de nenhum modo quer que todos os homês sem excepção sejam salvos. E quando o Apostolo diz – *Deus vult*, etc. entende somente que Deos quer salvar homês de todos os estados, idades, tempos e nações; e hé da vontade de Deos só que depende a salvação dos homês de sorte que todos aquelles que elle destinou salvar hão de sello e nenhum o será daquelles a quem não destinou conformemente ao que diz a Scriptura. – *Deus omnia quaecumque voluit fecit.*

3.

Deos a todos aquelles a quem determinou salvar, preparou-

**Igreja Catholica**

1.

Tendo os homês todos merecido a condemnação pello peccado d'Adão Deos por pura misericordia e sem attenção algũa a merecimentos havidos ou por haver, escolheo aquelles que quiz para os salvar deixando todos os outros na massa da perdição.

2.

Deos não quer a não ser com hũa vontade impropriamente dita, salvar a todos os homês sem excepção. E quando S. Paulo diz – *Deus vult*, etc entende que quer salvar homês de todas as idades, estados, tempos e nações, e he da vontade de Deos que depende a salvação dos homês, de sorte que nenhum será salvo senão aquelles que elle determinou salvar, os quaes todos hão de infallivelmente sello. Pode ainda entender-se o Apostolo em outros sentidos, contanto que não seja contrario ao que a Scriptura diz: – *Deus omnia* etc., isto he, de sorte que se não diga que possa perder-se algum daquelles que Deos quer salvar.

3.

Deos para todos aquelles a quem determinou salvar, des-

**Doutrina dos Pelagianos**

1.

*Não tendo os homês merecido de nenhum modo a condemnação pello peccado d'Adão, Deos pella sua Justiça escolheo para a sua gloria aquelles que elle previo havião de fazer hum bom uso da sua liberdade e das suas graças, excluindo somente aquelles que previo havião de abusar da sua liberdade e dos seus dons.*

2.

*Deos quer com hũa vontade verdadeira e de beneplácito que todos os homês sem exceptuar hum só sejam salvos. E quando o Apostolo diz – Deus vult etc. o seu verdadeiro e único sentido he que Deos quanto está da sua parte quer que todos os homês se salvem, se quiserem; de sorte que os que se perdem se condemnem porque quiserão condemnar-se, dependendo a sua salvação da sua vontade e a sua vontade delles. E não he a respeito do que depende da vontade dos homês que tudo o que Deos quiz, fez.*

3.

*Deos preparou não só para os Predestinados, mas geralmente*

-lhes os socorros todos por meio dos quaes fossem infallivelmente salvos. *E não preparou nenhũa graça justificante para aquelles a quem não predestinou nem determinou salvar.*

4.

*Nenhum daquelles que Deos escolheu e predestinou perde nunca a Fé e a Justiça que recebeu, por maiores peccados que faça.*

5.

Nenhum dos que tem uso de razão, ainda que seja predestinado, será salvo sem boas obras; assim como nenhum será condemnado senão pelos seus peccados.

6.

A escolha que Deos fez de alguns para a Gloria, de tal sorte nasce da sua pura misericórdia, que ninguém pode accusallo da menor injustiça por escolher a huns e deixar os outros.

7.

*Todo o Fiel deve crer com hũa certeza infallivel e de Fé que*

tinou-lhes também todos os auxílios com que infallivelmente houvessem de selo. E até para aquelles a quem não predestinou destinou algũas graças, mesmo interiores e justificantes, mas de nenhum modo o dom singular da Perseverança.

4.

Alguns há daquelles mesmo a quem Deos predestinou os quaes percão a Fé e a Justiça que recebido havião; porem Deos os levante pella sua Graça.

5.

Deos não creou ninguém para o condenar e por isso nenhum dos que se perdem com uso de razão será condemnado senão pelos seus peccados: assim como nenhum será salvo senão o que practicar boas obras.

6.

A escolha que Deos fez de alguns para os salvar nasce de tal sorte da sua pura misericórdia que se não pode accusar a Deos de injustiça nem de accepção de pessoas, quando escolhe a uns, e deixa outros que peccarão tanto como os primeiros.

7.

Todo o bom Catholico deve ter hũa confiança firmíssima;

*para todos os homẽs todos os auxílios sufficientes com que podessem salvar-se, se quisessem. E não destinou para ninguém graças por força das quaes houvesse de ser infallivelmente salvos.*

4.

Podem acontecer que aquelles mesmos que são predestinados, caham e percão a Justiça e até mesmo a Fé.

5.

Nenhum dos que têm uso de razão se salvará senão pellas suas boas obras; e nenhum se condemnará senão *pellos peccados que tiver commetido*, porque Deos não creou ninguém para o condemnar.

6.

*A escolha que Deos faz de alguns para a gloria nasce da sua justiça que quer recompensar os merecimentos daquelles que elle previo que farião bom uso da sua liberdade e dos seus dons. E seria Deos injusto e faria accepção de pessoas se sem attenção a merecimentos salvasse escolhesse a huns e deixasse os outros.*

7.

Todos devem ter hũa esperança firme, mas não certeza

*elle he do numero dos Predestinados, não obstante que a sua predestinação não depende senão da vontade de Deos.*

8.

*A Igreja não consta senão dos predestinados: todos os que o não são, não são da igreja, ainda que estejam nella e pareçam que têm a Fé.*

9.

Hé hũa herezia negar que haja hũa predestinação, a qual he hum decreto pello qual Deos determinou dar a sua gloria a alguns deixando os outros; e todos os Fieis devem ser instruídos sobre este mysterio que he o fundamento da piedade e da Fé.

mas não certeza infallivel que elle hé do numero dos Predestinados, não obstante depender a sua eleição só de Deos.

8.

A Igreja de Jesus Christo não se compõe só de Predestinados, e os que o não são não deixão de ser membros da Igreja, pello menos enquanto têm a Fé e caridade.

9.

Hé hũa heresia e contra a palavra de Deos negar que haja hũa Predestinação, isto hé, hum decreto eterno, pello qual Deos determinou dar a sua gloria a huns e não a outros; e todos os Fieis devem ser instruídos sobre este mysterio que hé o fundamento da piedade.

de Fé que seremos do numero dos eleitos; *pois que a nossa predestinação depende dos nossos merecimentos e das nossas boas obras.*

8.

A Igreja compõe-se não só de Predestinados mas também de reprobos; os quaes não deixão de ser seos membros emquanto conservão a Fé e a Justiça.

9.

Seria hũa herezia negar que haja Predestinação; *a qual he hum decreto pello qual Deos determinou dar a sua Gloria àquelles que della se fizessem dignos; e he pernicioso ou pello menos inútil o instruir os Fieis sobre estas verdades que os levão à desesperação e extingue nelles a piedade.*

## Doutrina sobre a morte de Jesus Christo

### Protestantes

1.

Tendo todos os homẽs peccado em Adão e merecido por isso o serem privados de todas as Graças e serem condemnados: não terião elles com effeito recebido algũa graça, antes serião todos condemnados se o Filho de Deos se não fizesse homem, e não morresse em hũa cruz a fim de satisfazer por elles à justiça de seo Pai; e merecer-lhes pella sua morte o perdão dos seos peccados, assim como os auxílios necessários para fugir o mal e fazer o bem, e não somente livrallos da condemnação, mas ainda pollos de posse da Gloria. São estes os motivos por que o Filho de Deos se fez homem e se sujeitou a morrer.

2.

Jesus Christo no acto de expirar orou a seu eterno Pai e lhe offerceco o seu sangue e a sua morte por todos aquelles que elle sabia que seu Pai tinha elegido e de nenhum modo pellos outros, isto hé, pediu e obteve para todos os Predestinados e *para ninguém mais* o perdão de seos peccados e todos os auxílios para infalivelmente se salvarem.

### Doutrina Catholica

1.

Por estas mesmas palavras sem a mais mínima differença se explicão os Catholicos.

2.

Jesus Christo morrendo orou a seo Eterno Pai e lhe offerceco o seu sangue e a sua morte pella salvação eterna de todos aquelles que elle sabia que seu Pai tinha escolhido e determinado salvar; e não pella daquelles que sabia que seu Pai não tinha formado tenção de que fossem salvos. Isso não obstante, elle morreo tambem por muitos reprobos e para elles pediu e obteve muitas Graças e todas aquellas que elle sabia que seo Pai queria dar-lhes.

### Doutrina dos Pelagianos

1.

*Como ninguém peccou em Adão, nem mereceo por isso ser privado da Graça e da Gloria, os homẽs não terião sido privados da Graça nem da Gloria, se elles não quisessem, ainda mesmo quando o Filho de Deos se não tivesse feito homem e morrido pellos homẽs. O morrer elle feito homem foi unicamente para lhes obter o perdão dos peccados, que elles commettem por sua propria vontade e a entrada do Reino de Deos que de modo algum lhes era devida por mais innocentes que elles fossem.*

2.

*Jesus Christo quando morreo orou a seu Eterno Pai e lhe offerceco o seu sangue e a sua morte geralmente por todos os homẽs assim predestinados como reprobos para lhes obter o perdão de seus peccados e a salvação eterna: sem fazer distincção e não morrendo menos por a salvação de Caim e de Judas do que pella de Abel e de S. Paulo.*

3.

Quando S. Paulo diz: *Christus mortuus est pro omnibus*, entende que morreo pellos seos, isto hé, todos aquelles que seo Pai lhe deo, que são todos os escolhidos e predestinados. *E de nenhum modo quer dizer que elle pedisse graças ou a salvação para outros senão para os seos escolhidos. He absurdo dizer que Jesus Christo tenha morrido por todos no sentido que a sua morte tenha sido sufficiente para todos geralmente emquanto ao valor e ao preço. E seria até contra o respeito devido a Jesus Christo que elle não obtivesse de seo Pai tudo quanto lhe tivesse pedido e que algum daquelles por quem elle pedisse se perdesse.*

4.

*Jesus Christo não morreo senão pellos predestinados, e por nenhum outro, isto hé, por nenhum dos reprobos pediu nem a sua salvação eterna, nem o perdão de algum peccado, nem socorro ou graça algũa.*

3.

Quando o Apostolo diz que Jesus Christo morreo por todos: elle não quer dizer que o beneficio da sua morte, que he a sua Graça, fosse applicado a todos, mas assim como quando elle diz que todos são justificados e vivificados em Jesus Christo, isto se deve entender que Jesus Christo he só quem justifica e vivifica aquelles que recebem a justiça e a vida; do mesmo modo quando elle diz que Jesus Christo morreo por todos he como se dissesse que hé pella sua morte que se salvão todos aquelles que são salvos. Podem ainda estas palavras entender-se em differentes outros sentidos e não hé ridículo dizer-se que Jesus Christo tenha morrido por todos sem excepção e que a sua morte seja de hum preço mais que sufficiente para salvação de todo os homês. Porem não devem entender-se que Jesus Christo pedira algũa coiza a seu Pai que não tenha obtido; ou que algum daquelles por cuja salvação elle orou a seu Pai, pereça e se condemne.

4.

Jesus Christo não morreo somente pellos Predestinados e pella sua morte conseguiu diversas graças para muitos reprovados, como as da Fé e mesmo da Justificação por algum tempo, porem de nenhum modo a da perseverança e da salvação.

3.

*Quando o Apostolo diz que Jesus Christo morreo por todos, entende que orou a seu Pai e lhe offereceo o seu sangue e a sua morte pella salvação de todos os homês sem excepção de maneira que o fruto da sua morte tenha sido applicado a todos geralmente, a fim de que quanto da sua parte está, a sua salvação não depende senão da sua vontade querer ou não aproveitar-se do seu sangue. E hé hum sentimento ridículo o pensar que Jesus Christo morrera por todos no sentido que a sua morte seja de hum preço sufficiente para resgatar todos os homês sem excepção. E não hé contra o respeito devido a Jesus Christo o crêr que elle não fosse ouvido por seu Pai quando lhe pedia coizas que dependião da vontade dos homês e não da sua.*

4.

*Jesus Christo não morreo somente pellos Predestinados, nem só por alguns reprobos; porem morreo, e morrendo orou pella salvação de todos sem excepção, e por tudo quanto lhes era necessario para se salvarem.*

## Doutrina sobre a Graça e liberdade

### Protestantes

1.

Sem a Graça de Jesus Christo não podemos nem querer nem fazer bem algum; e tudo quanto fazemos sem a Graça he peccado.

2.

A Graça que he necessaria para toda a acção de piedade, não he hũa Graça que esteja submettida à nossa vontade, antes a submete; e não nos dá somente o poder fazer se queremos, opera effectivamente em nós o querer e o fazer, de sorte que nunca se lhe resiste.

3.

*Todas as Graças que Jesus Christo nos mereço são de tal sorte efficazes que nunca nenhũa dellas se rejeita, antes conseguem sempre tudo quanto nos inspirão e fazem querer.*

4.

*Não só nunca se resiste a nenhũa Graça, mas nem se pode resistir-lhe; o que nasce da força da mesma Graça.*

5.

Deos a ninguém deve a sua Graça e pode sem injustiça ou

### Igreja Catholica

1.

Sem a Graça de Jesus Christo bem nenhum podemos nem querer nem fazer; e tudo o que não nasce da Graça vem da cubiça e hé peccado.

2.

A Graça de que precisamos para toda a acção boa não está sujeita à disposição da nossa vontade; antes pella sua força e doçura a submete e sujeita. E não nos dá somente o poder de fazer o bem se queremos; oppera effectivamente em nós o poder e o fazer, de sorte que, nunca se lhe resiste.

3.

Todas as Graças mesmo interiores que Jesus Christo nos mereço, não são tão efficazes que algũas vezes se não resista a algũa, a qual ainda que produza alguns desejos, não produz sempre o bem total a que se dirigia.

4.

Ainda que nunca se resista à Graça effica, contudo sempre podemos resistir-lhe; e se nunca se lhe resiste, isso nasce da força da mesma Graça.

5.

Deos não deve a sua Graça a ninguém; e sem injustiça pode

### Doutrina dos Pelagianos

1.

Sem a Graça de Deos bem nenhum podemos fazer que seja digno de vida eterna. *Porem nem tudo o que não vem da Graça he peccado.*

2.

*As Graças que Deos nos dá para nos ajudar a fazer o bem, são todas sujeitas à dis posição da nossa vontade que se serve dellas como lhe apraz e nada mais nos dão do que o poder de fazer o bem, se quisermos: mas não operão esse querer e muitas vezes se lhe resiste.*

3.

*Não há Graça interior tão effica, que muitas vezes se lhe não resista; e por maior que seja a Graça que nos move, muitas vezes não consegue ella o bem que nos inspira.*

4.

Nenhũa Graça há à qual se não possa resistir e o não resistirmos muitas vezes vem da nossa vontade.

5.

*Deos seria injusto se negasse a sua Graça aos homês, os quaes*

crueldade negalla a alguns. E com effeito nem a todos a dá, mas sim a quem muito quer.

6.

A Graça jamais nos he concedida em attenção a merecimentos ou disposições algũas da nossa vontade, nem em attenção ao bom uso que Deos em nós previsse. *E nem mesmo se pode merecer por hũa Graça outra.*

7.

*O observar os mandamentos de Deos hé impossível ainda mesmo aos Justos, por mais forte que seja a Graça que lhes assista; e qualquer que seja a boa vontade que tenham, qualquer o esforço que fação, elles nunca tem Graça que lhes faça possíveis.*

8.

Nenhum Justo há neste mundo que não peque algũas vezes; e por maior Graça que tenham não só não merecem, *mas até peccão em todo o bem que fazem.*

9.

*Para hum homem peccar e desmerecer no presente estado, basta que elle obre sem coacção; e não se requer que seja exempto da necessidade de*

recuzalla a todos: e com effeito nem a todos a dá, mas a quem muito quer.

6.

A Graça não nos hé dada em attenção a merecimentos alguns da nossa vontade; nem em attenção ao bom uso que Deos em nós previsse. Porem por hũa Graça pode merecerse outra Graça.

7.

Com o auxilio da Graça efficaz podem observar-se os preceitos de Deos; e hum só não há que seja impossivel, sobretudo aos Justos, que tem hũa vontade forte, e que vigorosamente trabalham pellos observar.

8.

Todo o Justo, excepto a Santíssima Virgem, neste mundo, algũas vezes pecca: porem nas boas obras que faz ajudado da Graça não pecca, antes pello contrario com ellas merece diante de Deos.

9.

Para merecer ou desmerecer no estado presente não basta que se obre sem coacção; hé necessário alem disso que obre sem necessidade de natureza e

*nada podem sem ella. E a todos sem excepção elle a dá e concede.*

6.

*Deos dá-nos a sua Graça em attenção aos merecimentos e disposições da nossa vontade, ou em attenção ao bom uso que elle previo que nos fariamos della, ou mesmo dos dons e forças da natureza; e jamais a recuza àquelles que fazem o que está da sua parte e nas suas forças: e por hũas Graças por consequência merecemos outras.*

7.

Com o auxilio de Deos podem com facilidade guardar-se os seos preceitos. E nenhum há que não seja possível; e o poder de os cumprir nunca falta a ninguém, *quando se querem guardar.*

8.

*Os homẽs podem chegar neste mundo a hũa perfeição tal que nunca pequem.* E tão longe estão de peccarem em todo o bem que fazem, que antes merecem muito diante de Deos.

9.

Para merecer ou desmerecer em qualquer estado que seja he necessário obrar não só sem coacção, mas até sem necessidade de natureza; *e mesmo com*

*natureza que exclue toda a liberdade d'indifferença para outra coiza. Muitos calvinistas tem abraçado já sobre isto o sentimento dos Catholicos.*

10.

Nem a Graça efficaz nem a concupiscência destroem a liberdade essencial, mas somente a de indifferença. E obra-se com liberdade, ainda que sem indifferença, todas as vezes que se obra por impulso da Graça, ou por impulso da concupiscência, havendo deliberação no obrar.

Toda a doutrina exposta hé tirada da sua Confissão de Fé, do Synodo de Dordrech, e da sua Theologia.

com liberdade, e porque se quer obrar; mas não hé necessario obrar com hũa indifferença que dê hum poder igual de fazer ou não fazer, de fazer isto ou fazer aquillo.

10.

A Graça por mais efficaz que seja, assim como a concupiscência, nunca destroem a liberdade essencial da vontade, nem mesmo a de indifferença, que consistem em poder fazer algũas vezes o bem com o auxilio da Graça; outras o mal pella concupiscência. Assim ou se opere o bem pella força da Graça, ou pella da concupiscência se faça o mal sempre se obra liberriamente, quando a isso nos inclinamos por deliberação.

Veja-se Santo Agostinho nas suas obras e S. Paulo, etc.

*hũa liberdade de hũa perfeita indifferença que dê hum poder igual para fazer ou não fazer; fazer isto ou aquillo.*

10.

Graça que fosse efficaz por si mesma destruiria inteiramente o livre arbitrio. E aquelle que obrasse por impulso desta Graça não obraria com liberdade. Porem nunca a Graça ou a concupiscência são tão fortes que nos não deixem liberdade *mesmo de indifferença e hum poder proximo de seguirmos ou o bem ou o mal.*

Tirada de Santo Agostinho nas suas obras contra Pelagio assim como de S. Prospero nas suas obras contra os Semi-pelagianos.

**e) Regras que se devem seguir nas contestações presentes sobre as verdades catholicas**

Não se pode deixar de confessar que os mesmos Catholicos se devidem hoje entre si muito nos seus sentimentos, não só a respeito do uso dos sacramentos e regras de costumes, mas ainda a respeito do peccado original e pena que lhe hé devida, assim como sobre a doutrina da Predestinação e da Graça. As disputas e contestações que sobre estas materias se têm suscitado são mui publicas para poderem dissimular-se. Para pois não nos deixarmos seduzir no meio de tantas disputas poderão servir de muito as seguintes regras.

1.

Assim como a verdade he sempre hũa e indivizivel, assim tambem a doutrina e a crença da Igreja Catholica permanece sempre hũa e a mesma sem que possa ser dividida pelas contestações ou disputas suscitadas. Aquelles que estão na Igreja sim podem dividir-se, porem, devidindo-se nunca devidem a verdade, que no meio ainda das contestações mais fortes permanece sempre a mesma, e se deixa conhecer por todos aquelles que a buscão com humildade e sinceridade.

2.

Quando se suscitão contestações na Igreja, não se pode por isso julgar que a verdade não exista nella já, porem deve-se acreditar que a verdade ahi permanece ainda do mesmo modo entre aquelles que a defendem e seguem, ainda que seja combattida por alguns outros, os quaes se tolerão ainda no seio dos outros Fieis, porque a Igreja não julga sempre a proposito o segregallos, como nem sempre hé conveniente arrancar o joio que nasce com o bom trigo.

3.

Nas contestações que se suscitão nunca he livre e indifferente seguir cada hum o partido que quer, tanto a respeito do que se deve crêr como do que se deve practicar, isto he, tanto a respeito dos dogmas, como dos costumes. Porque nunca pode ser livre não crêr a verdade e a verdadeira doutrina da Igreja, ainda que ella seja contestada; pois a verdade nunca deixa de o ser por mais disputas que se formem, por mais partidos que os Theologos tomem contra ella, avançando e sustentando sentimentos que lhe são oppostos e a obscurassem; bem como nunca o sol deixa de ser o que he, por maiores nevoas que no lo encubirão.

4.

Para no meio destas contestações discernirmos a verdadeira doutrina da Igreja das opiniões e sentimentos puramente humanos que pretendem introduzir-se, hé necessario consultar a palavra de Deos e o sentido em que os Santos Padres no la explicarão; assim como as definições dos Papas e dos Concilios que são conformes à palavra de Deos e à doutrina dos Padres como regra a que se deve conformar.

5.

Se as contestações são mesmo sobre a palavra de Deos, sobre o sentido dos Santos Padres, sobre as definições dos Papas e dos Concilios, que cada hum pretende ter pella sua parte, hé necessario então com hum espirito imparcial e sem afferro a algum partido examinar qual dos sentimentos contestados seja mais conforme não ao raciocinio humano nem aos sentidos que em materia de Religião são sempre péssimos Juizes; mas sim à palavra de Deos e à doutrina dos Santos

Padres, daquelles especialmente que defenderão sobre esses pontos a doutrina da Igreja: E aquillo que a luz do Ceo, a qual se deve implorar com humildade e confiança, mostrar mais conforme a estas primeiras regras da nossa Fé, isso hé o que se deve seguir, até que a Igreja pronuncie hum juizo solemne sobre estas contestações.

6.

Aquelles porem que não têm capacidade para estes exames e para este discernimento, e que não sabem nem crêm senão o que os seus Pastores ou Directores lhes ensinão, estes devem com todo o fervor pedir a Deos que não permita que sejam seduzidos e enganados, mas que lhes dê Pastores ou Directores esclarecidos que só busquem a salvação das almas que têm a seu cargo, sem temerem nunca dizer lhes e ensinar-lhes a verdade.

Porque assim como hé hum effeito singular da misericordia de Deos o ter Pastores e Directores zelosos que ensinem a verdade sem disfarce, assim tambem hé hum terrivel juízo de Deos quando permite que algum em castigo da sua soberba dê entre mãos de Pastores que por corrupção e comprazer, ou por ignorância e negligencia lhes ensinem a mentira e o erro. Hé hum cego que conduz outro cego, mas isso não o excuza, porque, como diz o Evangelho, ambos cahem no precipicio. Felizes aquelles a quem Deos deparar Pastores que os ensinem e instrução sobre as verdadeiras doutrinas da Igreja!\*

#### f) Dialogo entre Teotimo e Filopista sobre a concordia da Graça com o Livre Arbitrio

**Teotimo.** Muito folgo Amigo Filopista de aqui vos encontrar só e desocupado.

**Filopista.** Eu nada menos em vos vêr com tão boa disposição. Pertendeis alguã coisa de mim?

**Teotimo.** Queria communicar-vos hũa difficuldade que muito tempo há me traz pensativo.

**Filopista.** Outros Amigos podereis vós encontrar de mais luzes e conhecimentos do que eu; porem mais fieis eu vos seguro que não: então que difficuldade hé essa?

**Teotimo.** Confesso, Filopista, que este nosso seculo tem sido bem feliz pellos muitos homẽs grandes que efficazmente tem trabalhado por nos explicar as materias sublimes da Graça a quem devemos o ser Christãos; por nos fazer comprehender o que ella seja, e o muito que lhe devemos. Porem ainda hũa difficuldade me resta, a qual me parece insuperável.

**Filopista.** Neste mysterio, Teotimo, assim como em todos os outros da nossa Religião devemos escutar mais as vozes da Fé do que as da razão. Hé necessário dar mais ouvidos aos sentimentos da Igreja e dos Santos Doutores que Deos lhe deo para sustentar a sua Fé, do que aos sentimentos e discursos da nossa razão.

**Teotimo.** Bem vos entendo, vós quereis com razão que neste mysterio da Graça assim como em todos os outros sujeitemos as nossas proprias luzes às da Fé e sigamos sobre este ponto os sentimentos de Santo Agostinho e dos outros Padres que o defenderão ex professo, antes do que os sentimentos que a natureza nos inspira. Essa regra justa hé.

**Filopista.** Pois segui-a à risca; e se não julgardes da Graça de Jesus Christo se não pello que os

---

\* Na parte final da tradução há pequenas alterações que, todavia, não desvirtuam o sentido do texto original.

Santos Padres nos ensinão, nada vejo que deve causar-vos embaraço. Tão bem se têm elles explicado sobre esta materia!

**Teotimo.** Eu sei mui bem que a Igreja muitas vezes tem já declarado que a doutrina de Santo Agostinho a respeito da Graça e do livre arbitrio hé a mesmissima sua, e a que todos os seus Filhos devem abraçar. Reconheço por consequência que no estado de corrupção em que nos achamos para o bem, necessitamos absolutamente de hũa Graça que em nós opere o querer e o fazer; e que seria fazer injuria à Graça de Jesus Christo submetella à nossa vontade. Porem, o que não sei hé concordar isto com a liberdade da nossa vontade, e com o merecimento das açções que a Graça nos faz fazer.

**Filopista.** Não me admira que vos custe a concordar a Graça, que invencivelmente nos attrahe ao bem, com a liberdade e com o merecimento das nossas açções. Santo Agostinho mesmo confessa que bem poucos sabem comprehender de que modo nós sejamos livres quando Deus nos excita e move efficassmente a fazer o bem. *Hoc pauci penetrare valent.* Mas nem por isso devemos deixar de crêr hũa verdade porque a não comprehendemos.

**Teotimo.** A fé, sim, nos obriga a crêr ainda o que não comprehendemos: mas não prohibe que procuremos esclarecer-nos sobre as difficuldades que fazem com que não entendamos o que cremos.

**Filopista.** Tendes razão. Assim como seria mau querer comprehender para crêr: assim também pelo contrario hé bom trabalhar por entender o que se crê.

**Teotimo.** Não se pode logo entender de que modo a Graça por mais victoriosa que seja, se concorde com a liberdade da nossa vontade, e com o merecimento das nossas boas açções?

**Filopista.** Sim, pode. Por isso mesmo que a difficuldade de concordar essa Graça com o livre arbitrio era o que mais difficuldade punha aos Pelagianos para confessarem a verdadeira Graça de Jesus Christo: assim tambem sobre coisa nenhũa trabalhou Santo Agostinho com mais efficacia do que sobre essa concordia.

**Teotimo.** Vós sempre receaes que esta difficuldade diminua a minha fé, e me obrigue a não reconhecer a Graça victoriosa. São isso effeitos da vossa charidade, mas por esta mesma vos peço me não recuseis as luzes que vehementemente vos imploro.

**Filopista.** Toda a difficuldade que o nosso espirito acha em concordar a Graça com a liberdade vêm da falsa idea que ordinariamente fazemos de liberdade e livre arbitrio.

**Teotimo.** Pois a liberdade do homem não consiste em hum poder igual, que todos temos, de querer e de não querer, ou de querer hũa coisa ou outra; de sorte que dependa unicamente da nossa escolha o fazer ou não fazer; e o fazer hũa coisa ou outra?

**Filopista.** Essa idea parece-me mais digna de hum Pagão, que não conhece a liberdade que Jesus Christo nos mereceo pella sua morte que de hum Christão, que sabe que todo o homem nasce escravo do pecado, e que só à Graça de Jesus Christo devemos toda a liberdade que possuimos para querer ou fazer o bem.

**Teotimo.** Pello contrario me parece tanto mais justa e Christãa quanto com ella mais facilmente concorde o livre arbitrio com a Graça.

**Filopista.** E chamais vós Christãa hũa idea de liberdade que não se concorda com a Graça senão destruindo-a?

**Teotimo.** Quê? Esta idea de liberdade destroe a Graça? Explicae-me como.

**Filopista.** Nada mais fácil de comprehender, que se a liberdade consiste unicamente em hum poder igual de escolher de duas coisas hũa; então tanto menos igual ou forte será esse poder quanto mais fortemente algũa coisa nos fizer propender e inclinar mais para hum objecto do que para o outro; e por consequencia se a liberdade da nossa vontade consiste nesse poder, então tanto menos liberdade teremos, tanto menos até mesmo mereceremos, quanto mais fortemente a Graça de Deus nos fizer inclinar para o bem e fazello. Logo similhante definição de liberdade destroe totalmente a Graça e o merecimento de nossas acções, pois que ella disputa à Graça o poder de nos determinar efficassmente ao bem e affastar do peccado.

**Teotimo.** Essa demonstração não deixa de me tocar. Assim como seria hũa horrivel blasfemia o dizer que a Graça não nos aparta do mal e nos não dá hũa inclinação para o bem maior que a que nós temos para o mal: ou o que vem a ser o mesmo, que quanto mais forte hé a Graça que nos faz obrar o bem, tanto menos livre seja a nossa liberdade: assim também não sente christamente a liberdade do homem aquelle que a faz consistir unicamente no poder proximo e igual de obrar ou não obrar, ou de escolher entre duas coisas hũa, cujo sentimento destroe inteiramente a Graça e o merecimento das nossas acções. Porque toda a Graça, qualquer que seja, por sua natureza nos inclina sempre para o bem, desviando-nos do mal; e por consequência toda ella diminue no nosso coração a inclinação que tínhamos para o mal, de maneira que actualmente e enquanto ella nos inspira, não podemos já commetello com a mesma facilidade com que antes o commetiamos, quando a nossa vontade andava abandonada a si mesma. Mas qual hé logo a idea que os Christãos devem formar do livre arbitrio?

**Filopista.** Aquella que melhor se conformar com a Graça de Jesus Christo e com o que nos ensinão aquelles que sustentarão esta Graça.

**Teotimo.** Concedo: mas qual hé a idea que mais perfeitamente se conforma com a Graça de Jesus Christo e com o que nos ensinão os Santos Padres?

**Filopista.** Como a liberdade consiste em ser cada hum Senhor das suas acções para as fazer, quando quer; ou não fazer quando não quer; não se pode dar idea mais perfeita da liberdade da nossa vontade do que aquella que no la representa com hum imperio tão absoluto sobre as suas proprias acções, que ella nunca obre senão quando quer e porque quer; e nunca deixe de obrar se não quando não quer. E eis a idea que nos dá Santo Agostinho de liberdade o qual conclue dahi que nada há mais livre do que o nosso querer, o qual não sendo se não quando nós queremos, depende necessariamente da nossa vontade.

**Teotimo.** Então se bem o comprehendo a liberdade da nossa vontade segundo Santo Agostinho consiste essencialmente não em obrar ou não obrar, nem em fazer hũa coisa ou outra; mas sim em obrar porque se quer obrar, e quando se quer; e em fazer isto porque se quer fazer e não aquillo. Parece-me essa explicação muito natural: mas donde vêm que os antigos Philosophos a não tiverão?

**Filopista.** A primeira idea que os mesmos Philosophos tiverão da liberdade da nossa vontade foi que ella hé o principio das suas acções, e quem a determina a fazellas: o que equivale a dizer que a nossa vontade quer, porque quer, e quando ella quer, que hé o que diz Santo Agostinho.

**Teotimo.** Agora me lembro que os Philosophos e os Padres Gregos exprimem ordinariamente o livre arbitrio pella palavra *antexousia* que não significa outra couza se não o poder de obrar por si mesmo. E hé tambem certo que, quanto à vontade, ter poder sobre as suas acções, ou obrar por si mesma, nada differe do obrar porque quer e quando quer. E portanto a idea que Santo Agostinho

nos dá da liberdade da vontade hé perfeitamente a que nos dão os Philosophos e Padres Gregos. Mas então logo segundo essa explicação – Ser livre não hé outra coiza senão sér voluntario e tudo o que hé voluntario hé livre?

**Filopista** Sem duvida, se por voluntario se entende o que fazemos com hum perfeito conhecimento, pois que a vontade para nenhũa outra coiza nos foi dada senão para querer o que (a) razão lhe propõe para querer.

**Teotimo.** Eu comprehendo optimamente bem que tudo o que hé livre hé voluntario e que nada hé propriamente voluntario se não aquillo que se faz com conhecimento; e essa a razão por que as acções dos brutos, dos meninos, e dos loucos deixam de ser voluntarias ou exercitadas pella vontade, por isso mesmo que as fazem sem conhecimento do que fazem. Comprehendo tambem que para hũa coiza ser voluntaria, não basta não ser constrangida; e que hũa acção pode ser feita sem constrangimento e não ser voluntaria, como são as acções dos brutos e dos loucos, que obram sem violencia sim, mas sem razão. Mas o que ainda não posso nem sei perceber, hé de que modo tudo o que hé voluntario seja livre; pois que muitas acções da vontade vemos nós, que não obstante serem voluntarias, contudo se obrão necessariamente. Por exemplo, o amor com que Deus se ama e com que os Bemaventurados o amão hé um amor necessario; pois que Deus não pode não se amar; nem os Bemaventurados não amar a Deus. Ora concordai lá o necessário com o livre; e a liberdade com a necessidade.

**Filopista.** Santo Agostinho distingue duas sortes de necessidade; hũa quando a coiza acontece quer nós queiramos, quer não, como são a necessidade de morrer e os movimentos indeliberados que não dependem nem procedem da nossa vontade. A liberdade jamais se pode compadecer com esta necessidade. A outra hé quando a coiza se faz tão necessariamente que não pode deixar de se fazer, e contudo se faz, porque se quer fazer, como o amor com que Deus se ama e com que os Bemaventurados o amão. Deus ama-se porque quer amar-se, ainda que não possa deixar de se amar; os Bemaventurados amão a Deus, porque o querem amar, e querem-no tão fortemente que nunca podem deixar de o querer. Logo o que vos não deixa perceber de que modo hũa acção seja livre, ainda que seja necessaria, hé a confusão que fazeis da necessidade de natureza, que hé quando algũa coiza se faz independentemente da vontade, com a necessidade da vontade, que hé quando algũa coiza se faz, porque se quer fazer, e se quer tão fortemente que nunca se pode deixar de querer.

**Teotimo.** Supposta essa distincção comprehendo já sem difficuldade que só o que hé necessario por necessidade de natureza hé que não hé livre nem depende de nós, pois que nada depende de nós se não aquillo que nós fazemos, porque o queremos fazer: mas não assim aquellas coizas que são necessarias por necessidade chamada de vontade, pella qual nós as fazemos necessariamente porque queremos, ainda que não possamos deixar de querer; estas nunca deixam de ser livres. E como concebo claramente que esta necessidade de vontade não destroe a liberdade, a qual consiste essencialmente no imperio que a nossa vontade tem sobre todas as suas acções, as quaes nunca existem senão porque ella quer e quando quer; também já para mim não hé difficuloso de comprehender que não repugna que hũa acção seja livre, ainda quando necessaria; como claramente se vê no amor com que Deus se ama a si mesmo, e com que os Bemaventurados o amão. Este amor hé necessariamente livre, porque nasce da vontade que Deus tem de se amar, e nunca pode deixar de se amar, porque nunca pode deixar de querer amar-se. Hé também ao mesmo tempo necessario; porque nunca pode acontecer que Deus não queira amar-se ou os Bemaventurados amar a Deus. Porem

ainda hũa difficuldade me resta, e vem a ser, se alem dessa liberdade que hé inseparavel da vontade e lhe hé essencial, existe em nós também essa que se chama de indifferença?

**Filopista.** Se por liberdade de indifferença se entender hũa liberdade, pella qual a nossa vontade possa inclinar-se ou para hum ou para outro objecto, à proporção do modo com que lhe são propostos pella razão ou da maior ou da menor impressão que nella fazem; ninguém poderá negar que em todos os homens emquanto viverem neste mundo no meio dos bens e dos males que os cercão e sujeitos à inconstância que lhes faz querer ora hũa coiza, ora outra, exista essa liberdade

**Teotimo.** E em que consiste essa liberdade de indifferença que não recuzaes reconhecer? Hé acaso differente daquella que por modo nenhum quereis admittir, que consiste em podermos sempre escolher entre dois objectos aquelle que quizermos?

**Filopista.** Hé grandissima a differença que há entre estas duas liberdades. Porque a liberdade ou poder que hũa creatura tem de amar hum objecto para que propende; ou seja pello modo com que a razão o propõe à vontade ou pella impressão que nella forma (cauza) esse objecto; não exige nem suppõe que no mesmo ponto em que elle se determina a amar esse objecto, possa de repente e ao mesmo tempo deixar de o amar e amar outro opposto; de sorte que sempre hé livre, ainda mesmo quando a sua vontade o determina seja ao bem, seja ao mal. Porem a outra liberdade suppõe e pertende que ainda mesmo existindo ainda (sic) todos os motivos que nos movem a obrar; e no mesmo momento em que a vontade vai a determinar-se a querer hũa coiza; possa ella absolutamente determinar-se a querer outra, não obstante os motivos que ainda existem para querer a primeira. O que de modo nenhum se pode concordar nem com a Graça, a qual nos faz querer o bem, nem com a concupiscencia que nos leva a querer o mal.

**Teotimo.** Pois não nos diz o Concilio de Trento que o homem ainda quando hé movido pella Graça, pode, se quizer, rezistir-lhe e fazer o mal? Assim como por mais forte que seja a paixão que o puxe (arraste), sempre elle pode não obedecer-lhe e fazer o bem?

**Filopista.** Sim, e hé isso hũa verdade conforme ao que nos dizem os Santos Padres que o homem por mais forte que seja a Graça, que o previna e faça querer o bem, conserva sempre o poder de fazer o mal immediatamente que a Graça cesse de o mover; mas não no acto em que ainda lho faz querer. E hé também indubitavel que nos podemos, se quisermos, rezisitir sempre á Graça, por mais forte que ella seja; pois que se não lhe rezistimos hé porque não queremos; e se o não queremos hé porque a Graça no-lo não deixa querer, fazendo-nos querer o bem. Ora e pode-se acaso não querer actualmente hũa coiza, hum bem, que actualmente se quer e se deseja? Com o que fica sendo igualmente certo que por mais forte que seja a paixão que nos arrasta ao mal, nós podemos não a seguir e praticar o bem, se a Graça vier em nosso socorro, e for tão forte que vença essa paixão. Porem dizer que sem o socorro da Graça isto possa ser, seria hũa impiedade Pelagiana, assim como seria hũa extravagancia o acreditar que a Graça não falta a hũa pessoa que hé dominada pella sua concupiscencia e por ella arrastrada (sic).

**Teotimo.** Confesso com effeito que hé tanto mais fácil de concordar com a Graça efficaz e com a cubiça dominante a primeira liberdade de indifferença seguida pellos Discipulos de S. Thomas, do que a outra defendida por Molina e seos sectarios, com a qual os Pelagianos combatião a doutrina de Santo Agostinho sobre a concupiscencia e a Graça. Porem não deixo de confessar tambem que esta segunda liberdade hé mais natural e mais propriamente lhe compete o nome de liberdade de indifferença, do que a primeira da qual parece improprio hum semelhante nome.

**Filopista.** Sou da vossa opinião, e reconheço convosco que esta segunda liberdade de indiferença hé muito mais conforme aos sentimentos da natureza; os quaes não reconhecem nem a desordem em que o homem cahio pello seo peccado, nem a necessidade que elle tem de hũa Graça que lhe fassa querer e fazer o bem; e esta segunda liberdade de indiferença hé com effeito tão natural que foi com ella que os Anjos e os homens forão por Deus creados, deixando ao seu poder e vontade o perseverarem na innocencia se quizessem. Porem mudando elles de estado pello seo peccado, e ficando a sua vontade inteiramente sujeita à lei do mesmo peccado; se a Graça a não liberta; de necessidade devemos discorrer sobre o estado em que se acha presentemente a nossa liberdade de hum modo mui differente daquelle em que ella estava quando nenhũa paixão a dominava, e que ate mesmo o uso da Graça dependia totalmente da sua vontade. Os Pelagianos por isso sustentavão com tanta força esta segunda indiferença, porque não querião reconhecer nem a corrupção da natureza, nem Graça algũa que não fosse submettida à nossa vontade. Porem vós, Teotimo, eu não posso crer que queiraes seguir o partido destes inimigos da Graça. Estou muito certo da veneração que consagraes à doutrina dos Santos Padres e sobretudo à de Santo Agostinho, a qual nestas materias hé a mesma da Igreja.

**Teotimo.** Eu certamente a venero muito, e reconhecendo com este Santo Doutor a fraqueza em que o homem ficou pello seo peccado, e a necessidade que tem para se vencer de hũa Graça que domine e subjugue a sua concupiscencia e se apodere da sua vontade, somente quereria que tiveses a bondade de me explicar de que modo seja verdadeiramente livre e virtuozo e digno de louvor e recompensa todo o bem que fazemos pello movimento desta Graça, e de que todo o mal que fazemos pello movimento da nossa concupiscencia se lhe possa chamar hũa acção livre, vicioza e digna de castigo, hũa vez que a liberdade de indiferença de que tratamos nos não assiste em todas as nossas acções.

**Filopista.** Sendo certo que esta liberdade de indiferença não hé senão um estado da nossa liberdade, a qual por modo nenhum constitue a sua essencia, e que outra liberdade existe que seja essencial à nossa vontade, e que dela hé inseparável, a qual, como temos explicado, consiste em não obrar senão porque queremos, e quando queremos, fica fácil de perceber que para hũa acção se chamar essencialmente livre e por consequencia virtuosa ou viciosa e digna de premio ou castigo, basta precisamente que ella proceda da nossa vontade, e que seja feita porque nós a queremos fazer. Quem ousará por exemplo dizer que as blasfemias que os demonios continuamente vomitam contra Deos, não sejam hũas impiedades viciosissimas e dignas de hũa execração eterna? E pello contrario quem poderá pensar que o amor com que Deos se ama a si mesmo e com que os Bemaventurados o amão, não sejam actos da mais perfeita de todas as virtudes, dignos de hum eterno louvor? E contudo em nenhũs destes actos entra o mais leve influxo da liberdade de indiferença e a única razão por que se reputão esses actos dignos de louvor ou vitupério, não hé outra senão o nascerem todos elles da vontade como principio que os forma. Fica logo claro pellos exemplos do amor com que Deos se ama e com que os Bemaventurados o amão, que basta esta liberdade essencial pella qual todos os nossos actos provêm da vontade, e tudo quanto fazemos o fazemos porque queremos: basta isto para se poder dizer que todas as nossas acções são livres e por consequencia viciosas ou virtuosas e dignas de premio ou castigo. O mesmo Santo Agostinho se servia destes exemplos para provar contra os Pelagianos que para que hũa acção seja livre não hé necessário que ella se possa deixar de fazer ou fazer a contraria. Com isso não quero dizer-vos, Teotimo, como já vos disse, que eu não reco-

nheça nos homens enquanto vivem neste mundo esta liberdade, do modo que vo-la expliquei. Todas as nossas acções livres são feitas nesta vida não só com aquella liberdade que hé essencial à vontade, mas também ainda com essa liberdade de indiferença, que não hé senão hum puro estado della.

**Teotimo.** E que me dizeis do merecer ou desmerecer? Basta para isso que as nossa acções nasção da nossa liberdade?

**Filopista.** Se considerarmos o merecimento absolutamente, e sem relação algũa ao nosso estado e à ordem que a Providencia Divina estabeleceo de não premiar, nem castigar senão aquellas acções que durante a vida fizemos, pois que a Gloria hé para os Bemaventurados o complemento de todos os seus trabalhos, a sua ultima recompensa e a sua soberana e ultima felicidade, assim como a condemnação eterna e ultimo supplicio, e a ultima e mais deploravel desgraça para os Ímpios, considerando, digo, o merecimento *in se* e absolutamente e sem estas relações, parece que o que basta para fazer com que hũa acção seja verdadeiramente virtuosa e louvavel, deveria tambem bastar para a fazer digna de premio e recompensa. Se hũa acção, para que seja verdadeiramente livre, virtuosa e louvavel, basta que proceda da vontade, e que seja feita porque a queremos fazer, como fica ponderado, por que razão não há-de bastar tambem isso da parte da liberdade para fazer com que esta acção seja digna de recompensa e meritoria?

Em Jesus Christo vemos nós hũa prova bastantemente clara e convincente disto. Todos sabem que elle não podia deixar de obedecer a seo Pai, e contudo ninguem deixa de confessar que elle por esta sua obediencia prestada a seo Eterno Pai mereceo todas as Graças de que foi enriquecida a sua humanidade, assim como para os homens nos mereceo a Redempção.

He logo claro e evidente que absolutamente falando pode com effeito merecer-se, e que effectivamente se tem merecido por acções feitas sem essa liberdade de indiferença para fazer ou não fazer, como vemos em Jesus Christo em que não podia haver similhante indiferença a respeito da obediencia que devia a seo Pai, nem a respeito do amor que elle tinha para com a Justiça, por cujo amor elle era incapaz de peccar; e não obstante isso elle mereceo; e mereceo da parte da sua liberdade, porque ainda que não fosse indifferente para obedecer a seo Pai ou não obedecer, para amar a Justiça ou não a amar e peccar, contudo elle não obedecia a seu Pai senão porque queria, e não amava a Justiça senão porque queria amalla, isto hé, o seo amor para com a Justiça provinha da sua vontade, e por consequencia era essencialmente livre. Porem como no estado presente em que nos achamos, e durante o curso da presente vida à qual só Deos se dignou ligar os nossos merecimentos, jamais obramos só por esta liberdade puramente essencial, mas sim juntamente com esta, por hũa liberdade que pode querer ou hũa coisa ou outra, e que se pode chamar de indiferença, por isso mesmo que a nossa vontade nunca jamais se inclina de tal sorte por hum objecto que não possa inclinar-se tambem para outro, quando quiser; por isso devemos confessar que sem esta liberdade de indiferença não há merecimento nas nossas acções, pois que para merecermos ou desmerecermos he necessario estarmos no estado de Viajantes, em cujo estado nunca de nós se aparta essa liberdade e lhe hé inseparável.

**Teotimo.** Estou já extremamente satisfeito, Filopista, com as luzes que me tendes communicado e com o entendimento já inteiramente esclarecido, comprehendo perfeitamente qual seja a liberdade necessaria para merecer ou desmerecer; de que modo, sem hum poder proximo de obrar ou não obrar, de fazer ou não fazer, possa haver merecimentos nas nossas acções. Comprehendo tambem já de que modo a Graça não destrói a liberdade, mas antes se liga perfeitamente com ella,

pois que por mais forte que seja a Graça que nos mova, a nossa vontade sempre obra porque quer; o que constitue a essencia da sua liberdade; e que ainda mesmo na occazião em que ella hé prevenida pella Graça mais poderosa para fazer o bem, ella retem sempre em si o poder de fazer o mal, assim como realmente o faz logo no momento em que a Graça a abandonna e a deixa a si mesma. Não hé isto em suma o que me tendes explicado e o que entendeis?

**Filopista.** Sim, Teotimo, porem não penseis que isto sejam sentimentos só meos. Hé doutrina de Santo Agostinho e de todos os seos verdadeiros discipulos; e he deste modo ainda que elles defenderão a Graça de Jesus Christo contra os seos inimigos, ensinando que ella de modo nenhum offende a nossa liberdade; antes pello contrario, assim como he ella e só ella que nos dá a liberdade para o bem, pois he só ella quem no lo faz querer – e para o querer de todo perdemos a liberdade – *Liberum arbitrium ad bonum primi peccati granditate perdidimus* (S. Ag. Ad Vital n.º 12) – assim tambem quanto mais forte e poderosa for esta Graça Divina que nos allicia, tanto mais perfeita fica sendo a liberdade da nossa vontade.

**Teotimo.** Dou vos as devidas Graças por tão saudaveis instruções; peço vos agora que oreis por mim a nosso Senhor para que elle se digne de fazer que eu viva unido inseparavelmente à sua Graça; e seja este o ultimo favor que por agora vos rogo.

Fim

